REVISTA DA SEMANA

Nº 18 6-5-50 Cr$ 3,00 em todo o Brasil



NO TEXTO:

"BOA-VIZINHANÇA" NOS TEATROS

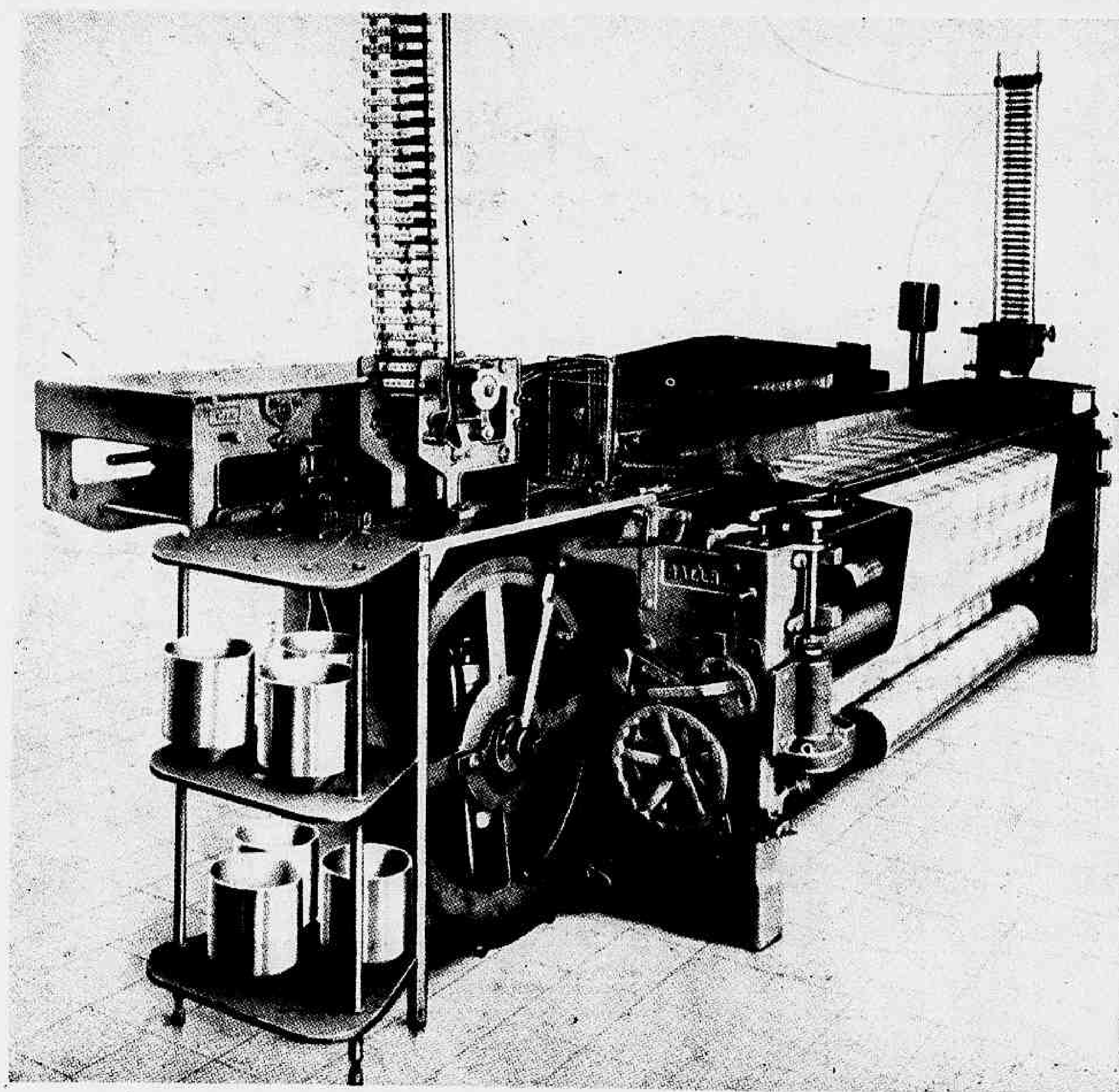
★

NOIVAS DE MAIO

1200 TEARES - 100 OPERARIOS

A PENICILINA DA INDUSTRIA TEXTIL

BALLBE



MÉTIER BALLBE POUR DRAPERIES LOURDES · ARMURE 24 LAMES Pas fermé, Dérouleur d'ensouple automatique 12 COULEURS PICK-PICK EN TRAME (Toutes fibres)

SOCIÉTÉ DE CONSTRUCTIONS MÉCANIQUES BALLBÉ Société à Responsabilité limitée au Capital de 10 000 000 Francs

R. C. Seine 327 376 B · 8, Boulevard de Vaugirard — PARIS-XV° · Tél. SUFfren 44-03

CAIXA POSTAL 2885
RIO DE JANEIRO

Tear automático contínuo sem lançadeira BALLBE

O tear mais moderno e mais eficiente.

Economiza mão de obra: 12 teares por operário.

Para tecidos finos ou grossos de algodão, lã, linho, juta, sisal, seda ou qualquer fibra única ou em conjunto.

144 batidas por minuto.

Muito menos peças do que os teares comuns.

Não precisa de operárias especializadas.

Trabalha em pic-pic até 24 liços e com Jacquard.

Silenciosos e sem vibração.

Um tear com 200 cms entre pentes utiliza 3/4 de cavalo de força motriz, menos de 1/3 de energia do tear comum.

Não necessita de alterações no urdume.

Fabricação em série nos tamanhos 160 e 200 cms.

Preço razoável.

UM CHÔRO EM TRES CONTINENTES

De CELESTINO SILVEIRA (Enviado especial da REVISTA DA SEMANA á EUROPA)



PARIS, abril (Via Air France) — Podem os senhores avaliar o que seja uma criança de quatorze meses fazendo manha a 3.000 metros de altura, berrando através dos céus e pulando de continente em continente disposta a ensurdecer quarenta incautos companheiros de viagem?

Foi o que sucedeu durante a travessia que acabamos de fazer do Rio a Paris. Integrando a lista de passageiros, sòzinha, entregue aos cuidados da tripulação, viajava uma bonita criança. Era bonita, apesar de chorona. Deu entrada na cabine, nos braços da aeromoça que, sem demora, tratou de lhe preparar o berço, a rêde em miniatura.

Todos nos preparávamos para "ferrar no sono" reparador da madrugada, até Recife, quando o brotinho fêz ato de presença e abriu os pulmões. Se os motores do "constellation" timbravam em respeitar a lei do silêncio, não lia pela mesma cartilha a garotinha procedente de São Paulo. E chorou valentemente, suplantando o ruído do aparelho. Chorou em Recife durante o almôço, continuou fazendo manha na travessia do Atlântico, fêz uma ligeira pausa para meditação — e para outras coisas — em Dakar, e entrou pela noite adiante, dando trabalho à gentil serviçal de bordo, improvisada em babá no espaço, até Madrid. Foi ainda mostrando a fôrça de seus pulmões brasileiros que passou pelos Pireneus, até o desembarque em Orly, onde nos encontramos à espera do avião do Cairo que nos vai deixar em Roma daqui a duas horas.

Fica o brotinho choramingão aqui na França. E' enorme o alvorôço lá em baixo, nas dependências da Aduana e da Polícia Internacional. Enquanto os passageiros em trânsito, aqui no restaurante, olhamos vagamente a chuva de primavera que vai caindo forte nos jardins do aeródromo e nos servimos do **lunch** regado a champagne, que a Air France fornece com seus votos de boas vindas à Cidade-Luz, lá em baixo tudo é balbúrdia e gritaria. Mas o chôro da garota sobrepõe-se a todos os barulhos. Ela vem gritando desde a Guanabara, atravessou aos berros uma boa região africana e continua, no coração da Europa, a dar trabalho aos pulmões e à garganta. Foi o "show" de bordo.

★

Pois não pensem que alguém se enfezou com o chôro sem lágrimas dessa criança, de olhos vivos e beicinho esticado. O que ela fêz foi divertir-nos, enchendo o tempo da travessia, quando nada se vê pela janela a não ser nuvens. Nem um só passageiro deixou de lhe fazer a côrte. Todos êstes compenetrados homens de negócios e turistas de fina flor lhe fizeram momices, cabriolaram à sua frente, acenderam fósforos e isqueiros, mostrando esquisitas habilidades domésticas. Até os rapazes da tripulação, o comandante inclusive, revelaram suas gracinhas — e verdade, verdade, o brôto só ia com os homens. Mulher não. Quando uma senhora se aproximava tentando um carinho bem feminino, o chôro redobrava. Mas bastava apontar um cavalheiro — e tudo era silêncio. Precocidade!

★

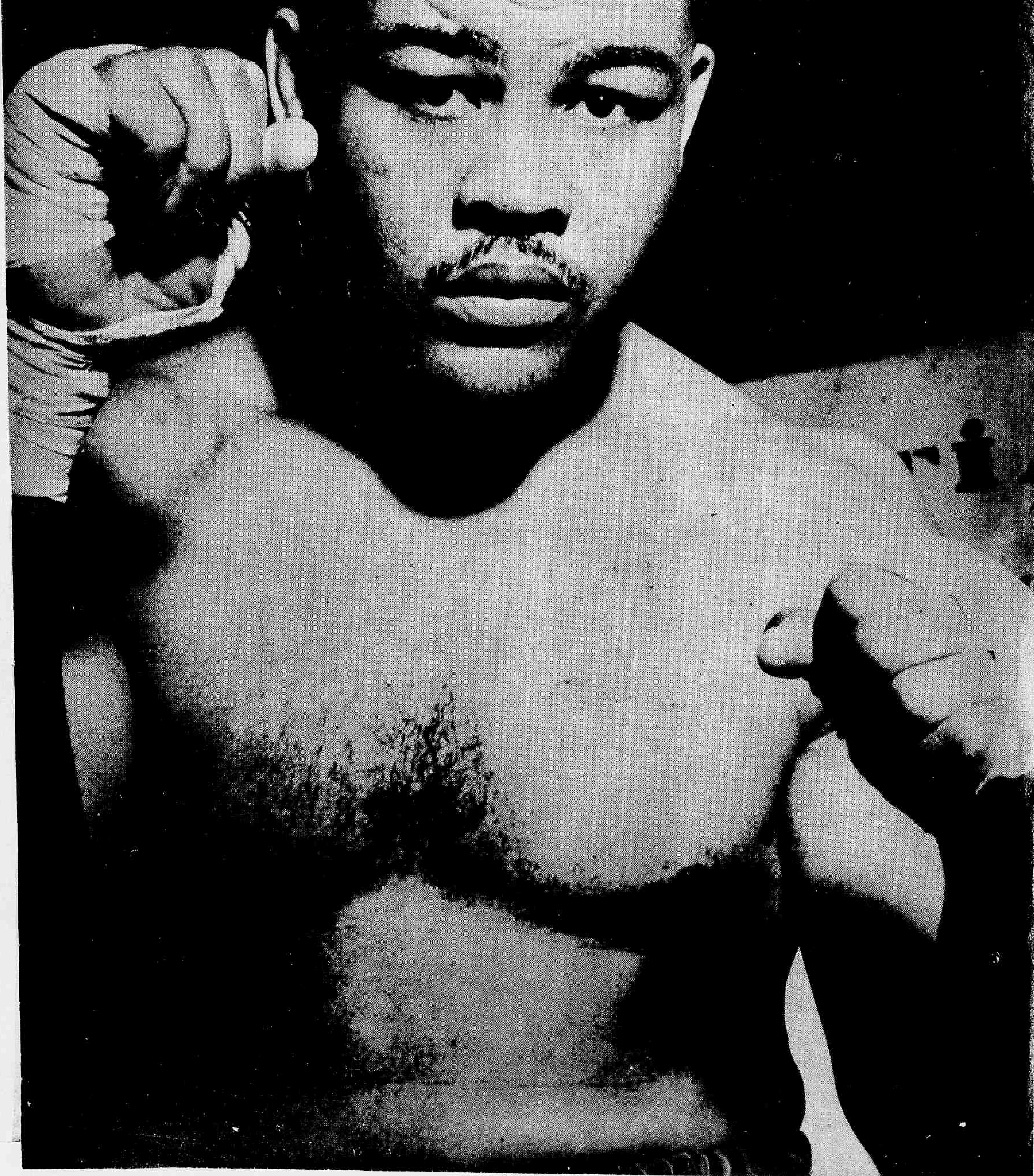
Choros em grande estilo já conhecíamos, além dos de ranchos carnavalescos. Sabem chorar em cima da hora os políticos quando é preciso mendigar votos. E afinal, não mama quem não chora. Mas um chôro atravessar três continentes — êsse nós assistimos pele primeira vêz.

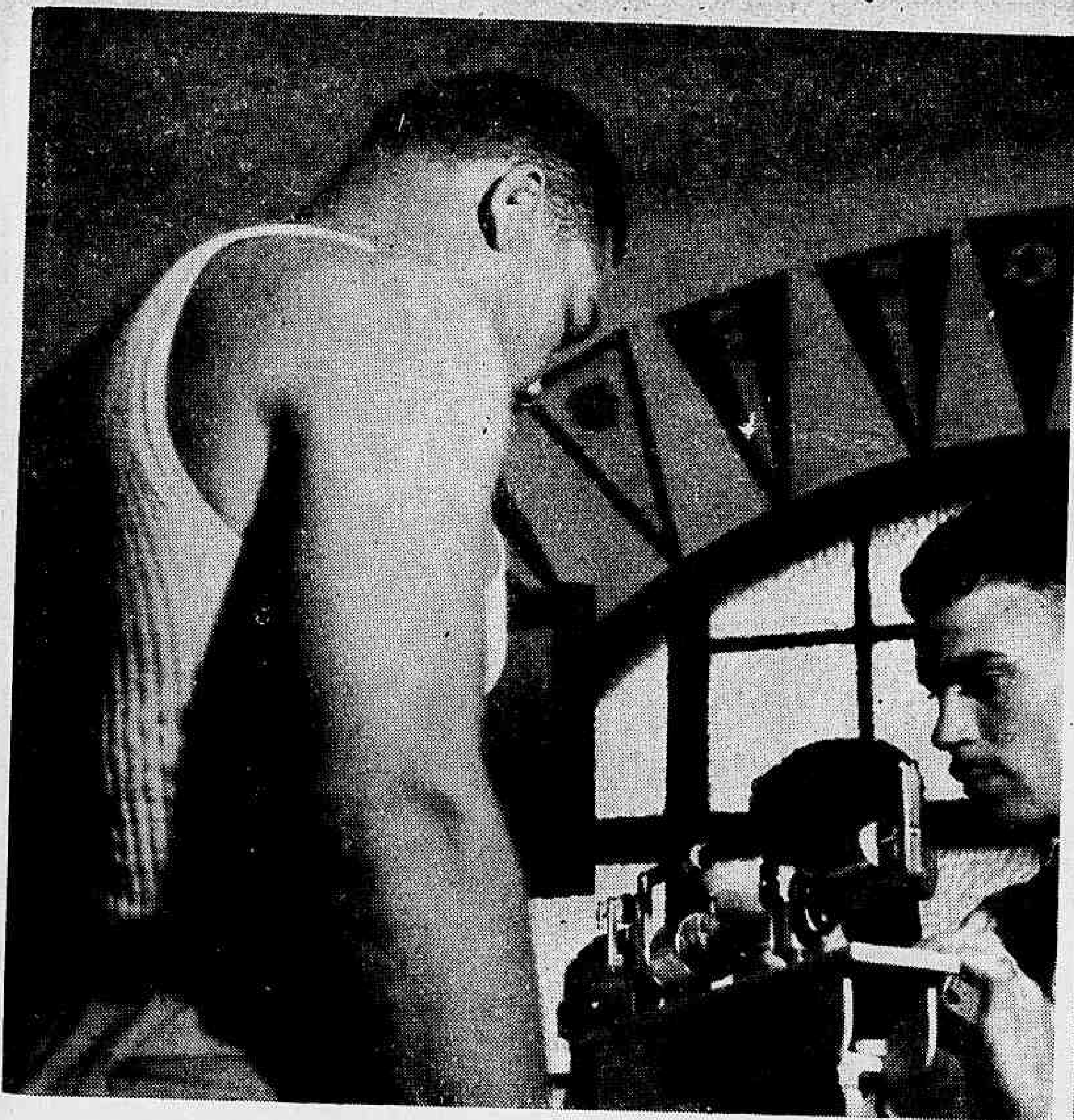
E decididamente as mulheres aprendem a arte de conquistar o mundo, quer dizer o homem, chorando, ainda no berço. Desta vez não foi no berço, foi na rêde do avião.

Algum dia essa criança de hoje há de rir muito, rir até chorar quando lhe fôr lembrada a sua primeira grande aventura aérea.

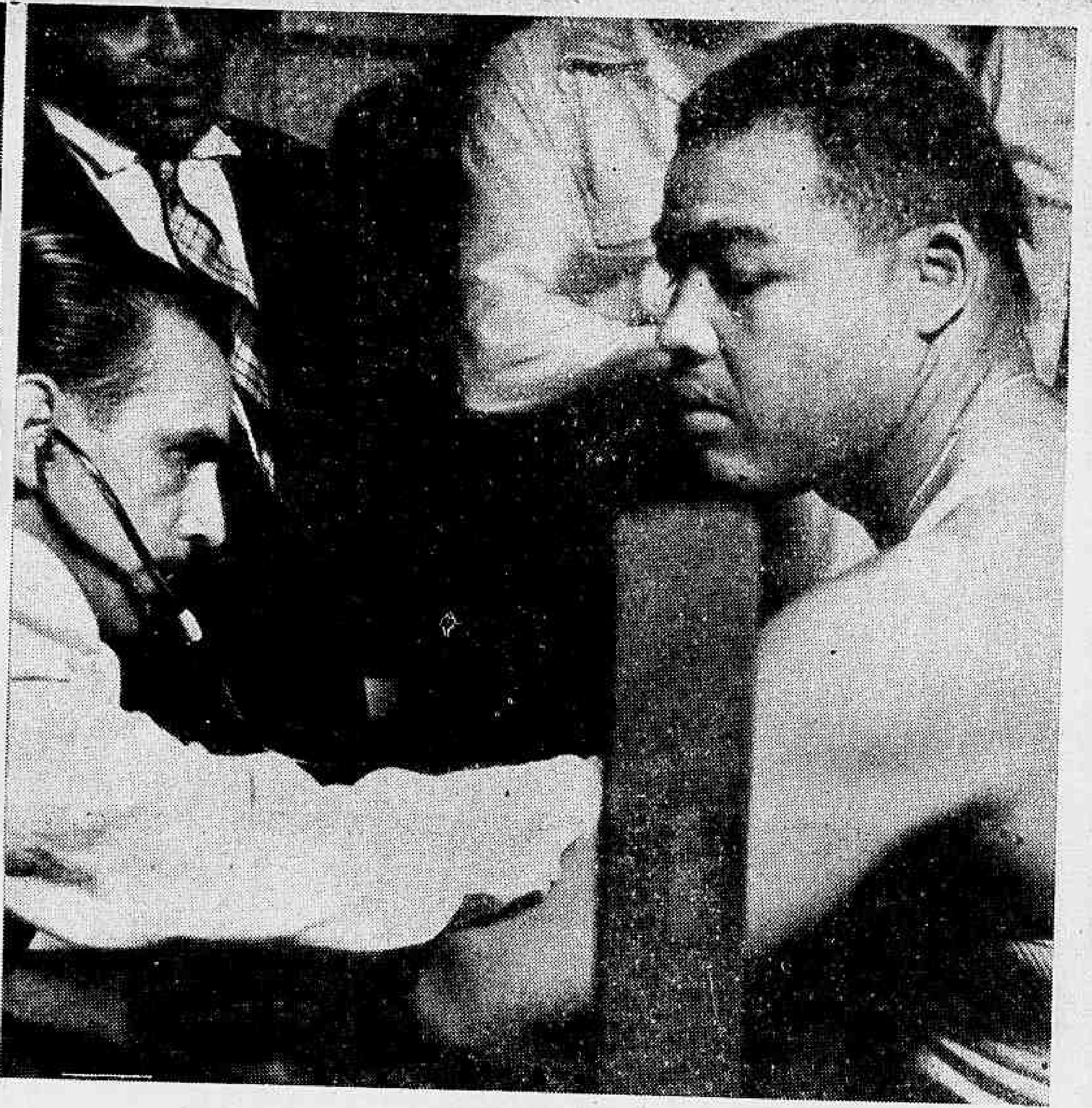


JOE LOUIS
O DEMOLIDOR





107 QUILOS
Joe Louis apresentou-se com alguns quilos a mais do normal, na luta contra o seu primeiro adversário em nosso país. 107 quilos. Mas «O Demolidor» provou que está em forma



CORAÇÃO
Bom — foi o veredicto do médico da F. M. P.. Na vida real, Joe é, de fato, um «bomcoração», embora no ring a sua cara nem sempre seja de amigo. O campeão é um gentleman

JOE, PUNHOS DE AÇO

"Mr. Box" conquista o Rio ★ Joe Louis, o maior esmurrador de todos os tempos, é um homem de bom coração ★ Algumas das melhores e... piores recordações do "Demolidor de Detroit" ★ Joe foi ao teatro, e. . não aceitou o desafio lançado por Mara Rúbia!

Texto de CARLOS DUARTE — Fotos de ADIR VIEIRA

"— Schmelling me fêz voltar até quase onde eu havia começado. Aquela noite de junho de 1936, no Yankee Stadium, foi a pior da minha vida. Supunha ganhar fàcilmente ao alemão, mas êle era sabido..."

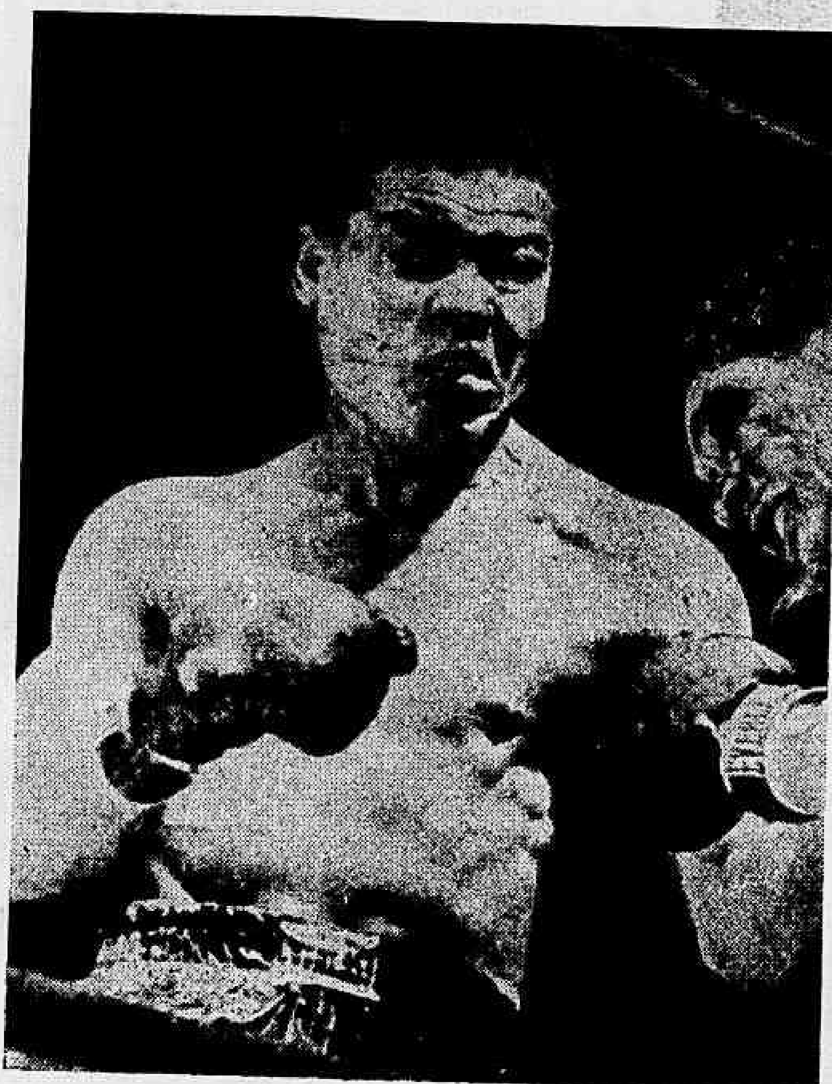
Assim falou Joe Louis ao. repórter, contando-nos algo de sua vida. Joe, como se sabe, no ano passado, depois de vencer a Joe Walcot por "knock-out" no 8º round, abandonou, invicto, o cetro de campeão mundial de box, o mais célebre lutador de quantos até hoje ostentaram o título. A "tournée" que ora faz ao Brasil não tem, pois, mais o significado das grandes lutas; meras exibições do grande campeão, embora essas lutas sejam "no contest", isto é, delas só poderá sair vencedor o contendor que pôr o outro dormindo na lona. As extraordinárias qualidades do campeão, no entanto, como se viu na sua primeira exibição no Rio, contra Walter Hafer, polarizam sempre as atenções do público em qualquer parte do mundo. Joe merece a fama que tem; a sua vida é um paradigma de luta na verdadeira acepção do têrmo, de luta contra o meio e os temíveis adversários que sempre teve pela grente. Era justamente sôbre isso que Joe nos falava, respondendo às perguntas que lhe faziamos. Modesto, êle não gosta de falar de suas proezas. De uma coisa se pode ter a certeza: o esmurrador inigualável, fora do "ring", é um pacato cidadão, um homem de bom coração, educado como nunca se poderia esperar de quem vive ganhando a vida entre tanta violência. Joe é um "gentleman".

★

"— A derrota que sofri na primeira luta com Schmelling eu a tomei como um divisor na minha vida. Quando vi aquela imensa multidão aplaudindo o alemão, percebi, de relance, que meu futuro estava irremediàvelmente comprometido, a não ser que me impusesse ao destino que aquela luta parecia me reservar. Jurei atingir a meta com a qual



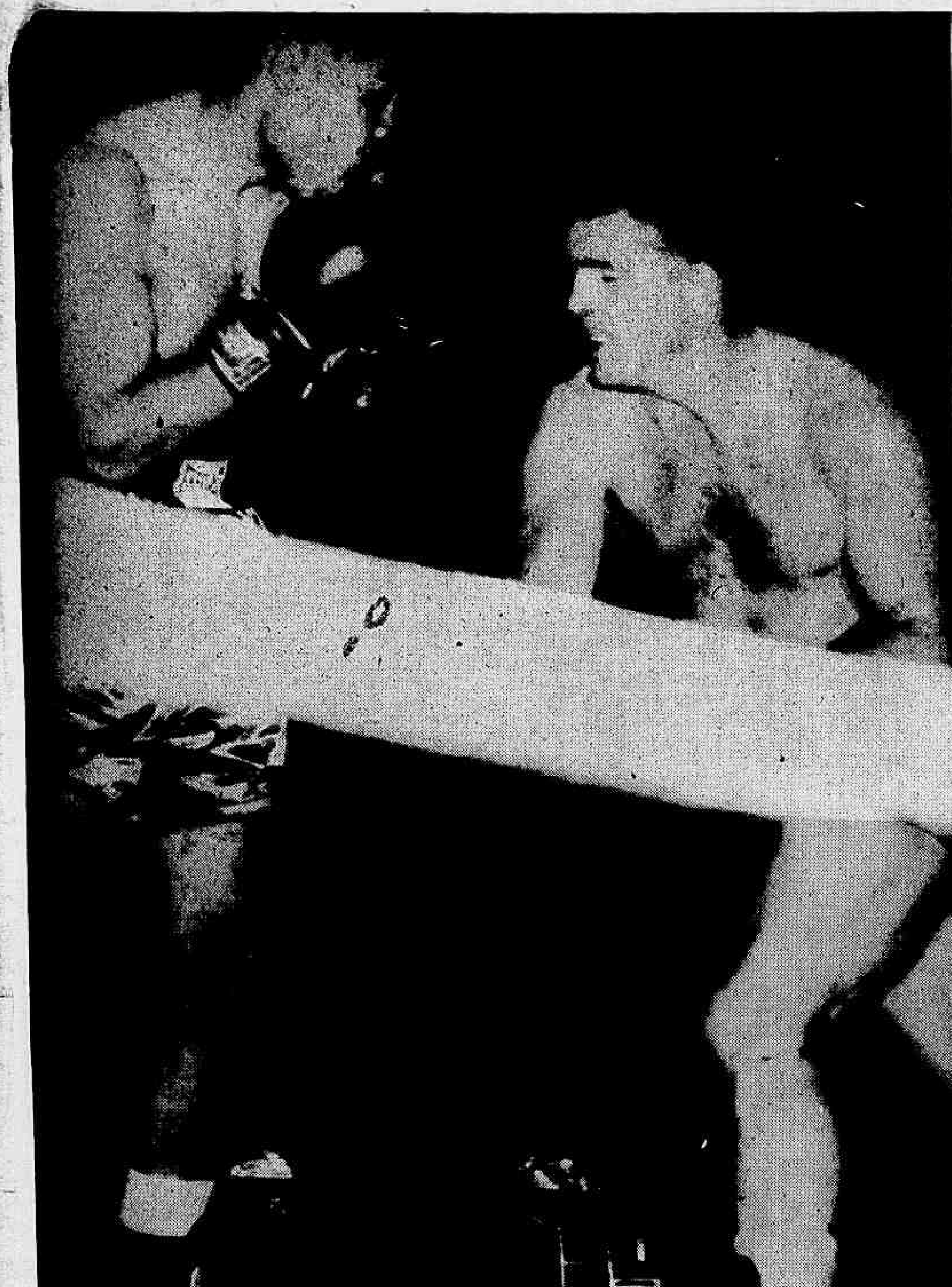
PUNHOS DE AÇO
A famosa «esquerda» de Joe equivale a um pêso de 120 quilos caindo sôbre o adversário. Assim dizem os técnicos. Joe está em condições de conservar o título que abandonou



EM COMBATE
Arturo de Godoy, o campeão chileno, foi um dos lutadores, até hoje, que mais resistiram aos punhos de Joe Louis. Mas, também Godoy, acabou beijando o tablado



O TREINADOR
Mr. Seamons é o treinador de Joe Louis. Mr. Seamons cuida do «Demolidor» com extraordinário desvêlo. Vemo-lo protegendo suas mãos para a luta contra Walter Hafer



NO BOTAFOGO

urou pouco a luta contra Hafer, mas o suficiente para que se observasse a pujança dos unhos de Joe Louis, e sua técnica perfeita. Hafer também é um pugilista de valor



ESQUIVO

guarda de Joe é perfeita. E' difícil atingi-lo, mesmo nos momentos mais acêsos da luta. ando com uma calma absoluta, leva o adversário para onde quer. Ainda é o rei do box



GIORGIO

Tommy Giorgio, quando esta reportagem estiver nas bancas, já deverá ter lutado contra o campeão e o resultado já será conhecido. Giorgio tem 23 anos e é um boxeur de futuro



ANTES DA LUTA

Vemos no ring, antes do início da luta, Joe e Walter Hafer, e ao centro, o Juiz Matesco. Ao lado de Hafer aparece o antigo campeão pêso-pesado brasileiro, Antônio Carriço



O PÚBLICO

Uma grande assistência acorreu ao campo do Botafogo para assistir a estréia de Joe. O público cercava o ring, horas antes do início da luta. Gente até sentada pelo gramado...



Perdeu para Joe mas tem ainc atualidade. Já lutou com Ezar



Mr. Marshall, o manager de nhos do adversário de seu

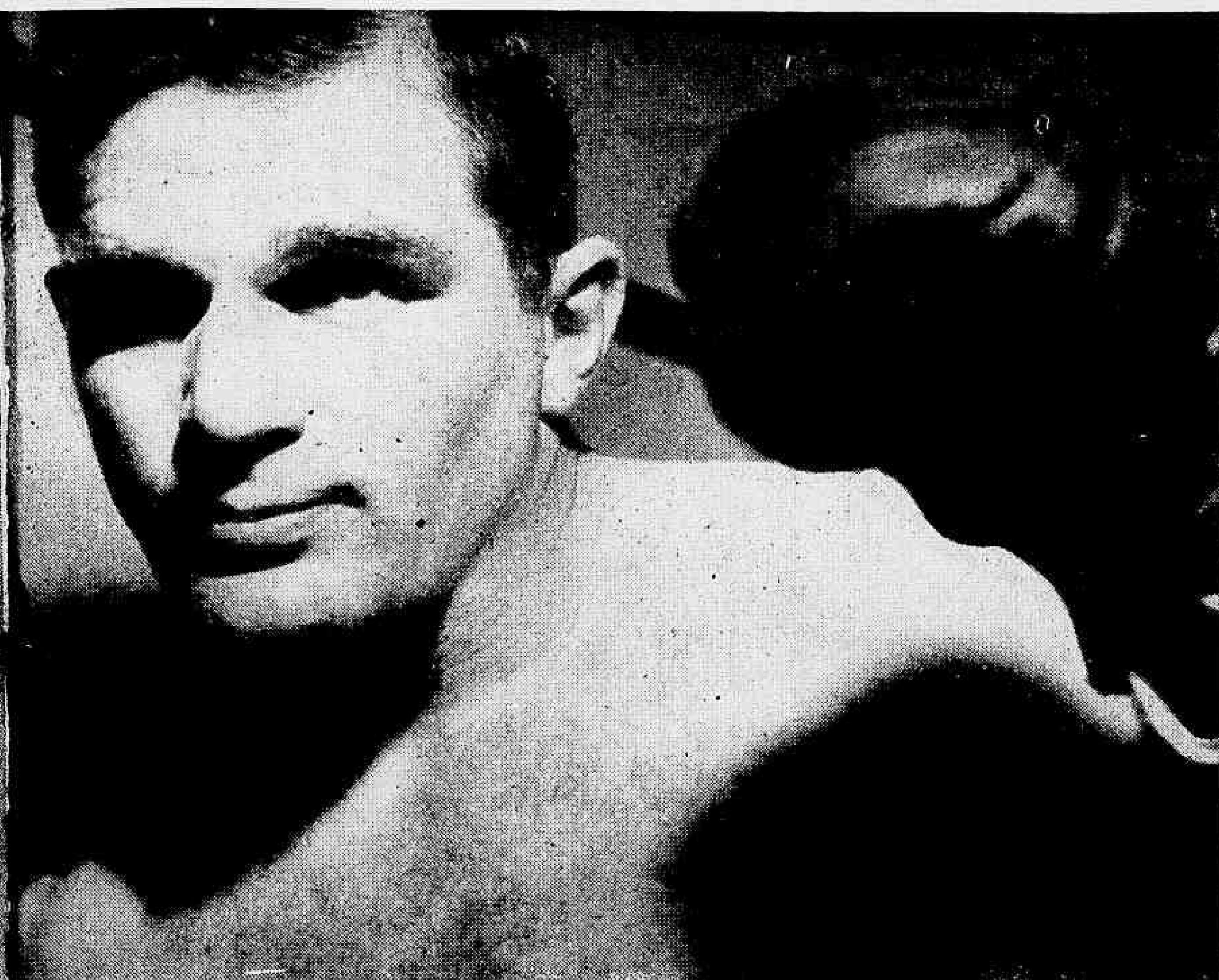


As bilheterias acusaram a renc táculo de futebol. E os mais



O

nas bancas, já deverá ter lutado contra
o tem 23 anos e é um boxeur de futuro



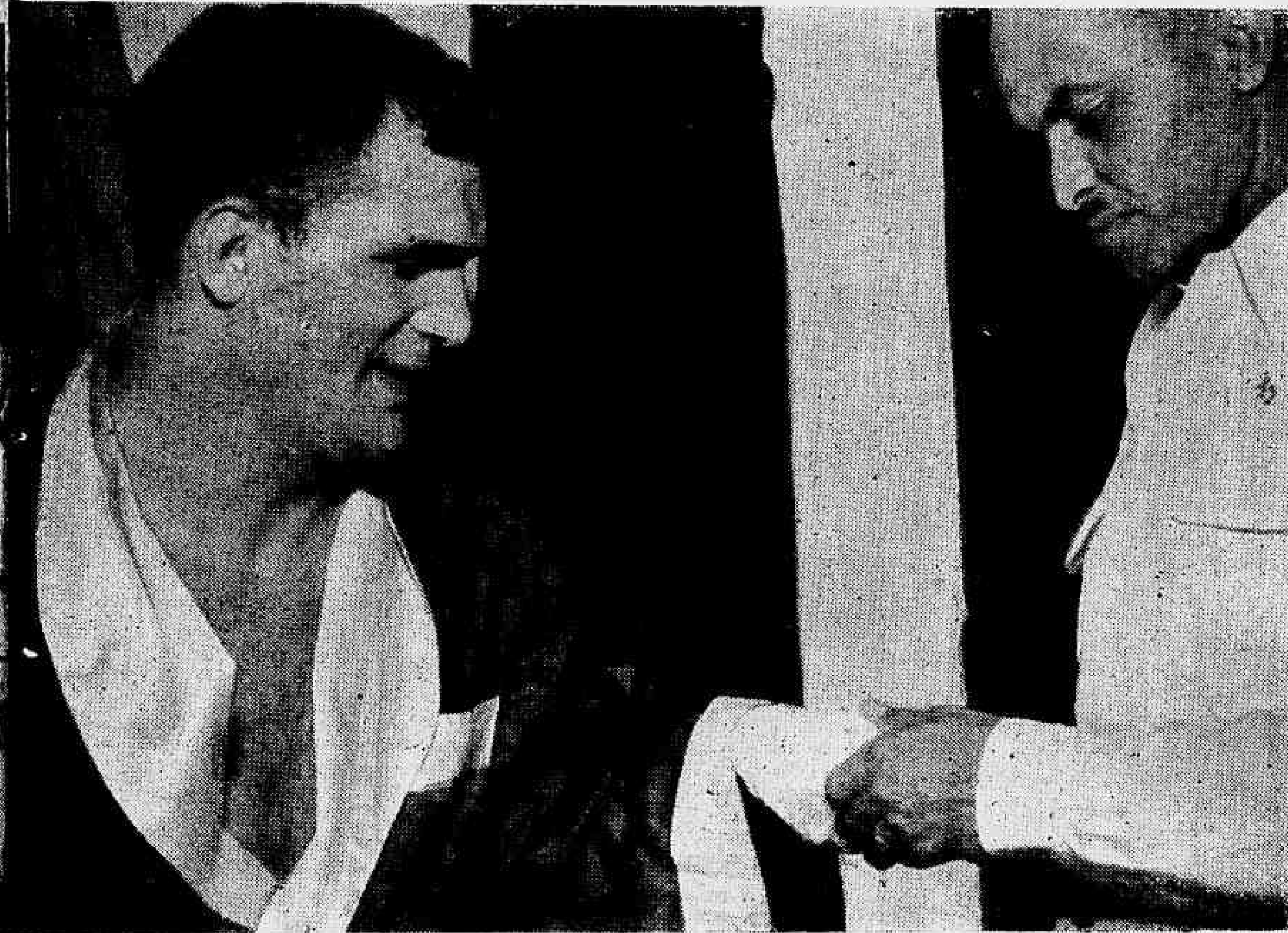
HAFER

Perdeu para Joe mas tem ainda o futuro pela frente. E' um dos dez melhores pugilistas da atualidade. Já lutou com Ezard Charles, atual detentor do título e derrubou-o duas vêzes



LUTA

Walter Hafer, e ao centro, o juiz Ma-
ão pêso-pesado brasileiro, Antônio Carriço



O "MANAGER"

Mr. Marshail, o manager de Joe Louis, antes da luta visitou Hafer e examinou os punhos do adversário de seu pupilo. Não há inimizades entre êles, mas no «ring»...



LICO

Botafogo para assistir a estréia de Joe. O
da luta. Gente até sentada pelo gramado...



A MULTIDÃO

As bilheterias acusaram a renda de mais de 500 mil cruzeiros. Renda de um grande espetáculo de futebol. E os mais afoitos pularam a cêrca para se aproximarem mais do ring



EM GUARDA

Joe, acuado pelos punhos do adversário, se põe em guarda. Verdadeira muralha, os seus punhos de aço. Pelo flagrante acima, se pode ver que Joe passou seus maus momentos



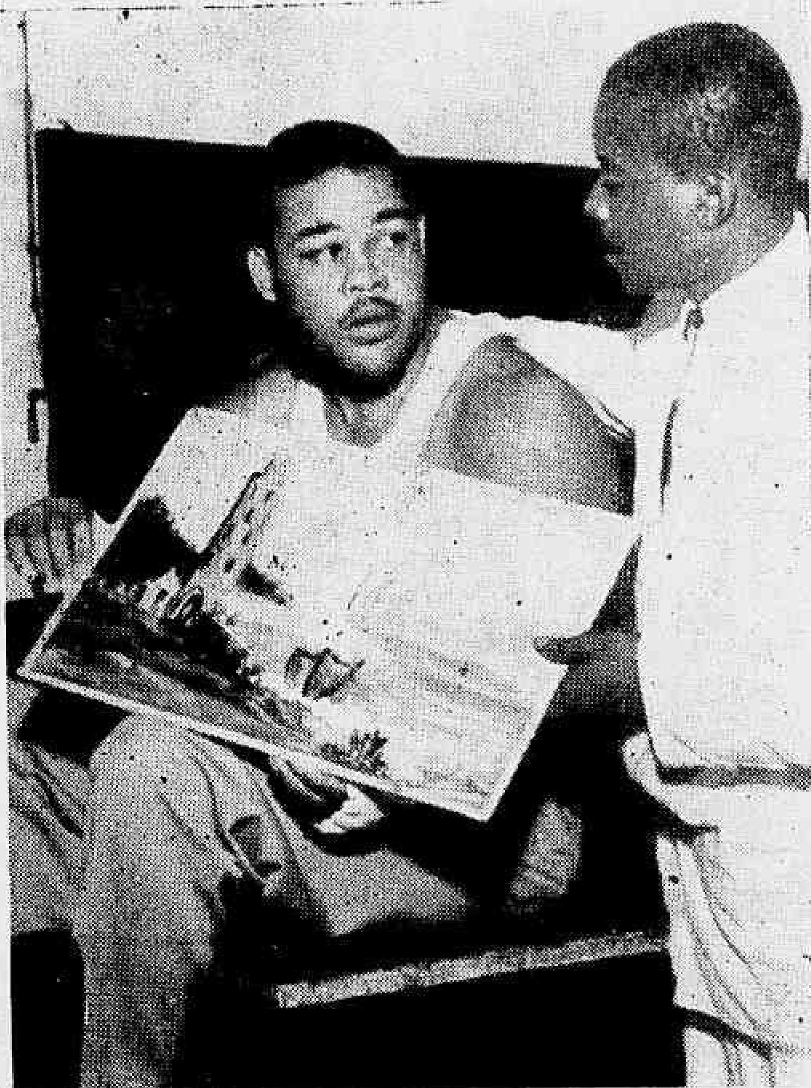
DEPOIS DA LUTA

Cessada a luta e proclamado Joe o vencedor, Hafer, que já recobrara o domínio sôbre si foi cumprimentar o contendor. Joe nos disse que não guarda rancor dos seus adversários



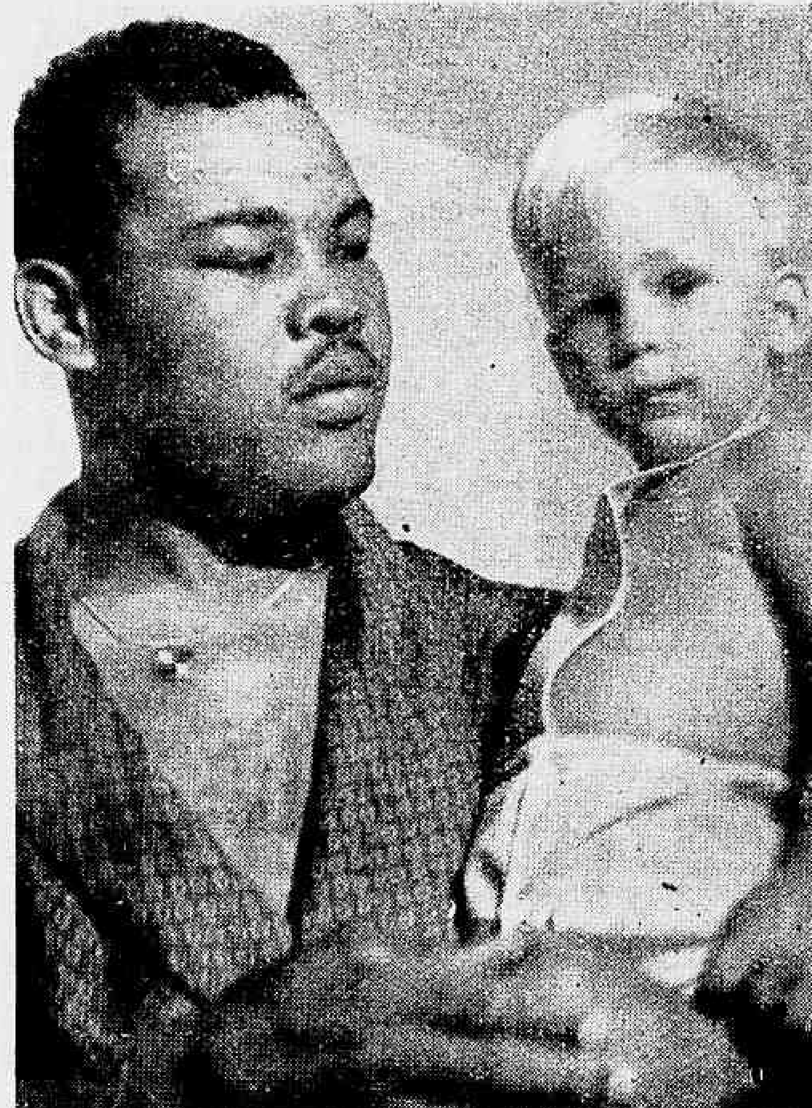
BOM PAI

Joe Louis é um homem extremamente cuidadoso com seus filhos, um menino e uma menina, embora seja divorciado. As crianças estão recebendo uma esmerada educação



UM PRESENTE

Antes do início de sua primeira exibição, Joe recebeu, em seu camarim, a visita do pintor Wilson Mota, que lhe entregou uma paisagem, homenagem de um homem de côr



PEQUENO "FAN"

No Hotel onde está hospedado, Joe vem sendo muito procurado. O pequeno fã foi recebido pelo «Demolidor», e posou sem se amedrontar com a cara do grande boxeur

sonhava, mas sòmente o "knock-out" que me infligiu Schmelling me fêz olhar como devia. Sempre confiei em meus punhos, mas desde então percebi que apenas isso não era suficiente." — acrescentou Joe.

Prosseguindo, relatou êle que o campeão alemão lhe ensinou algo muito precioso para o resto de sua vida. Sua "esquerda" já tinha pôsto muitos adversários na lona, mas a "direita" era o seu "ponto fraco", de que Schmelling soube se valer muito bem... Por isso, não teve dúvida: tratou logo de arranjar um treinador especial só para a sua "direita"... e com os olhos fitos na imagem de Schmelling só pensava na revanche.

"— Mesmo depois de ter conquistado o título a Jimmy Braddock, na cidade de Chicago, em 22 de junho de 1937, e de tê-lo defendido contra vários outros lutadores, só me senti satisfeito quando consegui a revanche. Mais que o título, êsse era o momento que eu esperava para a minha completa reabilitação. Felizmente êsse dia chegou, e eu subi ao "ring" com uma decisão: mandar Schmelling para os infernos o mais ràpidamente possível. E quando o juiz suspendeu o meu braço, só então me senti um verdadeiro campeão!" — frisa Joe.

Contou-nos êle, depois, outro motivo que o levara ao "ring" com tanta vontade de vencer. O alemão, de modo arrogante, vivia dizendo que não podia perder para um negro, um homem de "raça inferior". O nazismo racista se vangloriou muito da vitória de Schmelling na primeira luta, que o colocou novamente como um dos três mais fortes candidatos à conquista do cetro mundial de todos os pesos. Hitler até telegrafou-lhe na véspera da luta.

"— Foi o único adversário pelo qual senti verdadeiro ódio. Nunca subi ao "ring" com tamanha decisão de vencer, nem mesmo na luta contra Braddock, em disputa do título. Pode crer, jamais guardei rancor a qualquer outro adversário."

(Continua na pág. 51)



NO TEATRO

Os autores desta reportagem levaram Joe ao Teatro Carlos Gomes. Após o espetáculo, o campeão fêz questão de visitar as jovens americanas que Bibi Ferreira trouxe para o Rio



ENTRE AS BELAS

Joe quase fechou o Teatro de Bibi Ferreira... «Mr. Box» se divertiu, principalmente com os desafios de Mara Rúbia: «Para você eu me rendo; com você quem é que pode lutar?»

MAIS UMA VITÓRIA DE JOE: O "KNOCK-OUT" DE MARA RUBIA...



REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 18 ★ 6-5-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

O SACRIFÍCIO DE TIRADENTES



Não resta a menor dúvida que já vivemos sobrecarregados de feriados. Um dia sem trabalho no comércio, nas indústrias, nos estabelecimentos de ensino causa muitos prejuízos à nação. Mas, incontestàvelmente, há uma data em nosso calendário que devia merecer mais consideração dos poderes públicos: o 21 de abril.

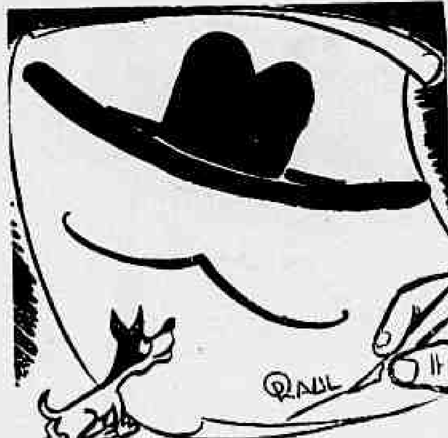
Todos os nossos movimentos de emancipação, independência e luta para a implantação da república no Brasil, ficaram obscurecidos com o 21 de abril de 1792. A conjuração mineira como que absorveu e ofuscou o nome de Vieira de Melo em Olinda, quase um século antes da tragédia de Tiradentes; os sacrifícios dos mártires da Confederação do Equador, da revolução Praieira, etc., tudo isso passou a segundo lugar diante da inconfidência mineira.

Frei Caneca, Mororó, Alencar, Miguelinho, tantos e tantos outros que deram a vida heròicamente pela independência do Brasil, foram esquecidos. Felipe dos Santos, esquartejado antes de Tiradentes nascer e no mesmo cenário em que se desenvolveu a conspiração dos "doutores e poetas", em Vila Rica de Ouro Prêto, também não é citado como digno de um dia em nosso calendário cívico.

Ora, se não era possível decretar feriados obrigatórios para tantos mártires que morreram pela emancipação de sua Pátria, que é a nossa ao menos mantivéssemos o 21 de abril como símbolo de todos os mártires que, de norte a sul, foram imolados pelos senhores de então.

21 de abril merece ser feriado obrigatório; mas se não o é em virtude de já termos muitos dias sem trabalho, ao menos deviam os governos do País dar maior significação ao acontecimento ao povo, à mocidade, aos estrangeiros, promovendo-se ampla e intensa glorificação a Tiradentes, símbolo de todos os mártires da independência nacional.

RAUL NAS ONDAS



Dentre os mais destacados nomes da caricatura nacional, um sempre se sobressaiu, não sòmente pelo personalismo do traço, como pelo profundo "sense of humour" que o caracteriza: Raul Pederneiras.

Não há revista desta capital como de qualquer outra grande cidade que não mantenha páginas ou seções para o humorismo ilustrado. E' que a vida com todos os seus rigores é cada vez mais pesada e difícil de roer. Desta forma, um homem como Raul é indispensável à felicidade do mundo. Fazer rir, provocar um "oh!" de contentamento, esquecer por instantes a amargura dêste vale de lágrimas, constitui um dos privilégios com que Deus distinguiu os seus eleitos. Mas fazer rir sem ser palhaço, nem ridículo, nem pobre de espírito, embora seja dêstes o Reino dos Céus. Fazer rir com o bom humor de um Raul Pederneiras, isto sim, é ser feliz e espalhar a felicidade, semear o otimismo ,acabar com as caras fechadas e as manias de suicídio...

Raul Pedorneiras, nosso antigo e sempre querido companheiro de imprensa, com inesquecíveis serviços nesta revista, em cujas páginas distribuiu o brilho de sua alma de esteta e de imortal bom humor; Raul Pederneiras acaba de ser objeto de interessante programa radiofônico sob a direção de Paulo Roberto, tendo entrado na órbita do "Honra ao Mérito".

O "script" de Paulo Roberto focalizou Raul, professor e caricaturista, homem de espírito e cultura, figura das mais prestigiosas de nossos meios literários. E a REVISTA DA SEMANA se sente ufana por ter sido tela permanente das criações de Raul, que, agradecendo a homenagem, fêz o trocadilho: "Sou surdo e só osso...".

INCRÍVEL OUSADIA



Foi descoberto o autor do incêndio do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul e o da Central da Polícia de Pôrto Alegre. Eis o telegrama que nos dá essa sensacional notícia: Pôrto Alegre, 21 (Asapress) — A polícia deu conhecimento hoje à reportagem de se haver encontrado o autor dos tremendos incêndios que destruíram o Tribunal de Justiça do Estado e a Repartição Central de Polícia, consumindo volumosos e preciosos arquivos, datando a documentação de recuados tempos e criando uma série de enormes dificuldades para o judiciário.

Trata-se de Miguel Aragon, natural da Espanha, o qual desejava destruir processos seus e roubar o processo em que se achou envolvido Miguel Svirskin, conhecido "scroc" que aplicou golpes espetaculares nos Bancos locais, com o objetivo, no último caso, de extorquir dinheiro daquele criminoso.

O mais surpreendente em tudo isso é a circunstância de se achar Aragon prêso na cadeia da cidade de S. Leopoldo, desde antes dos incêndios. Um cúmplice do mesmo telefonava para a cadeia pública daquela cidade, dizendo ser o chefe de Polícia, e que desejava ouvir Aragon, devendo um guarda ir buscá-lo. Com efeito, minutos depois chegava o guarda, que era, nada mais, nada menos, que o próprio cúmplice uniformizado de guarda. Assim, a 18 de novembro, Aragon arrombou o edifício do Tribunal de Justiça e organizou tudo para provocar um curto circuito. Depois voltou à cadeia de São Leopoldo... Um mês depois, usando o mesmo processo, iludiu o guarda da Central da Polícia, subiu ao segundo pavimento, borrifou uma papelada com álcool, tocou fogo e se dirigiu calmamente para sua prisão em São Leopoldo!

Falta prender agora o cúmplice de Aragon.

O PRESTÍGIO DO MURRO



Joe Louis, o famoso pugilista negro, está no Rio. Está ou estêve, pois que ao sair esta página é provável que êle já esteja viajando para seus domínios do Harlem, onde administra vários e bem montados restaurantes.

O lutador número um do mundo atual causou rebuliço entre os repórteres à sua chegada. Impressionou bem o invencível dinamitador de Detroit, como lhe chamam. Ninguém sabe por que motivo Joe chegou a possuir tamanha fôrça no punho. Será que se criou comendo espinafre? Ou é o fruto de treinos desde muito jovem? Joe Louis devia esclarecer êsse ponto, mesmo sem que lhe perguntem os nossos repórteres esportivos.

Uma particularidade foi notada por ocasião de sua chegada: a ausência do belo sexo. Segundo registraram os cronistas, apenas uma senhora se acercou do gigante norte-americano e lhe pediu o lenço. Joe lho deu. Embora nesse negócio de "souvenir", de mascotes, de troféus entre fãs e "astros", haja liberdade do escolhas de objetos, achamos que um lenço não fica bem para recordação da visita de um pugilista junto a uma admiradora. O lenço é um objeto particularíssimo e individual. Tanto assim que segundo as regras do bom tom, das boas maneiras, quando cai um dêles ao chão ninguém o deve apanhar e entregar à dona ou ao dono. O que se deve fazer é advertir o possuidor, mostrando-lhe o objeto caído para que o próprio dono o apanhe.

Mas isso não vem ao caso. Entre fanáticos e seus deuses, tudo o que se sabe em matéria de boas maneiras é destruído pelo sentimento fetichista. Não compreendemos, porém, a causa da ausência do elemento feminino no aeroporto. E isso, naturalmente, vem atrapalhando aquela sugestão do prefeito a Joe ao saber que era êste divorciado: "Pode escolher uma noiva aqui"...

A PERSONAGEM DA SEMANA



Joe Louis, campeão invicto do box mundial

Os dois campos adversos se movimentam para estabelecer as linhas do combate que promete ser renhido. E' grande a curiosidade pública e se fazem apostas. Os jornalistas especializados em pugnas de sensação afiam suas penas com a lima da inteligência e se preparam ansiosamente. Dois nomes de grande repercussão vêm à baila e são objeto de comentários. Quem vencerá? Na arena das lutas é que se vai decidir o rumo da vitória. Qualquer cálculo antecipado poderá resultar inútil O Brasil espera com certa ansiedade que o outro surja no tablado para estabelecer-se o confronto dos méritos de cada um e a nação tomar posição em favor de um ou do outro. A UDN lançou a candidatura do seu candidato natural, o Tenente-Brigadeiro Eduardo Gomes. E o outro? O outro... A semana que passou deveria ter apresentado o rival do Sr. Eduardo Gomes nas urnas de outubro próximo; mas, ao que parece, os opositores estão em dificuldade para escolher um outro que deverá combater com possibilidades de vencer o Sr. Eduardo Gomes, e continuam as confabulações «inter muros», com o recurso a heterogeneidades partidárias e conciliábulos que não têm mais fim. Procuramos no noticiário do país e do estrangeiro, um nome para figurar nesta página e honrar a crônica dêste rodapé já tradicional em nossos hábitos de leitura; mas, infelizmente, nenhum nos surgiu que pudesse dar motivo ao presente rodapé. Do exterior, nada de especial. No Brasil, os acontecimentos políticos se estagnaram. Foi quando chegou o pugilista Joe Louis, o dinamitador de Detroit, o campeão invicto do box, que vinha ao Brasil para exibir-se diante do carioca e do paulista. Não restava nenhuma dúvida: teríamos que substituir um nome brasileiro de alta significação política, partidário ou não, pelo do famoso Joe. Agitaram-se os meios pugilísticos e os repórteres afluíram ao aeroporto para receber o invicto. Homem calmo, educado, algo sisudo, pouco expansivo, de elevada estatura, olhar firme e pulso de aço., Joe Louis é leal na luta e generoso diante do adversário vencido. No tablado do Botafogo êle venceu Walter Hafer em minuto e pouco. Parece mesmo que, diante dele, o adversário se sente esmagado antes de desferir «jabs» e «diretos», de «esquerda» ou de «direita». Joe foi, desta forma, o personagem da semana Mas no tocante à política brasileira tudo indica que as coisas não correrão como correram no tablado de «box». Surgiu na arena um lutador de classe. Será possível que não apareça outro? Será que o nosso país está desprovido de «challenger» capaz de medir fôrças com o lutador que já tomou posição no «ring» das competições políticas? O que afinal deseja o povo em geral, é que a própria defesa de nossa Democracia facilite e estimule outros nomes para a peleja que se aproxima, e que será memorável.

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUAL A ORIGINALIDADE DA BANDEIRA NACIONAL DO BRASIL EM RELAÇÃO ÀS DE OUTROS PAÍSES:
— A combinação de côres?
— O lema "Ordem e Progresso"?
— O losango?

2 EM QUE ANO FOI O BRASIL ELEVADO À CATEGORIA DE REINO UNIDO A PORTUGAL E ALGARVES:
— 1808?
— 1742?
— 1650?

3 QUEM ERA O VICE-REI DO BRASIL AO SER LAVRADA A SENTENÇA CONTRA TIRADENTES E SEUS COMPANHEIROS DE CONJURAÇÃO:
— Visconde de Barbacena?
— Marquês de Pombal?
— O Conde de Rezende?

4 POR QUE SE TORNOU FAMOSO O PADRE JOSÉ MAURÍCIO:
— Por ser grande político do Império?
— Por ter sido preceptor de D. Pedro II?
— Por suas composições de músicas sacras?

5 QUAL ERA O NOME DO PADRE JOSÉ MAURÍCIO:
— José Maurício Nunes de Almeida?
— José Maurício Nunes Garcia?
— José Garcia Maurício?

6 EM QUE PARTE DO BRASIL SE INICIOU A PLANTAÇÃO DE CAFÉ:
— Em São Paulo?
— No Espírito Santo?
— No Pará?

7 DE ONDE PROCEDEU A PRIMEIRA PLANTAÇÃO DE CAFÉ CULTIVADO NO BRASIL:
— Da Guiana Francesa?
— Da África?
— Do Egito?

8 COMO SE CHAMOU A PESSOA QUE INTRODUZIU A PLANTAÇÃO DE CAFÉ NO BRASIL:
— Francisco Orellana?
— Francisco de Melo Palheta?
— O Padre Anchieta?

9 COM QUE IDADE MORREU ÁLVARES DE AZEVEDO:
— 50 anos?
— 21 anos?
— 30 anos?

10 QUE SIGNIFICA *DISLALIA*:
— Pessoa que sofre de tonturas?
— Moléstia que afeta a visão?
— Dificuldade em pronunciar palavras?

11 EM QUE PONTO DO MEDITERRÂNEO É MAIOR A SUA PROFUNDIDADE:
— No estreito de Gibraltar?
— Em frente a Marrocos?
— Próximo à ilha de Malta?

12 AS IMPRESSÕES DIGITAIS FORMAM-SE:
— Antes do nascimento do indivíduo?
— Minutos após o nascimento?
— Um mês depois?

13 DE QUANTOS EDIFÍCIOS CONSTA O VATICANO:
— Cento e oito?
— Trinta e sete?
— Cinquenta?

14 QUAL ERA O NOME POR EXTENSO DE SÍLVIO ROMERO:
— Sílvio Romero da Silveira Ramos?
— Sílvio Vasconcelos Romero?
— Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero?

15 QUE SIGNIFICA *HEMISTÍQUIO*:
— Os dois versos de seis sílabas que formam um alexandrino?
— Moléstia que paralisa a face do paciente?
— Uma espécie de lei mosaica?

16 DE QUE ESTADO ERA FILHO COELHO NETO:
— Do Amazonas?
— Do Maranhão?
— Do Paraná?

17 QUE NOME TEM O TRAÇO QUE SEPARA OS ELEMENTOS COMPONENTES DAS PALAVRAS COMPOSTAS:
— Sinalefa?
— Crase?
— Hífen?

18 QUE NOME TEM, EM FILOLOGIA, O ESTUDO DA TRANSFORMAÇÃO DO SENTIDO DAS PALAVRAS:
— Morfologia?
— Metaplasmo?
— Semântica?

19 EM QUE PARTE DO CORPO TEM O ESCORPIÃO A GLÂNDULA DE SECREÇÃO DE VENENO:
— Na bôca?
— Na extremidade da cauda?
— Nas patas dianteiras?

20 QUE QUER DIZER *ORTOGRAFIA*:
— Grafia certa?
— Escrita vertical?
— Liberdade de escrever como quiser?

(*Respostas na página 58*)

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

CONTOS PARA A "REVISTA DA SEMANA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literarias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprendêrem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicilio.

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41.00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO



«OS GASOLINAS», barcos, chatas e barcaças de tôda espécie vão trazendo a provisão de m elancias. Se dispuséssemos de dados estatísticos, verificaríamos que a quantidade consumida nesse dia de festa é deveras assombrosa. Dêsse ancoradouro são as melancias distribuidas aos milhares, de presente, na tradicional festa, servindo como espécie de indulgência religiosa

A FESTA DA MELANCIA

A FESTA DE N. S. DOS NAVEGANTES É UMA DAS POUCAS TRADIÇÕES POPULARES QUE PÔRTO ALEGRE CONSERVA ★ O APELIDO NADA TEM DE PEJORATIVO. REVELA APENAS A VERVE DO PORTO-ALEGRENSE

Texto e fotos de CARLOS GALVÃO KREBS

SE perguntarmos ao carioca se já foi ao Pão de Açucar, ao novaiorquino se subiu à Estátua da Liberdade e ao parisiense, à Tôrre Eiffel, noventa e nove vêzes em cem receberemos a resposta:

— Ainda não...

É a velha história: o turista conhece melhor que nós a nossa cidade... Não fugimos à regra. Ainda não conhecíamos a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. No entanto, há apenas oitenta anos que ela se repete tradicionalmente. Desde 1871. Cada vez com maior popularidade. Êste ano fomos vê-la.

Em 2 de fevereiro — dia da Santa — a real e valerosa Pôrto Alegre tinha um ar festivo. Ao apanhar o lotação o «chauffeur» comentou risonho:

— Hoje a gente vai ficar lá, come uma melancia por tradição, e está pronta a festa.

A voz de melancia, vagas recordações se avivaram na memória. Melancia... melancia... Como é que se dizia da festa de Navegantes? A resposta foi dada por um casal, ao saltarmos no fim da linha:

— Navegantes é mesmo a Festa da Melancia... —

Era isso mesmo: a festa da melancia! Não tivemos tempo de gozar o sabor do apelido. Entramos no redemoinho esbarrando aqui, esbarrados mais adiante, com os ouvidos martelados pelos pregões mais estranhos. Pela estridência de mil alto-falantes também. Se não eram tantos, pelo menos parecia. Estávamos em plena festa, no centro do largo fronteiro à igreja. O povo borborinhava indo e vindo. O sol ora se escondia atrás das nuvens, ora rebentava na pele da gente como ferro em brasa.

Ao redor e cercando a praça, uma infinidade de tendas: Churrascaria Sumaré, Tenda das Serraninhas, Churrascaria Tupi, Maria Bonita, Churrascaria São Luís, Carmelito Ingrato, Churrascaria São Nicolau, Barraca Pescador Gaúcho, Tenda Deus Te Ajude, Churrascaria Santa Catarina, Tenda Araribóia, Churrascaria Marujo... Como se vê, muito explicavelmente as churrascarias predominam. Havia mais: Tenda



FLAGRANTE da tradicional festa que se realiza desde 80 anos passados. Ao fundo, a Igreja de N. S. dos Navegantes



ÊSSE FOI o único marinheiro de nossa Armada que apareceu na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, êste ano



É ASSIM que os grupos pagam seu tributo à tradição da festa. Reparem na maneira de o fazer: sem cerimônia

de Argolas. Vira-Paus Brasil. Tenda Nossa Amizade, Churrascaria (ainda!) Céu Azul e inúmeras barracas de tiro ao alvo. Uma destas tinha vistosos dizeres, nos quais a ignorância conseguira um surpreendente trocadilho:

«TIRO DE PREÇÃO: 4 TIROS = Cr$ 2,00»

O vira-paus nada mais é do que tiro ao alvo... com bolas jogadas à mão, para derrubar pequenos toros de madeira, empilhados em pirâmides. Uma tenda fêz-nos rir bastante. Era o «Ninho da Coruja». Os projéteis, simplesmente bolas de meia, daquelas com que a garotada joga futebol no meio da rua. Até aí nada de mais. Os alvos é que eram a coisa. Figuras de mulher, com asas, sugerindo corujas. E as mulheres, em traje de banho «deux pièces», num grotesco arremêdo dos atômicos «maillots Bikini»... Logo adiante sentimo-nos novamente crianças: alvo com bodoques. O proprietário disse-nos com ar de desprêzo pelas novas gerações:

— A gurisada de hoje chega aqui e «se micha»... Os velhos é que são bons: dão cada bodocaço! Bem no alvo...

Vamos caminhando e ouvindo os alto-falantes:

— Alô, alô! atenção! Senhorita Olmerinda Nogueira! O jovem José Fagundes, seu eterno admirador, lhe dedica em homenagem o Trevo de Quatro Folhas!

Ou isto:

— Atenção! Alô, alô! Menina Maria de Quincas, sua mãe lhe espera na entrada do carrossel!

De vez em quando se chocavam no ar duas músicas. Umas dos amplificadores, outra da banda da Casa de Correção, que tocava no coreto em forma de guarda-sol.

Em tudo há um certo que lembrando a Lavagem do Bonfim, na Bahia. Lá a festa é mais colorida, mais bonita até. Aqui, ao invés do acarajé sarapatel, xinxim ou vatapá, assim dizem as tabuletas nas tendas onde se come: churrasco, galinha assada, linguiça ao espêto, bolinhos de bacalhau, leitão assado. Mas, apesar das diferenças regionais, o espírito é o mesmo. E' o povo que se diverte à frente da igreja, sob o pretexto de festa religiosa. Além da cozinha existe ainda outra diferença. E esta é mais profunda. A festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no Sul, é criação de brancos. A lavagem do Bonfim é produto negro, eminentemente negro. Basta olharmos para as fitas que guarnecem a imagem da devoção sulina. Azul-celeste, branco e rosa. Côres delicadas, de gôsto já requintado. E as «medidas» do Senhor do Bonfim? À exceção do branco, que é uma côr universal, tôdas as outras quatro — do conjunto que os ortodoxos dizem autêntico — são côres vivas, berrantes. Denunciam flagrantemente o gôsto primitivo: verde-bandeira, amarelo vivo, azul-marinho e encarnado. Se não bastasse a observação folclórica, aí estão a crônica da festa dos Navegantes de um lado, e o velho Nina Rodrigues, de outro, para confirmá-lo. Afirma a crônica que a devoção sulina foi iniciada em Pôrto Alegre exatamente por lusitanos, que encomendaram de Portugal a imagem da padroeira. Até o nome de alguns ainda se sabe: Antônio Campos, Francisco Lemos Pinto, João José de Farias, Joaquim Assunção. O do artista que esculpiu a imagem também: João Lapa. Na Bahia, já em fins do século passado demonstrava Nina Rodrigues que a lavagem do Bonfim nada mais era do que a «lavagem do santo», cerimônia do ritual fetichico enxertado na devoção católica pela população negra. Não é por nada que o clero baiano vem tentando acabar com a tradição...

Mas a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, se foi na origem uma devoção de brancos, hoje é de tôdas as côres, felizmente. De brancos, pretos e mulatos. Só a liberdade poética autoriza ao compositor gaúcho a dizer com música:

«A festa dos Navegantes
E' a festa da gente do povo,
Preferida pelas mulatinhas de rostos [trigueiros,
Frequentada pelos marujos e pelos bom-[beiros...»

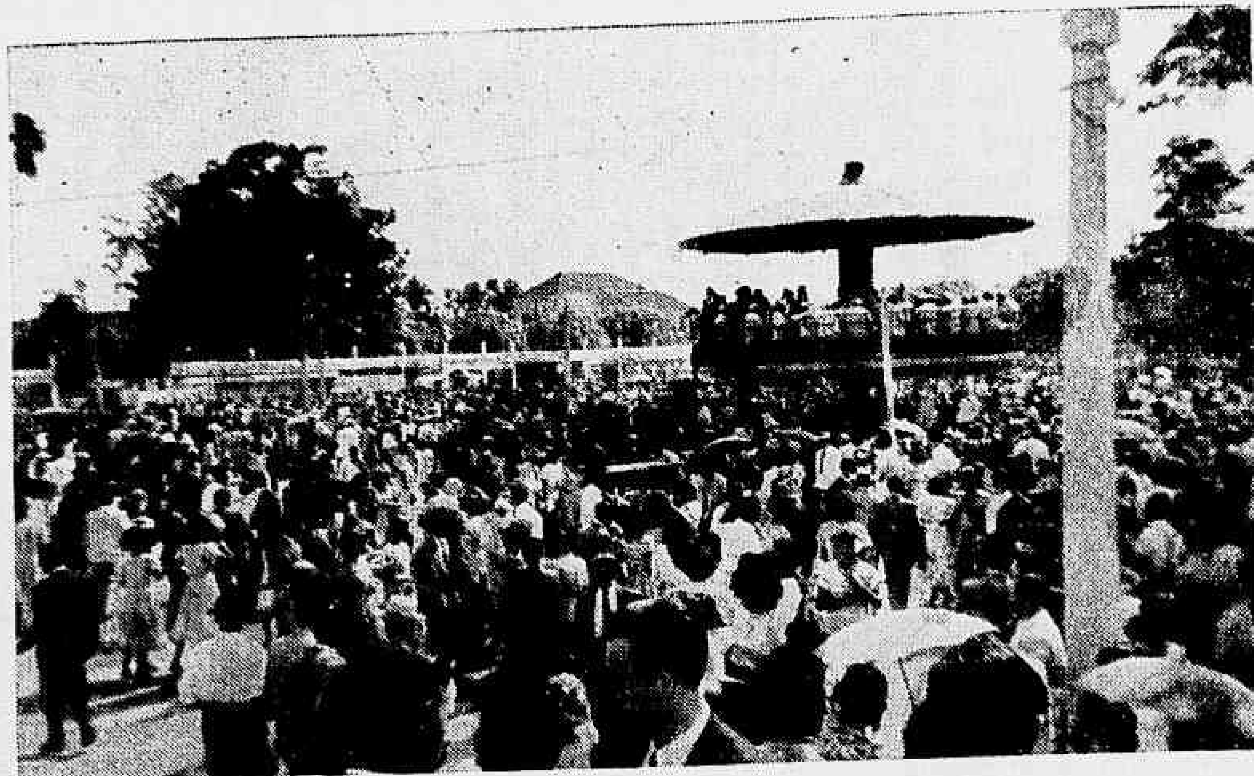
Porque sucedeu com ela o contrário do



NO CONVÉS dos barcos, nas cabines e até na ponte de comando, só se vê melancias!



TIRO AO ALVO, a bodoque. Diz o dono da tenda que a gurizada de hoje não presta. A «velhada» é que era craque! Confessamos que ficamos tentados em dar alguns tirinhos...



NO LARGO FRONTEIRO à Igreja de N. S. dos Navegantes, do dia 2 de fevereiro, dia da Santa. Êsse é o aspecto das centenas de fiéis em movimento, que vieram para a desobriga

que aconteceu com as irmandades e confrarias de pretos, que clarearam com o correr dos anos. Exemplo frisante são as de Nossa Senhora do Rosário, em grande parte do Brasil, iniciadas por negros forros e escravos, e que hoje são pràticamente brancas.

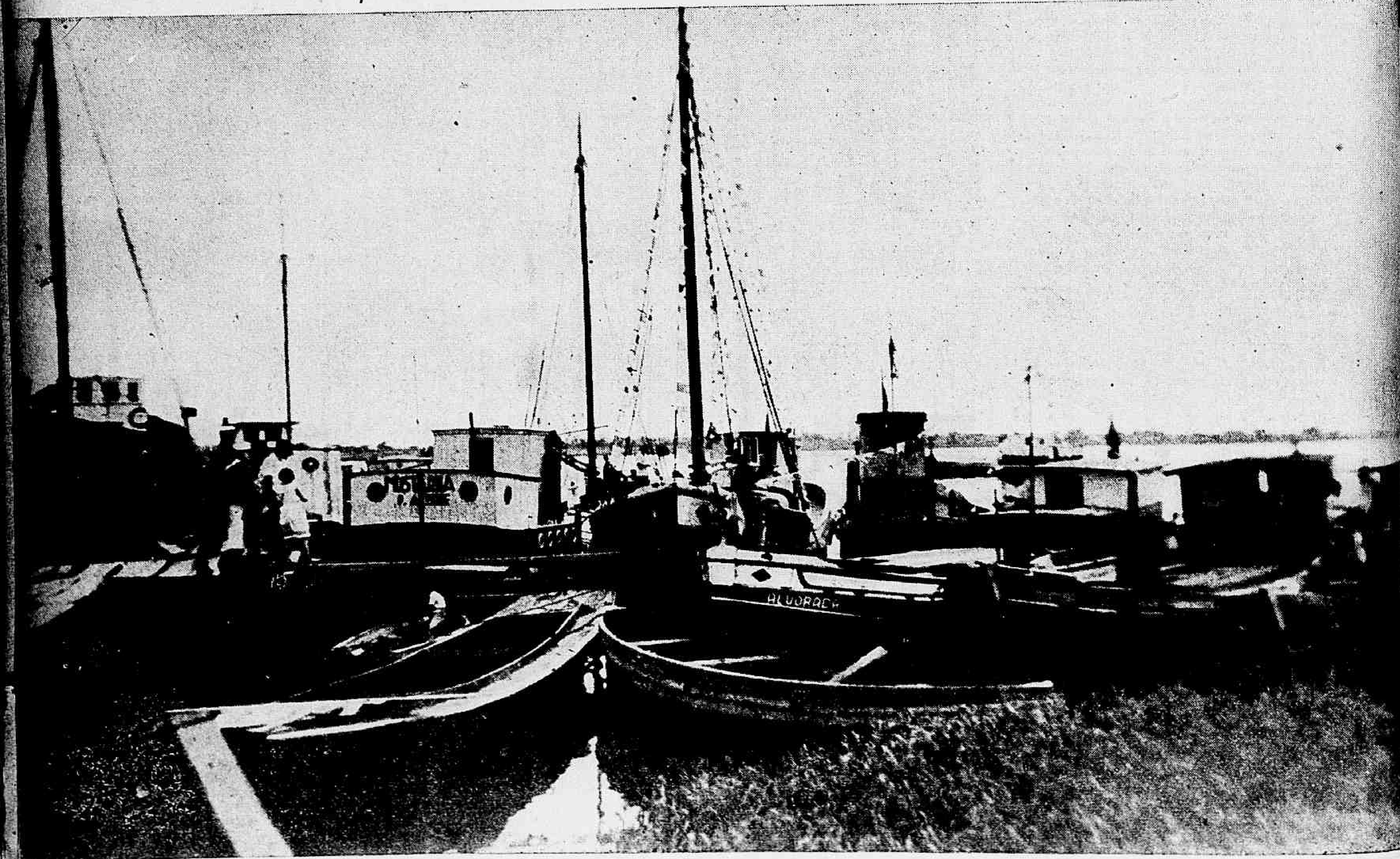
Pois na festa dos Navegantes, em que pese a insinuação do poeta, se encontra gente de pele variada e de tôdas as camadas sociais. Desde o remador do clube de regatas, atlético e louro descendente de italianos ou alemães, a montar guarda ao andor da santa, até o preto retinto. Disse-nos o Provedor Bruno Zilles que até às 11 horas da manhã talvez predominem os brancos. À tarde, o maior contingente é de côr. À noite voltam os brancos a predominar nùmèricamente. Isso será, a nosso ver, causado pelos serviços domésticos, que retêm ocupada grande parte da população de côr até depois do meio-dia, hora em que se dirige para a festa. À noite, esta gente só dispõe do bonde, pràticamente, como demorado transporte para levá-lo de volta aos confins da cidade. Por isso sai cedo da festa. Os brancos, êsses ou têm carro próprio ou podem pagar folgadamente o lotação. Por isso, ficam até mais tarde.

★

Quando entramos no templo, lá estava a imagem da padroeira, de torna-viagem. Tempo antes da festa é transportada para a Igreja do Rosário, no centro da cidade. No dia 2 de fevereiro, depois da missa, é levada em procissão solene até o cais do pôrto. E' embarcada na «Geny Naval», velho e romântico veleiro que a transformação em navio-motor não conseguiu afeiar de todo. A «Geny Naval» está embandeirada em arco para receber Nossa Senhora com sua barquinha «Esperança». Embarcam junto as irmandades, as pessoas gradas, a gente de prol. O povo que pode embarca também. Muitos chegam a saltar da amurada para a coberta do barco que se afasta. Outros choram por não ter lugar. Começa o desfile fluvial, comandado pelo Capitão do Pôrto. O povaréu grita e saúda de terra, ao estouro de foguetes, soar de buzinas, sirenes e apitos. O préstito vai pelo Guaíba até a ponta da cadeia. Centenas de embarcações, pequenas e grandes, encordoadas como contas de um rosário boiando nágua, escoltam a «Geny Naval». Na altura da Casa de Correção a capitânea vira o leme numa curva de 180 graus. Volta a passar pelo portão central do cais e mete a proa para os Navegantes. Lá atraca pertinho da igreja da santa. A imagem é desembarcada entre aclamações e entusiasmo enorme. Em procissão a levam para o templo, onde fica com o andor exposto à visitação pública. O dia inteiro e de noite lhe montam guarda remadores dos clubes náuticos, oferecendo a ponta das fitas da padroeira ao beijo dos fiéis e recebendo as espórtulas dos visitantes.

A igreja está sempre cheia, apinhada de gente. Gente que caminha acotovelando-se em direção à santa, gente sentada nos bancos ou rezando de joelhos. Gente, gente e mais gente. Perto do altar-mós, uma longa fila de mesas, com medalhinhas e lembranças impressas. Vários homens, sentados, recebem óbolos em troca das lembranças. No momento em que chegávamosl de lá saía

ÊSSES BARCOS, amontoados em confusão, no ancoradouro da cidade, tomaram parte ativa na procissão fluvial. Repletos pelas irmandades, pelas pessoas gradas, pela gente de prol e pelo povo que conseguiu subir mesmo à fôrça, desfilaram pelo rio e ancoraram pertinho da Igreja da Santa. Agora, aguardam os patrões e os marujos, que foram se divertir na festa







O LARGO TEM de tudo, até parque de diversões, tenda de argolas, tiro ao alvo e ao bodoque, etc.. etc.. O que lhe dá colorido todo especial e singularíssimo é precisamente a melancia. Ao lado, um cemitério de cascas, dos muitos que surgem por todos os cantos, na «Festa da Melancia», a que o povo também chama de festa de Nossa Senhora dos Navegantes

o Arcebispo D. Vicente Scherer. Tempo depois saímos também.

Na rua, osc alto-falantes cantavam:

«Você sabe o que é ter um amor,
Meu senhor,
Ter loucura por uma mulher...»

Embalado pela dolência de Lupicínio Rodrigues fomos andando no meio do povo. Descobrimos «A Caverna do Professor Silki». E' o faquir que sofreu um acidente sério em Pôrto Alegre, tempos atrás. Perigou morrer ao ser atravessado por uma espada, quando findava apoteòticamente uma de suas proesas de jejum. Pagamos cinco cruzeiros agora, para vê-lo com as bochechas, a pele do pescoço, os braços e os músculos do ventre trespassados por punhais e agulhas de tricô...

A roda-gigante rodava no ar quando fomos em busca das melancias. Caminhamos direito para a margem do rio. Dezenas, centenas de embarcações atracadas, uma ao lado da outra, ligadas por cordas, por pranchas de madeira ou simplesmente encostadas. Poderíamos andar meio quilômetro, ou mais, por cima delas, sem molhar os pés. E dentro delas, milhares, milhões de melancias. Cada melancia de dar água na boca. De todos os tamanhos, escuras, rajadas, compridas, redondas, foscas, brilhantes... Nunca vimos tanta melancia em nossa vida. E gente comendo nos tombadilhos, debaixo de toldos improvisados com estopa, à sombra das velas deitadas e até na ponte de comando de um barco maior!

Preferimos o semi-confôrto de uma tenda em terra firme. Num montão de melancias, escolhemos uma redonda, escurinha e lustrosa, tipo Xarqueada, de exportação, segundo nos disse um conhecedor. Metemos-lhe a faca que nos deram: um pedaço de arco de barril, mas bem ajeitadinho. A melancia estalou e caiu partida em dois. Um belo vermelho úmido, pontilhado de sementes pretas. Escorria um caldo fresquinho. Comemos a metade. A outra, demos a um guri que a namorava com olhares apaixonados. Custou oito cruzeiros o nosso tributo à tradição. Pagamos com gôsto. E voltamos para a cidade.



FESTA ESSENCIALMENTE do povo, apresenta vários aspectos regionalistas. Entre êles, os vendedores de «literatura de cordel». Apesar de típica, assemelha-se a tôdas as outras



A MÚSICA TAMBÉM está presente e lá vem o «gaiteiro», neste caso também conhecido como «piá», devido ao pires que se vai enchendo de níqueis. Toca, mas só por dinheiro



APARECIDA

CONTO DE **GIPSON DE FREITAS**

EU estava muito doente naquele inverno. E, devido à minha situação de entrevado, sofrendo as piores aflições, arruinado financeiramente, não tolerava que uma só pessoa se aproximasse da minha cama, sobretudo da minha vida. Tinha pavor aos amigos, não suportava visitas irritantes. A velha, a paciente d. Jacinta, sabendo como sabia do meu gênio, do meu estado de espírito, procurava por todos os meios evitar que o seu hóspede se aborrecesse. E ninguém se atrevia, por mais importante que fôsse, por maior interêsse que demonstrasse por minha pessoa, a ir contra as suas proibições. D. Jacinta era austera, era uma mulher de olhar penetrante, sisuda, em suma, uma criatura que impunha respeito a qualquer um. Às vêzes, do meu quarto, ouvia as impertinências da velha. D. Jacinta não consentia que eu fôsse importunado. Ela ganhava para me defender. Ela tinha um salário para manter a casa em silêncio, para fabricar repouso para o homem entrevado, sem esperança, sem fé nos dias futuros.

Há cinco meses que eu recebia os cuidados de d. Jacinta. Na sua pensão, calma e modesta, os dias passavam sem que se percebesse. Tudo ali era tão bom, tão sonolento que o tempo não tinha nenhuma significação para nós. Mas às vêzes o ambiente se transformava repentinamente. E isso se dava quando surgia uma visita para mim. D. Jacinta, por trás da porta entreaberta, com a cara mais sisuda dêsse mundo, gritava para quem estivesse do lado de fora:

— "Seu" Alfredo não está, já disse. "Seu" Alfredo saiu e só volta mais tarde.

Mas todos os meus conhecidos sabiam perfeitamente que não era verdade o que d. Jacinta dizia. Eu era doente, eu era uma criatura imprestável para a luta cotidiana; portanto aquela história de que eu não estava em casa, de que eu saíra e voltaria mais tarde, era mentira. D. Jacinta mentia vergonhosamente. Mas a sua mentira, ao meu ver, dado o meu estado de constante irritação, era em meu benefício. O seu interêsse era me defender das garras dos amigos importunos. Eu precisava de saúde, de silêncio, de harmonia espiritual; mas numa casa barulhenta, cheia de gritos, de rumores, não era possível obter melhoras. Com visitas a todo momento, com pessoas falando, discutindo, o meu estado teria forçosamente que piorar. Por isso ela pedia a todos que me vinham procurar, os amigos mais íntimos naturalmente, que me deixassem em paz, que não me procurassem, porque aquelas visitas só poderiam trazer desassossêgo, aborrecimentos para mim. Contudo alguns insistiam, fazendo promessas, inventando pretextos para caírem nas boas graças da velha Jacinta. A boa senhora entretanto não cedia. A saúde de "seu" Alfredo, como ela dizia, era preciosa; e ela tinha que zelar pelo pouco que ainda havia.

Na pensão de d. Jacinta, apesar dos prestimosos auxílios desta, da dedicação, do confôrto, eu confesso que não vivia bem. Ou por outra: não me conformava com aquêle meu estado de profunda debilidade, de canseira, de corpo amassado pela dureza da cama. Tinha, e não foram poucas vêzes, ímpetos de gritar, de espalhar as minhas tristezas e dores pelos quatro cantos do quarto. Nesses momentos, ofegante, transpirando bàrbaramente por todos os poros, tremendo, com as mãos crispadas pelo ódio, eu me apertava de encontro aos travesseiros, sacudindo a cama, rangendo o assoalho velho e carunchoso. Certa vez porém, atordoado pelos negros pensamentos, surrando a cama como se fôsse um terrível inimigo, rugindo como louco, tive repentinamente a presença de d. Jacinta diante de mim. E com ela vieram aquêles olhos secos, a bôca torcida, a cabeça erguida e austera. E vieram também uma torrente de perguntas, de interrogações. Seus olhos me recriminavam, seu aspecto solene era uma censura à estupidez dos meus sôcos, dos meus coices, do meu desespêro. Aí, olhando fixamente, elevando cada vez mais o nariz ponteagudo, a voz de mistério de d. Jacinta reboou pelo quarto:

— Faço tudo pelo senhor, "seu" Alfredo. E no entanto o senhor demonstra não estar satisfeito. Como se explica isso? Como?

Nessas ocasiões, fulminado pela presença sinistra da velha, quase não tinha palavras para me desculpar. E ficava calado, cabisbaixo, como um menino que tivesse praticado um mal-feito. Eu, um homem dos meus vinte e oito anos, experimentado de certa maneira, que possuíra terras, animais e homens sob o meu govêrno, não tinha coragem agora de encarar a dona da casa. Parecia que d. Jacinta exercia um certo poder, um certo domínio sôbre a minha pessoa, ao ponto de me curvar diante de seus olhos agressivos. E ficava calado, silencioso, metido sob os lençóis, até que ela saía e batia a porta. E eu ficava pensando em d. Jacinta, naqueles quarenta anos vividos com sacrifícios, na sua viuvez, na sua vida monótona e quase solitária. Digo quase solitária, porque em sua vida havia aquela menina de olhos grandes, arisca, medrosa, que se chamava Aparecida e que ninguém sabia o parentesco que tinha com a velha. Não obstante, morando há cinco meses ali, não houve uma só vez que Aparecida entrasse no meu quarto. Ao que parece, os

(Cont. na pág. 51)

ILUSTR. DE **ARMANDO PACHECO**

Sete DIAS em REVISTA

No meio das notícias de desastres, crimes, ameaças de guerra e de golpes, sempre se salva alguma coisa... •

O pessimista — Positivamente, o govêrno não quer resolver o problema da carne! Não há boi para os açougues, mas vai haver touros para as touradas...

— Nós é que devíamos governar! Os homens são uns tímidos. Aumentaram uma hora no verão e logo voltaram atrás! Nós diminuimos anos na nossa idade e ficamos firmes!

— A senhora arranje outra! Não **dianta** o patrão **sê diretô**, se a gente não pode mais ir à feira no carro **oficiá**?!

— O govêrno precisa evitar a greve dos bicheiros, senão os funcionários não aparecem mais nas repartições!

— Os jornais estranharam que um juiz estivesse no jôgo, em Teresópolis! Nós aqui só jogamos com um juiz no campo...



PENSAMOS CUE é por causa das girls que a maior parte das revistas se mantêm em cartaz por muito tempo. Espetáculo leve, onde há um pouco de tudo: música, alegria, humorismo, «charges» políticas, bailados e... «boas» pequenas. Aí está um quarteto de portenhas. Lineamentos delicados, diferem das colegas de palco e completam o conjunto que se exibe

"BOA-VIZINHANÇA" NOS TEATROS

"GIRLS" ARGENTINAS, AMERICANAS E BRASILEIRAS NOS ESPETÁCULOS MUSICADOS DA PRAÇA TIRADENTES ★ À FRAGILIDADE DAS ARGENTINAS E AO DESEMBARAÇO DAS SOBRINHAS DE TIO SAM, AS MORENAS BRASILEIRAS OPÕEM A GRAÇA NATURAL DO NOSSO POVO

Reportagem de SABINO CANALINI — Fotos de A. VIEIRA

QUANDO as pessoas saem de casa à noite para irem se divertir nos espetáculos que estão sendo levados na cidade, têm vários rumos a seguir. Cinema, teatro, circo e futebol, às vêzes. Cada especialidade tem seu próprio público. Crianças, rapazes e mocinhas, namorados, apaixonados, noivos, recém-casados, tor-



ASSIM COMO o troglodita antidiluviano, que deveria ser delicado, e reeditando um violento amor «à lusa», Jardell arrasta a sua presa. Seria mesmo assim o amor antigamente?



OS DOIS VAO SE entender, mas a bela patrícia Leta, reage, clamando contra a traição do brasileiro com a linda americana: — «Bandido, não pode ver um brôto diferente...»

cedores, solteirões renitentes, desiludidos, conquistadores inveterados, sérios chefes de família, conhecedores e pseudo-conhecedores das várias artes, políticos e mais não sabemos quantos espécimes da fauna humana. Todos vão e acham lenitivo para os males que os afligem. Quem vai à procura do mocinho do Far-west, do romântico Charles Boyer; alguns do insinuante e convidativo escurinho das salas de projeção; outros apenas de uma poltrona estofada para descansar; aqui o motivo é a estréia da comédia de autor nacional; mais além o cartaz da peça dramática estrangeira que há mais de dois meses desafia os concorrentes; o número dos animais ferozes é o causador pelo afluxo de pessoas à grande casa de lona; a revanche do campeão da cidade promove a corrida ao estádio; a temporada lírica ilumina o Municipal; a peça de tese discutida enche o teatrinho de bôlso; o amor à música e aos seus gênios atrai multidões aos concêrtos. Além dêsses, de gostos definidos, há os que desejam um pouco de cada divertimento e mais ainda. Mas, será possível satisfazê-los? Sim, para isso basta se dirigir à Praça Tiradentes e procurar os teatros que pontificam há dezenas de anos no gênero musicado: a revista.

Assim como uma colcha de retalhos ou uma fantasia de Arlequim, a revista é uma sequência, um conjunto de quadros em que há um pouco de tôdas as qualidades que as pessoas procuram nos outros espetáculos. Enrêdo, às vêzes; música em todos os rítmos, desde os clássicos ao buliçoso "boogie-woogie"; canto desde as típicas canções de "cabaret", aos trechos líricos, passando pelos melódicos "blues" e pelos samba-canções. Danças coreográficas: da valsa ao samba, do tango ao maxixe; can-can, onde aparecem as "midinettes" do "quartier latin" e da Lapa; muito movimento, ação contínua, os cenários às vêzes são trocados à vista dos espectadores. Críticas humorísticas, políticas, de atualidade, paródias, "sketch" apimentados, piadas, trocadilhos e tudo o mais que sugerir a farta bagagem da malícia latina. Revivescências históricas, com quadros de exaltação nacional; reconstituição de ambientes exóticos, em que predominam os índios, os orientais das "mil e uma noites", os chineses, os holandeses e os demais povos de costumes originais. Até animais domesticados aparecem. Cenários bonitos e sempre diferentes, palcos giratórios, escadarias. Profusão de luzes, refletores, côres, lantejoulas, guarda-roupas suntuosos, fantasias riquíssimas e, acima de tudo e principalmente, a causa máxima, a verdadeira essência da revista: o conjunto das girls.

Chegamos ao ponto de afirmar que a razão de ser da montagem de tão variado espetáculo, é única e exclusivamente a de mostrar, nas mais diferentes roupas, o precioso material humano constituído pelas girls. Dizemos mais, que se os espetáculos agradam e provocam casas cheias, deve-se em grande parte à presença das muitas girls que animam, com seus passos endiabrados e com suas roupas sumárias, tôda a platéia. Um verdadeiro "frisson" alerta os olhares e os sentidos, logo que as bailarinas começam a desfilar pela passarela. Acreditamos, portanto, que se deve a elas o maior ou menor sucesso de um espetáculo dêsse tipo.

O segrêdo do êxito reside na variedade, em não cansar o público. Eis porque se mudam os cartazes, os artistas e até os conjuntos inteiros. Nada mais natural pois que variar naquilo que a revista possui de maior destaque. A parte cômica poderá ser a melhor que exista na cidade, a mesma coisa poderá se dar com as "vedettes", verdadeiro sustentáculo, às vêzes, de tôda uma peça, mas sem um bonito corpo de baile não há



MONICA DEL VAL, bailarina do Colon, de Buenos Aires, a boneca de cera cuja arte nos impressionou. Graça, ritmo, compasso, é um floco de algodão a bailar de uma flor para outra, como se tangido pelos ventos das paixões humanas



LILI, OUTRA brasileira, está pronta a realizar uma grande viagem, mesmo com o «confôrto» de antigamente



BIBI NÃO É GIRL, é mais do que vedette, é uma artista de primeira, mas dança, canta e encanta como se o fôsse



ARRISCANDO UM OLHARZINHO para o espelho antes de entrar no palco para ver se tudo está em forma!



revista. São as girls que enchem os olhos dos espectadores. Muitos, em especial modo os que formam a "fila da carne", só frequentam as revistas por causa das girls. As fotografias dessas pequenas causam grande movimento nas portarias dos teatros, pois sempre aparecem em poses provocantes, e como consequência as bilheterias vendem mais algumas entradas. Na porta da "caixa" dos teatros, também é grande o movimento dos marmanjos que querem ver de perto as girls que os impressionaram durante o espetáculo. E é dentro da "caixa" que nós, os jornalistas, vamos prazeirosamente cumprir com nosos deveres profissionais. E' uma espécie de refúgio e de calmante para nossos nem sempre agradáveis trabalhos de rotina. E é um confôrto quando somos recebidos de maneira amável, o que nem sempre acontece, pelas emprêsas concessionárias dos teatros, e tratados como profissionais em exercício de nossas funções.

No Brasil a coisa mais natural é ver girls brasileiras. Portanto, a estratégia teatral manda que se importem girls de outros países para insuflar com a novidade uma especialidade tão antiga. Francesas, espanholas e portuguêsas aqui vieram com suas próprias companhias. Agora, porém, são os empresários brasileiros que contratam no estrangeiro um corpo estável de bailarinas para seus espetáculos aqui no país. E' por isso que nos é possível admirar atualmente nos teatros da Praça Tiradentes, trabalhando junto com nossas patrícias, girls argentinas e estadunidenses. Irmanam-se tôdas para divertir a platéia carioca e o conseguem com eficiência. Agradáveis, sorridentes, apresentam diferenças na estética, na plástica, no trabalho. As argentinas são pequenas, pálidas, gráceis, delicadas em seus movimentos. As americanas, ao contrário, são grandes, descomunais algumas, loiras na maioria, bronzeadas pelo sol, musculosas, ombros largos, sardentas, masculinas nos movimentos. As primeiras impressionam pela feminilidade, as segundas pela saúde estuante. Tímidas as portenhas, desemba-

DA TERRA DE REMBRANDT a primeira, da pátria de Peron, as outras. Dançando para as platéias brasileiras

raçadas as da terra de Tio Sam. Entre as duas ficam as brasileiras. Tipos amorenados, graciosas sem esfôrço nem fingimento, brejeiras por naturalidade. Deslocam-se sem o classicismo das argentinas nem o automatismo das americanas. Flexíveis, adaptam-se fàcilmente a qualquer ritmo, que executam à perfeição, demonstrando maior versatilidade que as estrangeiras, um pouco claudicantes nos ritmos nacionais.

As argentinas são personificadas pela bailarina clássica Monica del Val. Diáfana figurinha de cêra, olhar triste e meigo. Vímo-la, entre um número e outro, ora sentada, calada, numa cadeira a um canto, ora equilibrando-se nas pontas dos pés, frente a um espêlho, "para descansar", disse ela, pois se ficar com tôda a planta do pé apoiada no chão cansa mais depressa. E' uma delicadíssima libélula a esvoaçar frente à luz amortecida da ribalta ou entre os coloridos raios dos refletores, mas sempre à luz artificial. Pensamos então numa borboleta prêsa, por artes mágicas, num palácio fantástico, e tivemos vontade de abrir-lhe as portas da liberdade, o caminho do ar livre. Imaginamo-la a dançar com sua arte impecável (cujos compassos parecem obedecer não à batuta do maestro, e sim ser ela mesma a dirigir o conjunto dos músicos com seus movimentos sincronizados), como o faziam as antigas sacerdotizas e vestais gregas e romanas. Em pleno dia, bafejada pelo ar puro, acariciada pelo vento, beijada pelo sol, voltearia por entre as colunatas dos templos marmóreos, num hino, talvez o mais belo, que a sinfonia da natureza dirigiria a Deus.

As americanas, chefiadas pela morena Gypse, que na outra encarnação deve ter sido brasileira, e que numa hora lá foi medir seus dotes plásticos com os da Mara Rúbia, parecem mais modelos do que pròpriamente girls. Têm muito "aplomb", muita elegância no andar, mas achamos que sentem certa dificuldade em executar os movimentos mais do que rápidos dos ritmos brasileiros.

Quanto às brasileiras, são magnìficamente representadas pela "rainha das girls", Ivete, do elenco do João Caetano, pela bronzeada Regina, do mesmo elenco e pela graça das formas de Leta Santoro, que atua no Carlos Gomes. Nada ficam a dever às estrangeiras, nem em plásticas nem em técnica. A todos elas devemos os momentos de festa para os olhos, vividos durante os muitos



GRUPO DE BRASILEIRAS «bancando» as chinesas. Mas as feições não ajudam e elas estão satisfeitas por isso...



SUA MAJESTADE a Rainha das Girls, Ivete, conseguiria o título mesmo nos concursos no Plata ou na Broadway



«ADIOS, MUCHACHOS, compañeros de mi vida...» Que é isso Regina, agora você deu para cantar em castellano?



COM «BIKINI» ou sem «bikini» essa girl não desmente sua nacionalidade. Made in Brazil, sim senhores, ou duvidam?



O PAREO É DURO. Qual das duas: a loura ou a morena? Será a morena Gypsie, americana, e a loura Mara, brasileira? As duas discutem para saber qual será a preferida pelo público e asseguramos que os aplausos se dividiram



A OBJETIVA COLHEU-A enquanto ensaiava os passos que deveria dar na cena. Para se manter em forma

espetáculos a que assistimos, valorizando mais ainda o trabalho paciente das girls, por saber quantos sacrifícios às vêzes custa. Além dos cansativos ensaios, obedecem elas a severa disciplina, estando sujeitas a suspensão por falta cometida em serviço, como já tivemos ocasião de presenciar, a repreensões verbais ou mesmo escritas nos boletins internos das várias companhias. Vimo-las, numa terceira seção de uma quinta-feira, à noite, já exaustas pelo trabalho, subir e descer correndo as escadas até os camarins, inúmeras vêzes, começando a se despir enquanto subiam, terminando de vestir outra roupa, enquanto desciam para entrar no quadro imediato. Sempre correndo, transpirando por todos os poros e com a obrigação de aparecerem em cenas satisfeitas da vida, com o sorriso nos lábios e não demonstrando cansaço.

E' por isso que não desprezamos a girl só pelo fato de, além das fadigas a que é submetida, ser obrigada também a se mostrar quase despida para nos divertir. E quando num mesmo palco se reúnem girls de diferentes nacionalidades, apreciamos a concórdia que empregam para que os espetáculos continuem em sua marcha normal.

Girls das Américas, reconhecendo vossa abnegação às atividades nada simples e cômodas de vossa vida, desejaríamos sinceramente que tivésseis melhor conceito entre os que pagam para vos ver.

N O T A

Já havíamos entregue às oficinas a reportagem quando "estourou o caso" da girl americana, atraída a um apartamento em Copacabana, por um milionário que, não vendo satisfeitos seus desejos, rasgou-lhe a roupa e bateu-lhe sem piedade. Polícia, advogados, sindicato das girls, empresário, o processo está formado e está correndo. Só temos a lamentar a atitude animalesca de certos pseudo-homens, os responsáveis por nos considerarem os americanos como "latinos-sujos".



MORENA, FLOR-REGINA da graça brasileira, você resiste à comparação com as mais belas que nos visitam



ARRISCAMOS UM OLHAR pela fechadura do camarim, mas ao batermos a chapa a cena já havia mudado...



ENTRE OS VÁRIOS TIPOS de americanas, do norte, do sul e do centro, havia uma que era holandesa, legítima

Nicodemus

NÃO DESMERECENDO
O VALÔR DAS PROFISSÕES,
VELADAMENTE
INDAGA,

pergunta:

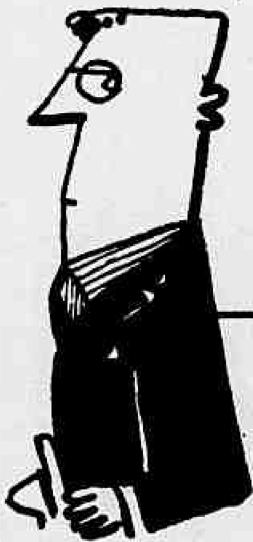
SE A FEZ
PROVA
DE
HABILI-
TA-
ÇÃO
...



E B NÃO FEZ...



SE A
TEM
PONTUALI-
DADE...





E B
NÃO
TEM...



SE
A
TRABALHA...

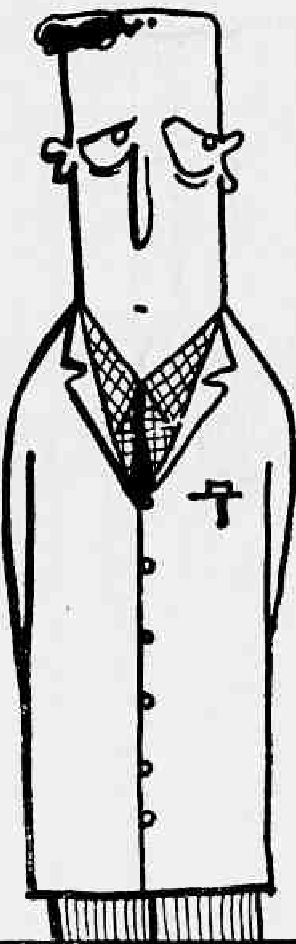
E B
NÃO...



SE A
E'
INFELIZ...

E
B
FELIZ
E'...

SE
A
NÃO
E'
PRO-
MO-
VI-
DO...



E
B
E'
E'
E'
E'...



POR
QUE?

POR
QUE
?..

O "ADMIRADOR SILENCIOSO"

NÃO sei qual foi o instante preciso em que minha mãe julgou-se a mulher mais bela da cidade. Era de traços harmoniosos, mas não bela. Nos momentos de maior carinho meu pai a tratava de "Bet" — Elisabet.

Ora, havendo o concurso anual da "Rainha da Festa de São José", promovido pelas senhoras da Igreja não sei qual foi o engraçado que andou votando tanto em minha mãe que ela, por um triz, não desempata a luta entre as primeiras colocadas. Mamãe, por mal dos pecados, apareceu de repente no páreo e entrou na reta em terceiro lugar. Imaginem: uma mulher casada e com trinta e tantos anos, envolvida nessas coisas!

Acho que o culpado de tudo tenha sido algum inimigo da família (que meu pai, com aquela mania da política, sabia fazer bons inimigos) ou talvez um provável antigo namorado.

Papai deu a entender que o episódio lhe era indiferente e evitava comentar. Mamãe fazia-se de indignada, mas pude notar um brilho novo em seus olhos e maior demora diante do espêlho, tôdas as manhãs.

Tôda a história morreria logo entre risos, se mamãe não levasse o caso tão a sério. Vivia falando no desconhecido que depusera tantos votos na urna em seu nome, quem poderia ser êsse misterioso cavalheiro, etc. As mulheres, quando picadas pela curiosidade, são capazes até de tôdas as extravagâncias.

Papai tinha agora dificuldade em fazer a leitura dos vespertinos, pois o referido cavalheiro se metia logo pelo meio — trazido por um comentário de mamãe, que tricotava no sofá ao lado.

— Olhe aqui, mulher, vê se esquece êsse sujeito, sim? Até parece que não tens mais nada em que pensar a não ser nesse camarada. A situação do mundo está péssima, os russos estão provocando os Estados Unidos, o mundo árabe está em pé de guerra e você a falar dêsse seu "admirador silencioso". Não quero ouvir mais semelhante assunto. Preciso acompanhar a marcha dos acontecimentos e isso requer elevação de espírito, compreonde? Bem, não se fala mais nessas ninharias!

Como vêem, o caso era sério. Mas minha mãe não se entregava, vencida, assim por qualquer alfinete. Levantou-se e foi se desabafar com a Teresa, nossa cozinheira. Esta revelou que estava quase na pista do tal "admirador silencioso" de dona Elisabet. No começo pensara que fôsse seu Augusto da farmácia, mas depois se desiludiu, quando soube que seu Augusto, além das pomadas e da horta no fundo da sua botica, de nada mais se interessava no mundo.

— Falam muito num tal Afonsinho da sêda...

— Afonsinho da sêda?! Que quer dizer isso, Teresa?

— E' um viajante que faz negócio com sêda. Desde algum tempo que vive por aqui e d. Sebastiana diz que êle comprou muitos votos — mas ninguém sabe em quem votou.

— Como é êle?

— Acham que é parecido com o vigário.

— Credo! E' careca?

— D. Vitória diz que não. Tem bigodes e anda sempre de branco.

— E' católico, vai à missa?

— Não sei. A Dita doceira acha que êle tem cara de maçon.

— Cruz!

— Mas ontem a Margarida me disse que êle anda embeiçado pela mulher do seu Ernesto escrivão. Não sai do cartório. A senhora sabe, seu Ernesto sempre foi um homem muito ocupado e a mulher não tem distrações. Agora diz — que o Afonsinho da sêda...

— Cambada de sem-vergonhas!

E mamãe voltou para a sala com o altivo nariz empinado para o teto, desdenhosa, acomodando-se no sofá para tricotar em digno silêncio.

— Isso ainda acaba mal! — exclamou meu pai, dobrando o jornal.

— Quem é que não sabe! Desde o noivado ela já fazia do Ernesto o que queria...

— Estou falando da "situação", mulher, da "situação européia"!

— Ah!...

— A guerra estoura já — é o que digo! Você se lembra que na última guerra eu disse que ela arrebentava naquele ano e arrebentou de fato — lembra-se? Tenho as minhas razões para afirmar agora a mesma coisa: *A guerra sai êste ano, mulher!* E' o que digo.

— Sim... — mamãe suspirou, continuando o seu tricô. De repente arregalou os olhos, lembrando-se: — Quinzote, você comprou alpiste para o canário? Aposto como se esqueceu outra vez!

Meu pai deu um estalo com a língua que mais pareceu um estampido. Mamãe não desistia fàcilmente. Se via um novo ponto de tricô ou algum modêlo de vestido, desconhecido — tanto lidava sòzinha, calada, desmanchando e refazendo, refazendo e desmanchando — até que finalmente dava com o fio da meada e podia então dizer às amigas: — "Aquêle ponto cruzado, em trança? Ora, é coisa fácil. Aprendi em meia hora". — Não estava acostumada com as coisas insolúveis, como êsse caso do "admirador silencioso".

— Romilda possui beleza, não nego, mas não merecia os votos que teve. Existem mulheres mais bonitas do que ela, ora se existem.

Romilda era a Rainha eleita. Papai, sem outra coisa a fazer, concordou com a cabeça, empinando mais o jornal e as suas pupilas móveis reencetaram a dança sôbre os telegramas do Oriente, mergulhado outra vez na confusa e tempestuosa Palestina, onde árabes e judeus estouravam os miolos, reciprocamente. — "E' claro que os russos estão ansiosos por entrar na Terra Santa. Com aquelas tropas concentradas no Afganistão, seria muito fácil para êles tal empreitada. O exército vermelho é poderoso. Pobre Turquia! No fim vai ficar cercada — se os rusos tiverem a petulância de invadir a Palestina. Mas o que não compreendo é porque os inglêses estão fazendo corpo mole naquilo lá. E o petróleo dêles, no Iraque? Com os árabes danados com a América e a Inglaterra — isso no fim vira uma guerra mundial, russos e árabes versus aliados e judeus. Pobre Turquia! Em 1914 ela ficou ao lado da Alemanha e pagou caro essa tolice. Aprendeu a lição e, na segunda guerra, ficou quietinha no seu canto — mas agora parece que vai passar mal. Dum lado a Grécia, em efervescência, atrás os vermelhos ardem por sair do Mar Negro e desembocar no Mediterrâneo, enquanto na Palestina a coisa se complica e a Rússia ameaça o bote. Que será da Turquia? Cederá, finalmente, sob a pressão vermelha, metade dos Dardanelos aos rusos? E', mas os inglêses não desejam ver os comunistas avançando pelo Mediterrâneo afora, isso não. O culpado de tudo é o partido trabalhista inglês! Tem feito cada burrada..."

— ...depois ela me disse que descobriram, mas já era tarde...

— O quê?

— As fraudes...

— Que fraudes?

— Do concurso. Descobriram muitos votos viciados em nome da Romilda e os contaram assim mesmo.

— Hum... Bem, isso não tem importância...

— Não tem importância?! Que é que tem importância para você? O quê?

Papai, que era um pacato professor aposentado, àqueles ímpetos em mamãe só soube olhar para ela com ar de idiota.

— Mas...

— Isso mesmo! O que é que tem importância para você? Vamos, diga! Você só se importa com êsse famigerado jornal! Desleixa até suas obrigações por causa dêsses pasquins mentirosos! Que é que adianta ler, ler, ler? Você pode evitar que os outros se matem na Europa, pode?

— Minha distração...

— Sua distração é ver os outros se matarem, não? Que vergonha! Isso não é de cristão! Onde já se viu...

Mas a preta cozinheira apareceu nesse momento providencial para anunciar o jantar na mesa. E já sentado no seu lugar, com o jornal sob o cotovelo, papai enfrentava, meditativo, outro problema. Era o prato de pepinos, à sua frente. O dilema resumia-se no seguinte: devia comer ou não comer pepinos? Gostava muito da coisa, mas depois

(*Cont. na pág.* 48)



Novela de
G. GASTÃO BUSSAMARA



Conjunto de figurantes de um «Bumba-meu-boi» do Maranhão, festa de natureza folclórica vastamente usada em todo o nordeste e extremo norte do país em determinadas épocas do ano, variando muito de região a região. Êste «Bomba-meu-boi» maranhense se realiza em junho e é rico de evocações dos tempos da escravidão e dos senhores de terras e engenhos

COISAS TÍPICAS DO MARANHÃO

O "BUMBA-MEU-BOI", A TRADICIONAL FESTA JUNINA

Os acontecimentos do Ano servem de motivos para as melodias ★ Não há balões, mas sobra a poesia popular ★ Os repentistas célebres e o ladrão de gado sem uma perna que obteve, cantando, a sua liberdade ★ Características do "Bumba-meu-boi"

Reportagem de BARNABÉ DE CAMPOS

COMO o carnaval nas cidades, o "bumba-meu-boi" constitui a festa máxima do caboclo maranhense. Desde a véspera de São João, ou seja, 23 de junho, até o dia de Nossa Senhora do Carmo, o "bumba-meu-boi" transforma-se em verdadeira coqueluche. Sendo a fonte inesgotável do folclore, as suas cantigas atraem os moradores da cidade, como acontece com o frevo, em Pernambuco, e o "bumba-bá", no Pará. Não há balões como os que se vêem em junho nos céus cariocas — tradição que a Polícia tenta acabar — entretanto as carretilhas, os "buscapés", as "bichinhas" e outras espécies de fogos transformam-se em atração da petizada, indiferente ao perigo que tal divertimento represente. Sim, perigo, porque não raro muitas pessoas saem queimadas, principalmente pelos "buscapés", que, muitas vêzes, dão a impressão de perseguir os indivíduos que correm dêles.

O "BUMBA-MEU-BOI"

Não é conhecida ao certo a verdadeira origem do "bumba-meu-boi".

Como uma peça teatral, o enrêdo apresenta um fazendeiro que tem um boi de estimação. Êsse boi desaparece sùbitamente. Desorientado, o fazendeiro chama o seu "amo" e exige que êle dê conta do seu boi de estimação. O "amo" manda os seus vaqueiros vasculhar os campos. Não encontrando nenhum sinal do boi passam a desconfiar do "Pai Francisco" e de "Mãe Catarina", pretos desocupados que têm o seu rancho nas cercanias da fazenda. "Pai Francisco" e "Mãe Catarina" negam que tenham qualquer ligação com o desaparecimento do boi. Entretanto "Pai Cazumbá", outro prêto velho, compadre de "Pai Francisco", termina delatando-o. "Pai Francisco" é chamado então, à fazenda. Nega-se a comparecer. O "amo" e os vaqueiros vão buscá-lo. Êle se exaspera e fere um dos vaqueiros. Todos voltam bastante tristes. Ante a valentia do velho, vão chamar o "rei" dos índios que manda os seus caboclos reais. "Pai Francisco" recebe os caboclos a bala. Êles, entretanto, não se atemorizam e trazem "Pai Francisco" e "Mãe Catarina", presos.

Dando demonstração de sua valentia, os caboclos chegam cantando conduzindo os prisioneiros:

"Meu senhor, meu amor,
Chico me atirou
Nem chumbo, nem bala,
Ou manina braba
Não me apanhou!"

Finalmente, "Pai Francisco" confessa o roubo feito e depois de chamar o doutor para curar o boi que está doente, devolve-o ao fazendeiro.

COMO SE FORMA O "BUMBA-MEU-BOI"

O "Boi" é feito com armação de varas, medindo um metro e pouco. A "carne" é feita de palha sêca de bananeira. O "couro" é feito geralmente de boa fazenda preta, com desenhos em lantejoulas e miçangas. Para baixo da armação cai um pano branco, de meio metro, mais ou menos, cuja finalidade é esconder o homem que dança em baixo do "boi" e olha por dois buracos feitos no pescoço. Quanto à cabeça é aproveitada de boi verdadeiro, sendo apenas coberta de pano preto e cheia de palha para lhe dar a exata conformação. Os olhos são dois espelhos artisticamente embutidos no pano prêto.

Os instrumentos usados são maracás, pandeiro, matraca e "tambor onça", conhecido como cuíca nas escolas de samba daqui.

Os bailantes, em número superior a quarenta, quando estão brincando formam sempre duas filas, com grande espaço no



«Pai Cazumbá» denunciou «Pai Francisco» e «Mãe Catarina» como, autores do furto do boi. Em baixo: os maiores repentistas da «Bumbas-meu-boi», de S. Bento, Onias e Ovídio com seus uniformes para a função, acompanhados de uma mascote a «Mosqueteiros»...



meio, a fim de que o boi possa dançar e investir ora contra "Pai Francisco", "Mãe Catarina" (um homem vestido de mulher) e "Cazumbá", ora contra os vaqueiros, ora contra o próprio "amo".

MESTRES DOS VERSOS

Os "amos" e "rapazes" do "bumba-meu-boi" são sempre caboclos repentistas, verdadeiros mestres de versos, pois tôdas as passagens do enrêdo são feitas em versos, muitos dos quais tiram proveito da situação.

Os bailantes são muito bem preparados, ostentando o peitilho de suas vestimentas cheios de desenhos de lantejoulas, o chapéu com penas de tôdas as côres, com compridas fitas, caídas da aba traseira, formando uma espécie de capa multicor.

Para que o leitor possa ter uma idéia mais precisa, do que seja o "bumba-meu boi" e os poetas espontâneos que nascem, vivem e morrem no nosso sertão, vou reproduzir algumas passagens dessa festa típica.

As cantigas dos nossos caboclos são quase sempre um brado de guerra, pois existem sempre vários bumbas. Por essa razão é que, tendo um boi do sertão vindo dançar na cidade, querendo mostrar ao "amo" que não temia a ninguém e revelando o seu espírito religioso, entrou cantando:

"Eu mandei tocar chamada,
E' hora, eu vou chegando
Com Deus e Nossa Senhora,
Trago São João na frente,
São Pedro do outro lado
Vejam se tem quem possa comigo
Pois ando bem acompanhado."

A "toada" que demora sempre sendo cantada, no mínimo meia hora, proporciona ao "amo" e aos "rapazes" botar versos de improviso, com tal facilidade, que surpreende os mais prevenidos espíritos civilizados.

Quando o "bumba-meu-boi" chega, o boi não aparece. Primeiramente são cantadas várias "toadas" em louvor ao dono da casa e de exaltação ao boi, tal como se vê neste verso:

"Quando meu boi urrou,
meteu a terra pro fundo...
urrou, gemeu
a nossa beleza do mundo."

Entretanto, quando percebe que perto há outro "bumba", revelando o espírito combativo, principalmente Onias, que é um dos "amos" mais repentistas dos que há em São Bento, lança logo o desafio:

"E' boi, é boi
é boi, pra combater
E' hora de combate,
agora é que eu quero ver."

Quando termina a dança e o "bumba" vai retirar-se, a despedida é sempre uma melodia saudosa, enquanto Nicolau costuma cantar:

"Boi, boi, boi
vem quebrando o barreiro.
A moça chora quando vê o meu boiá
faz pena eu não posso te levá."

Ovídio Mendes, outro cantador respeitado, cujos versos brotam do seu cérebro como água das cachoeiras, é mais confortador, quando canta:

"Adeus, que eu já vou me embora,
Não chore que eu já vou me retirar
Não chore pela minha despedida
Não chore minha querida
Que bem cedo hei de voltar."

Os cantadores também focalizam sempre os fatos que tiveram maior evidência no lugar. Assim é que, tendo sido em junho dêste ano o assunto mais corrente, o de haver um tal de Dino recebido uma proposta para vender sua mulher, tiraram logo esta "toada", que constitui um anátema terrível:

"E' Dino, é Dino
morador no Pindaré
a eu te dou, um milhão de cruzeiro,
pra vivê com tua mulhé."

Quando chega o dia da matança do boi, que é sempre dia de Nossa Senhora do Carmo ou São Marsal, a cerimônia é por demais chocante, chegando mesmo, a provocar lágrimas, não só dos barilhantes como de inúmeros assistentes.

Para dar uma amostra da solenidade,



Os índios aliados do fazendeiro dono do boi desaparecido, e que é trazido à fazenda pela intervenção dos «caboclos» que prendem «Pai Francisco» e «Mãe Catarina». Ei-los aqui, em suas roupagens vistosas, garantindo o boi retirado das mãos dos raptores. A ação dos índios é das mais interessantes, tanto pela coreografia como pelos versos e conjunto

vou reproduzir aqui o verso da morte do "bumba-meu-boi", que se chamava "Flor de São João":

"Flor de São João,
Estais muito triste
Te despedindo da nossa população
Se eu fôsse rico,
De ter dinheiro na mão
Comprava a tua vida
Pra levar pra São João...
Mas como sou pobre,
E pobre não tem razão,
Eu assisto a tua morte
Curtindo minha paixão."

Antes de terminar esta reportagem sôbre o "bumba-meu-boi", que seria completa se pudesse reproduzir a melodia de cada "toca", cujas letras dos estribilhos escrevi, quero relatar um caso que se passou quando eu era criança, mas que jamais me esqueci.

Por haver roubado boi, achava-se recolhido à cadeia de S. Bento um prêto, moço que só tinha uma perna e que, em vez de muletas, utilizava-se para andar apenas de uma vara. Êsse prêto chamava-se Sátiro. Chegou São João. Na casa do juiz, recentemente chegado de São Luiz foi dançar o "Bumba-meu-boi", de Lúcio que morava no lugar denominado "Mato Grosso". A pedido de Lúcio, o juiz mandou buscar Sátiro na cadeia para "botar" uma "toada". Êle era um terrivel improvisador. Quando Sátiro chegou pegou o maracá e vendo a senhora do juiz, com um filho de poucos meses de nascido no braço, começou a assediá-la com versos, tão comoventes que o juiz permitiu que êle fôsse com o "bumba" brincar o resto da noite, tendo a senhora prometido que no dia seguinte, êle teria a sua liberdade.

Como se passassem três dias, sem que a promessa da espôsa do juiz tivesse sido cumprida, Sátiro, conseguindo com os amigos levar outro "bumba" à casa do magistrado, ao se defrontar com a senhora foi logo cantando:

"Sou eu, sou eu,
Dona você prometeu
Quem promete e não faz
Não é cristão, é judeu."

Pois bem, senhoras, êsse terrivel ladrão de boi, de carne e osso, só de uma perna mas um improvisador que, mesmo analfabeto, prendia os civilizados e instruidos a noite inteira, conseguiu, dessa maneira, sua liberdade que, entretanto, não durou muito. Isto porque, meses depois Sátiro voltava às grades do xadrez, por se haver "apropriado indèbitamente" de um boi de carne e osso, de propriedade de um fazendeiro impiedoso.

E' com respeito e admiração, que rendo a minha mais sincera homenagem a todos os grandes cantadores vivos e mortos do "bumba-meu-boi" de São Bento, bem assim ao devotamento dos demais que trabalham o ano inteiro para se apresentarem com ricas vestimentas nos festejos dos milagrosos São João e São Pedro: — Nicolau, Ovidio, Onias, Teotônio, Lobinho, mestres dos versos, devotos de São João, heróis dos "bumba-meu-boi", de minha terra; eu vos rendo aqui a minha humilde, mas sincera homenagem.

As ruas da modesta S. Bento, no interior do Maranhão, se movimentaram com as proezas do boi ao fugir dos seus perseguidores, chefiados pelo «toureiro». A criançada goza o pitoresco dessas cenas de rua e acompanha alegremente o cortejo que dá à pacatez local um ar de grande animação e permanece como objeto de comentários durante vários dias seguidos



LONDRES
E SUAS ESTÁTUAS

MANIFESTAÇÃO DA CULTURA, DA SENSIBILIDADE E DA ARTE DE UM POVO ★ NÃO HÁ PREFERÊNCIA PARA OS MILITARES. TAMBÉM OS LITERATOS, EXPLORADORES, ESTADISTAS E FIGURAS MITOLÓGICAS TÊM SUAS EFÍGIES PERPETUADAS

Reportagem de CHRIS WAKE

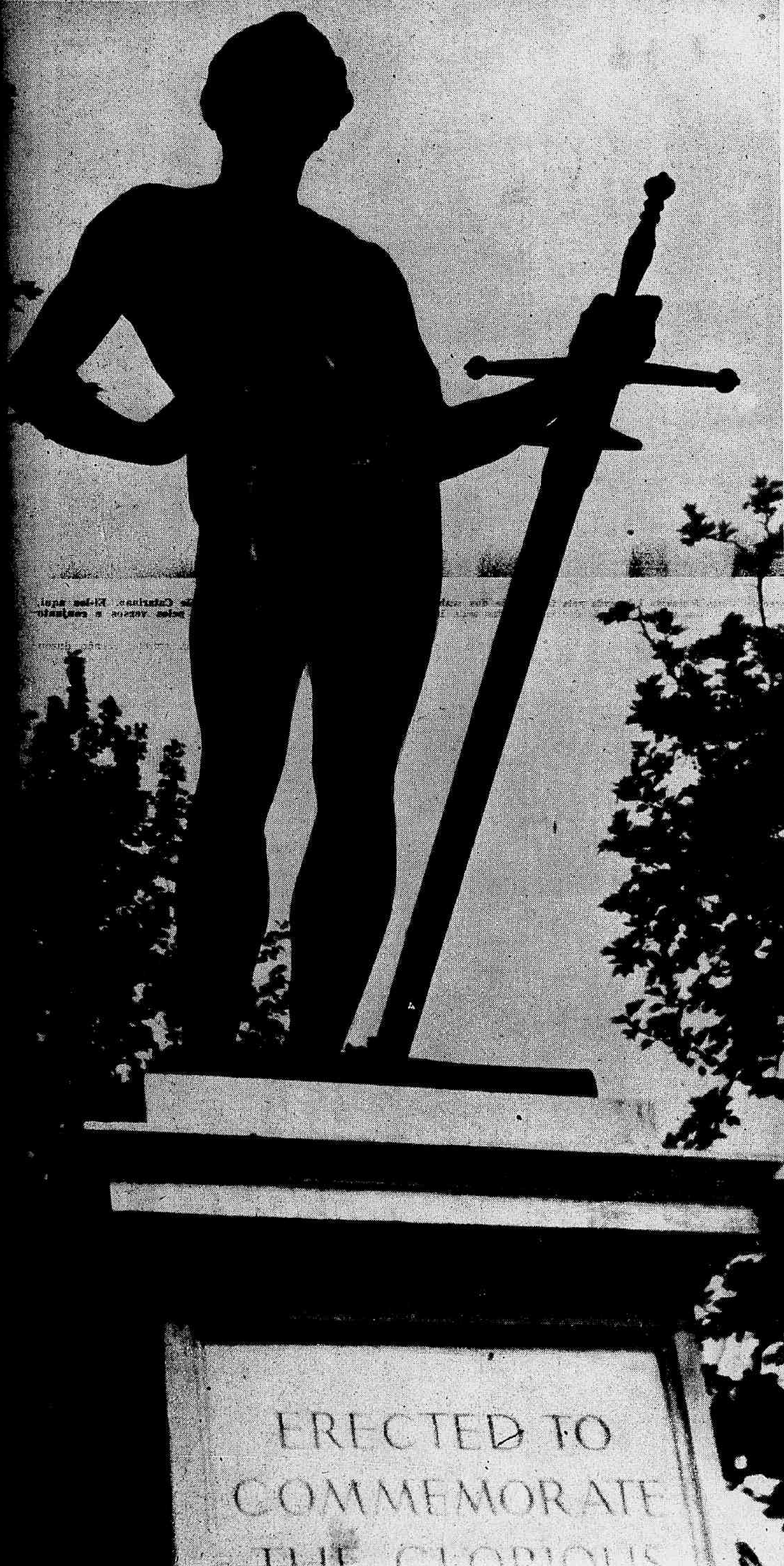
INCONTESTAVELMENTE, foram os gregos e os romanos os primeiros povos do mundo que procuraram perpetuar na arte da escultura e da estatuária a memória dos seus nomes imortais, tornando-os imorredouros na consciência dos cidadãos, através de belíssimas estátuas de pedra.

E os escultores daquelas recuadas civilizações trouxeram para a cultura moderna aquêles ensinamentos, inspirando os contemporâneos numa glorificação que se tornou universal.

De então até hoje, tôdas as grandes cidades do mundo ostentam monumentos admiráveis com suas estátuas de bronze ou de mármore, despertando o respeito dos que passam ou arrancando expressões de admiração aos amantes das Belas Artes em face de obras-primas do cinzel dos mestres.

Uma cidade de grandes proporções, com arranha-céus, comércio ativo, belos automóveis, campos de esportes, clubes, etc., sem estátuas imortalizando a memória de seus mais queridos filhos, ou de patrícios de nomeada, ainda está incompleta. As estátuas lhe dão mais vida, mais cultura, mais beleza, mais distinção.

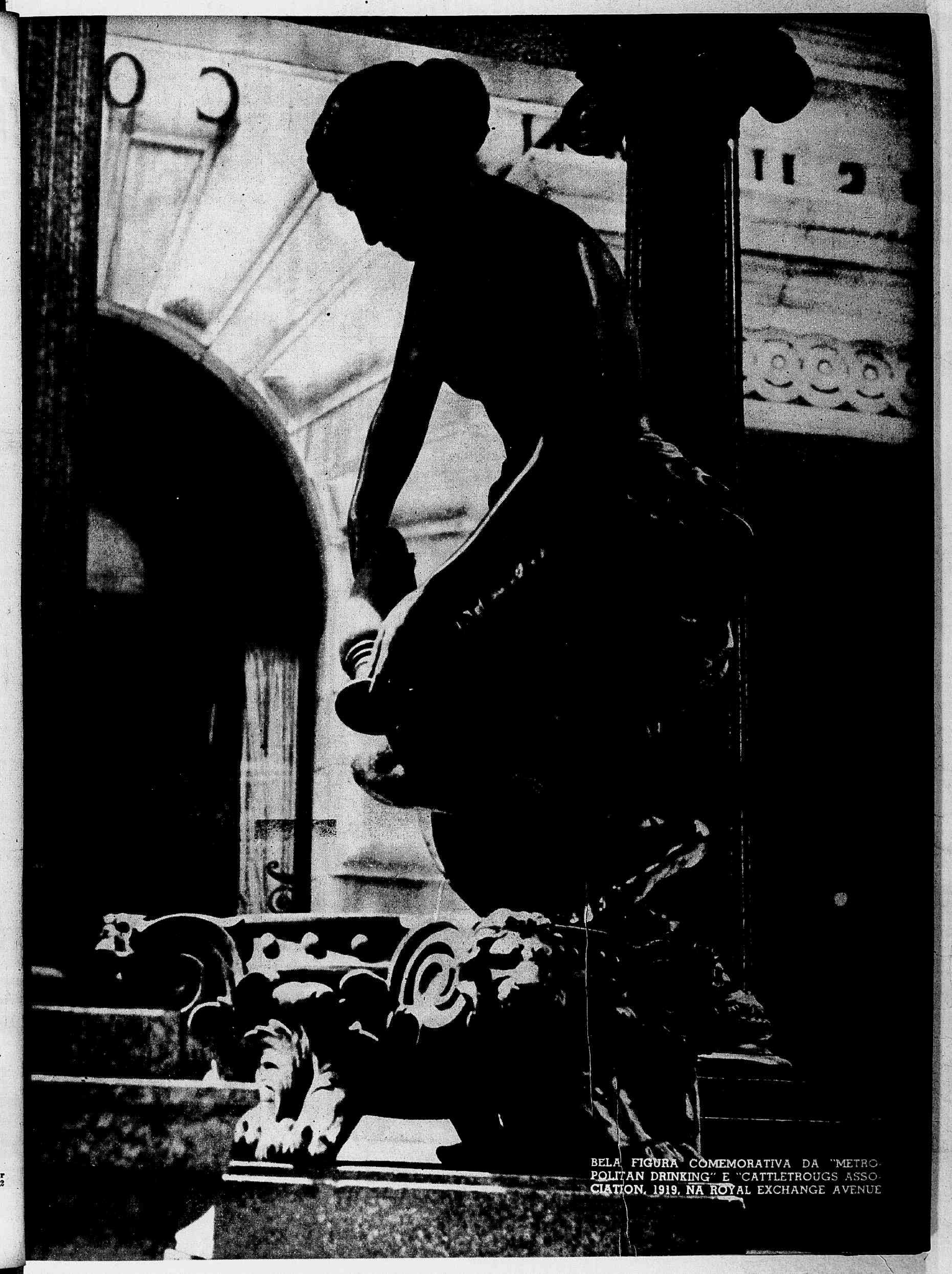
Londres possui grande número de estátuas e monumentos. Em suas praças, largos e ruas, há lugar para essas obras de elevada significação pedagógica e cultural, com base na gratidão do homem aos seus grandes apóstolos, seus reis, seus militares, seus pioneiros.



Belo monumento em memória dos heróis de cavalaria tombados durante a primeira grande guerra, de 1914 a 1918



Glorificação da memória de Scott, o famoso explorador do Polo Sul, morto quando regressava à Pátria em 1912



BELA FIGURA COMEMORATIVA DA "METROPOLITAN DRINKING" E "CATTLETROUGS ASSOCIATION, 1919, NA ROYAL EXCHANGE AVENUE



ESTÁTUA DE DAVID APÓS A VITÓRIA SÔBRE GOLIAS, MANDADA ERIGIR EM MEMÓRIA DO DUQUE DE WELLINGTON, 1º MINISTRO



Formosa estátua erguida à entrada do «Embankement», simbo
L. A. F. Buxton e muito apreciada pelos que gost... te e da



Outro monumento à memória do Duque de Ferro. ...oldado d... ...ado como
...ton, um Dragão dos exércitos reais inglêses do sé...



«Embankemen», simbolizando os atletas e lutadores, oferecida por ...los que gostam... te e da cultura física, tanto dali como do estrangeiro



...e de Ferro, ...ingleses do sé...

...oldado do Regimento de Londres justamente uniformi...ado como se viu na primeira grande guerra de 1914-1918



IMPRESSIONANTE ESTÁTUA A MR. GLADSTONE, SITUADA EM FRENTE À CASA DA AUSTRÁLIA. GRUPO CONHECIDO COMO O DA "EDUCAÇÃO"



Os monumentos de arte de Londres são, muitos deles, de beleza simbólica, perpetuando no espírito do povo as tradições e glórias dos antepassados. Aqui vemos um detalhe da figura da «Temperança», em «Embankement Gardens»

E Londres exibe aos olhos do forasteiro estátuas de reis, de rainhas, desde o ramo progressista dos Stuarts até aos mais antigos, quando a Inglaterra ainda estava dividida entre lutas religiosas e se aprestava para tornar-se a rainha dos mares, a maior potência naval do mundo.

Com a primeira grande guerra, vários monumentos ganhou a capital britânica. Grupos simbólicos, rememorando os feitos de seus soldados em terras da França, foram erguidos à memória de tantos que tombaram nos campos de batalha. A primeira grande guerra foi fértil em heroísmos entre os inglêses, tanto na Marinha como no Exército.

Àquele tempo a aviação fazia os seus primeiros ensaios como arma de guerra, de maneira que não pôde contribuir com uma quantidade apreciável de heróis. O mesmo se dava com os tanques, que, embora invenção inglêsa, não chegara a ter o amplo emprêgo que teve na segunda conflagração mundial.

Mas as estátuas de Londres não se destinaram a comemorar apenas os que deram a vida pela pátria nas guerras. Quase sempre são monumentos destinados a imortalizar os estadistas, exploradores e escritores. Há mesmo alguns monumentos glorificando estrangeiros, como sucede com o imortal Abraham Lincoln e o ex-presidente Franklin Roosevelt.

Ambos têm suas estátuas em praças de Londres, numa demonstração de solidariedade intercontinental e de amor aos que souberam lutar pela paz e concórdia entre os povos.

Não sòmente há estátuas em Londres como objeto de patriotismo e gratidão. Notam-se muitos outros monumentos de Arte, atraentes e belas estátuas fixando épocas já distantes, simbolizando diversas etapas do desenvolvimento do país, sua civilização e sua cultura.

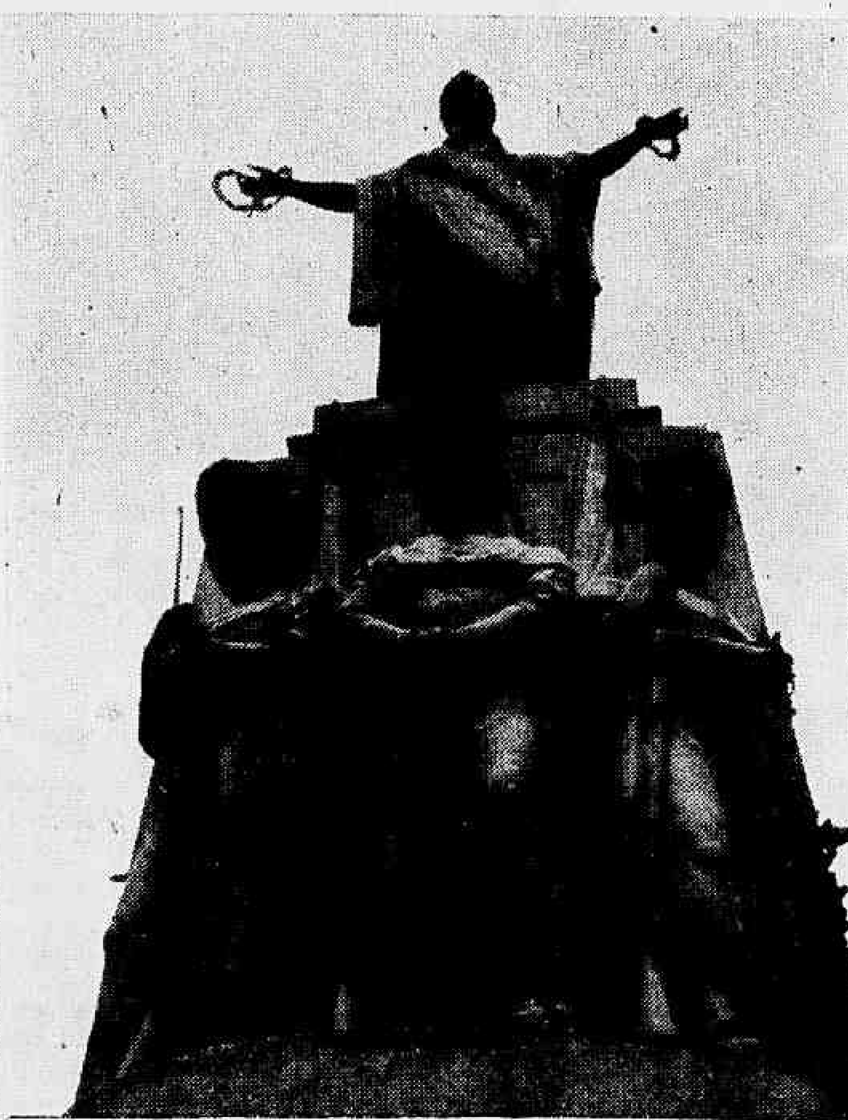
Nos monumentos decorados com motivos bucólicos e embelezados pelas fontes perenes de água límpida, o conjunto ornamental agrada à vista do observador e serve de atrativo para os turistas que invadem, diàriamente, as ruas da imensa metrópole do Tamisa.

Nota-se mesmo um certo gôsto oriental nas esculturas públicas de Londres, nas suas belíssimas estátuas. Esfinges olham misteriosamente os que passam, felizmente sem aquela sentença terrível diante de Édipo; as esfinges de Londres são mais domésticas e apenas recordam páginas da civilização do Egito. Há estátuas de Cleopatra e de camelos com soldados que deram sua vida pela segurança do Império nos ardentes areais da África.

Mas conhecerão os londrinos tôdas as suas estátuas e a significação das mesmas?



Florence Nightingale sustentando na dextra sua famosa lamparina erguida em «Lower Regent Street», Londres



Monumento representando a vitória de Balaclava, a cujo conjunto pertence o detalhe de Florence Nightingale



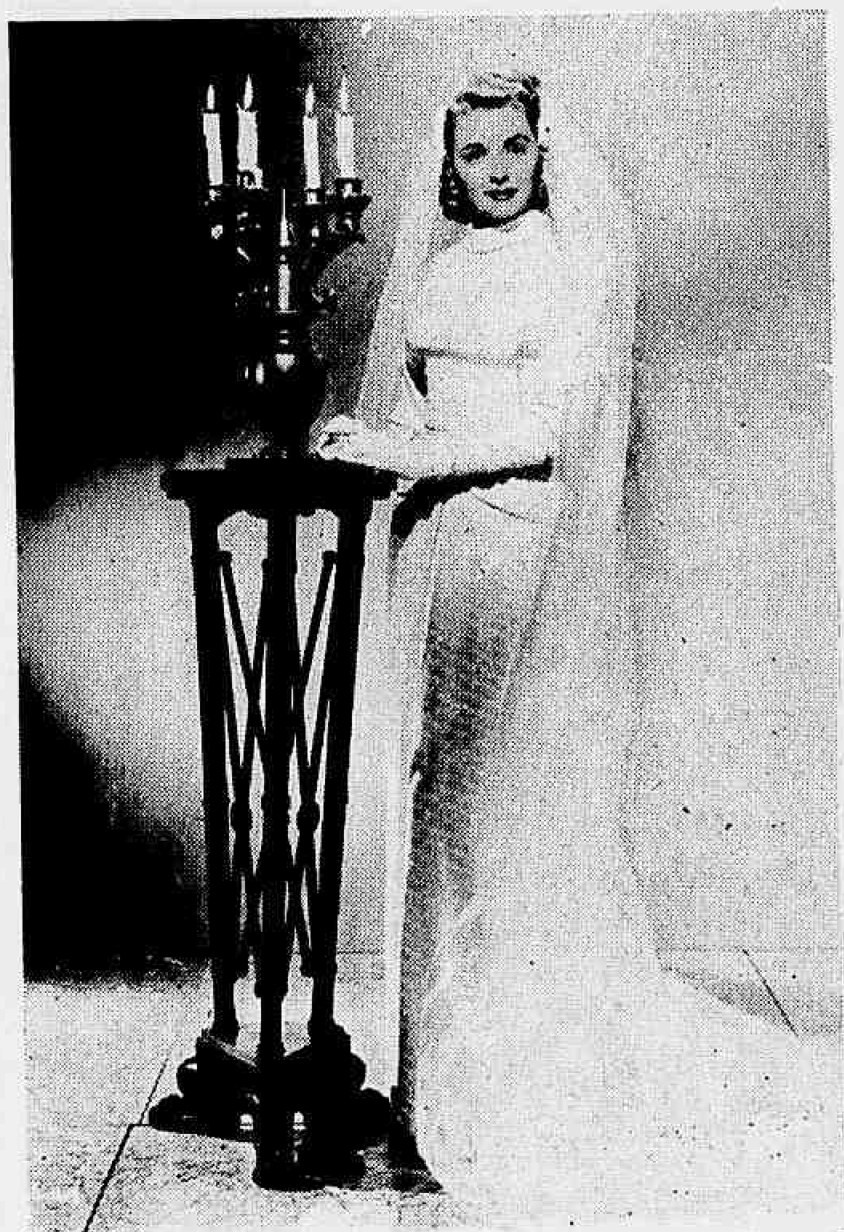
Estátua do americano George Peabody, amigo do povo londrino, situada em Threadnneedle Street. Morreu em 1863

PARA O GRANDE DIA

PARA o grande dia em que você concretizará todos os sonhos de sua vida, temos nesta página estampados três modelos que por certo muito lhe agradarão. À direita, ao alto: Doris Day com um maravilhoso modêlo em tule branca, saia bem farta, corpo de renda branca, mangas longas e justas, cintura bem acentuada, decote bem fechado. À esquerda, ao alto: Joan Fontaine, numa lindíssima sugestão em tecido brocado, decote amplo, mangas largas. Neste modêlo o véu é curto e a grinalda tôda formada de pérolas brancas. Em baixo: em sêda branca com "failletès", temos êste modêlo mais simples, no entanto bastante sugestivo, e elegante.







Os Milagres do Amor

MAIO. Corações em festa. Sonhos de noivos, poemas da vida e do Amor. Não se pode separar o noivado, o casamento aos pés do altar ou diante do juiz, do vestido, véu e grinalda de uma noiva. Embora o ato civil seja menos litúrgico, exigindo apenas indumento decente, o casamento pressupõe sôbre a cabeça da noiva a auréola de flores de laranjeira como símbolo de pureza. Apesar de o progresso do mundo ocm seu utilitarismo avassalador vir derrubando as tradições mais antigas, é no casamento entre jovens sonhadores que os hábitos do passado longínquo reflorescem vitoriosamente e ressuscitam os séculos que se foram. Diante do espêlho uma noiva não poderia jamais compreender o seu enlace diante de Deus sem a cascata branca do véu a derramar-se até o chão, coroada pela grinalda evocativa da virgindade. Às mãos o "bouquet" simbolizando a felicidade que o destino lhe abre para a vida, que daí por diante defluirá em permanente mar de rosas. O noivado é o ponto culminante do Amor, como o casamento é o ponto culminante do noivado. Os poetas se inspiram em vestidos de noiva e a própria Natureza cria belezas indescritíveis desenhando nas pedras lavadas pelos arroios modelos admiráveis de vestidos de noiva com os véus feitos de espumas para a festa do espírito quando é um poeta aquêle que os observa. Aves vestidas de branco, com as caudas alvíssimas e à cabeça um tope níveo como uma coroa de noivado, dão às florestas tropicais o aspecto lírico de bôdas misteriosas e enigmáticas. E quando a chuva desce das nuvens e se coloca face a face com os raios do sol, dizem os sertanejos que há no céu um casamento decorado com a magnitude do arco-íris. O casamento é uma contingência naturale social. E' a união de duas vidas que se integram para a formação de outras que hão de vir. E' a realização dos sonhos de corações que se amam e de lábios que se unem para rezar a mesma prece da felicidade e do Amor. E o mês de maio, mês de Maria, mês das flores e das elevações espirituais para o alto, é o mês dos noivados e dos casamentos. Adôrno da vida, luz entre as trevas da inquietação, o casamento unindo destinos que tiveram origem a milhares de léguas de distância, consegue o milagre bíblico dos primeiros dias do Genesis e a eternidade da vida.

EM CETIM E TAFETÁ





ENTRE os vários tecidos escolhidos para vestidos de noiva, são muito procurados o cetim e o tafetá. Apesar de não servirem para modelos muito juvenis, prestam-se para criações mais sóbrias e elegantes. Na página ao lado, temos um encantador vestido de grande simplicidade de corte e muita elegância nas linhas. Corpo de gola alta, saia franzida, mangas japonêsas, cinto largo bem justo. A saia abre-se atrás em forma de leque para dar lugar à cauda. Cristian Dior sugere êste modêlo, como o modêlo ideal para a noiva de 1950. E' um suntuoso conjunto em cetim e tule branca, véu finíssimo e bem curto, completando harmoniosamente o conjunto· Nesta página, à direita: de grande sobriedade é êste modêlo com cauda arredondada, mangas compridas e pala bem subida, em organza. Em baixo: sugestivo modêlo, saia quase sem roda, corpo justo de mangas compridas com decote em forma de V, caíndo para os ombros. Neste outro modêlo a harmonia entre o cetim e a renda é perfeita. Corpo justo e inteiramente de renda, sem decote, deixando os ombros inteiramente descobertos.











-- SUGESTÕES -- INTERESSANTES





MUITAS vêzes um pequeno detalhe na toilette da noiva dá grande encanto e transforma-a completamente. Estas sugestões poderão ser aproveitadas de diversas maneiras. Analise-as bem: neste vestido estilo princesa, notamos dois detalhes sugestivos: a touca, lembrando Maria Stuart e o regalo de peles. Ao alto, à direita: original "bouquet", formado apenas por uma grande rosa de organza, interessante sugestão para substituir os "bouquets" de flores naturais. Em baixo, à esquerda: vestido de cetim, com o corpo, as mangas e uma grande túnica de renda, grinalda tipo princesa, véu curto. A seguir: touca de renda simples, da parte de trás por baixo, sai o véu. Vestido de organza, com as mangas em renda terminadas em ponta, gola também de renda com aplicações de viezes, do mesmo tecido do vestido.



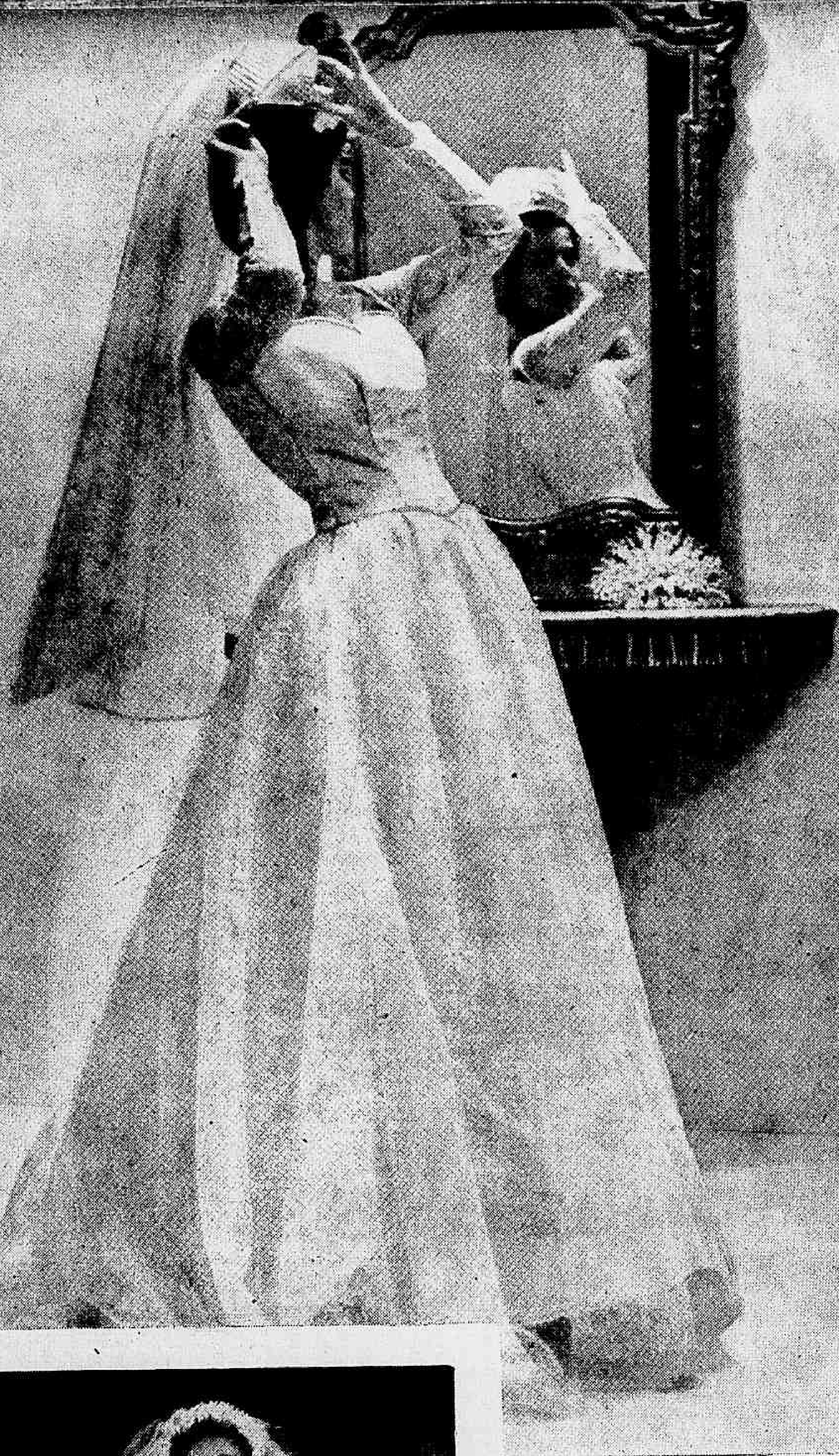


NOIVAS E DAMAS

NOS casamentos de maior luxo é de grande elegância a noiva e as damas vestirem-se da mesma fazenda, embora os feitios dos vestidos não sejam exatamente iguais. Êstes modelos apresentam sugestões encantadoras. Ao alto, à esquerda: Modelos em organza bordada, o vestido da noiva possui mangas compridas e uma pala e o da dama é de mangas curtas e o decote é amplo. À direita, vestidos em organza bordada. Aproveita-se a parte da barra da fazenda para fazer as capinhas, sendo que no vestido da dama o decote é redondo. Em baixo, à esquerda: vestidos em organza de "pois". Os corpos formam bicos e possuem dois babados em volta do decote. O vestido da noiva é de mangas compridas e o da dama, sem mangas. À direita: vestidos em nylon, as saias são enfeitadas com cetim. Ambos os modelos são iguais, diferencando-se apenas pelas mangas: as da noiva são compridas e as da dama são curtas.











EM NYLON

★

OLHANDO-SE à primeira vista não se acredita que êstes maravilhosos modelos sejam confeccionados em nylon, mas êles vêm provar os belos efeitos que podem ser conseguidos com esta matéria, principalmente quando combinada com outros tecidos como a renda. Ao alto: há muita simplicidade neste vestido enfeitado apenas pela própria fazenda, nylon rendado, o corpo é de tafetá liso. Combinação de nylon e cetim neste lindo modêlo. O corpo é coberto por uma parte de nylon, bordada. Em baixo: vestido de nylon com os babados do decote e do avental da saia, em renda. Êste vestido tem o corpo em organza bordada e forma duas abas, apresenta o decote em V.







SE para confeccionar o vestido de noiva se procura uma fazenda que o torne leve e gracioso, deve-se escolher a organza. Êste tecido dá muita graça e beleza a qualquer feitio. Ao alto: modêlo com o corpo e as mangas em renda. A saia, a pala e a gola são de organza. Encantador vestido, confeccionado em organza de barra bordada, aproveita-se a barra para fazer o corpo e a parte superior. Em baixo: Graça e simplicidade são as características dêste modêlo. O corpo tem três babados de organza, debruados com cetim e cáem bem para os ombros. A saia, as mangas e a pala são em organza bem fina. Entremeios de renda constituem a originalidade dêste vestido em organza. O trabalho de entremeios estende-se até a cauda.

MODELOS EM ORGANZA







ENCANTADORES e graciosos modelos para damas, podem ser confeccionados em diversos tecidos. Em cima: corpo recortado, sem alças e bolero em faile, saia de tule, são as características dêste modêlo. Para as mais jovens, encantador vestido de organza com o corpo franzido e a saia plissada, com um avental também franzido, enfeitado por um botão de rosa. Em baixo: o corpo dêste vestido é feito pelo cruzamento de duas tiras, uma de tule e outra de veludo. A saia ampla é de tule. Outro modêlo em tafetá, com original gola que forma tambm as mangas. Vestido de tafetá com armação de arame na gola e na saia formando interessante recorte.



PARA AS ACOMPANHANTES





ser
ado.
icas
anza
ran-
ves-
a de
ori-
ar-
rte.







PARA AS MADRINHAS

ESTA coleção de vestidos é destinada às madrinhas. Sempre há grande dificuldade na escolha de modelos discretos e elegantes. Êstes, apesar de não serem de grande luxo, agradarão pelas suas linhas modernas. Em cima, conjunto ideal para senhoras de meia idade, saia em cetim e blusa de renda, com cinto também de cetim. Saia godê em cetim negro, blusa bem comprida sem mangas, de brocado, decote redondo baixo e cinto de cetim preto. Em baixo: vestido em cetim cinza, corpo sem mangas terminando em bico, saia franzida com pequena cauda. Bolero de mangas japonêsas, bordado.



PARA o guarda-roupa de núpcias, damos algumas sugestões de camisolas simples, executadas em sêda lingerie, e enfeitadas com renda. Há também dois modelos franceses de robes, o primeiro de corte simples em cetim brocado e o segundo de tafetá, com ampla saia e costas em renda, do mesmo tom da fazenda.

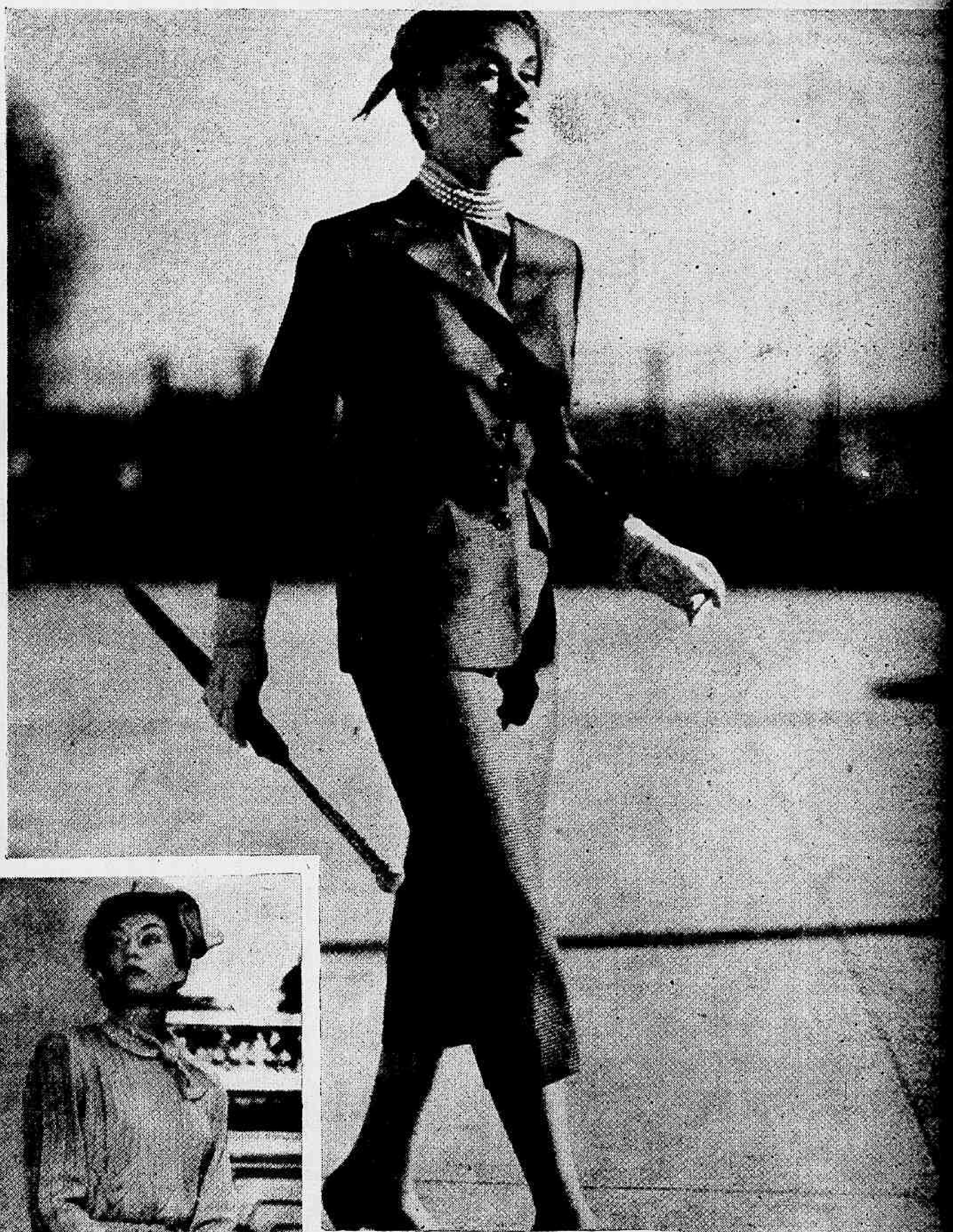


INTIMIDADE









DE CIVIL





A cerimônia civil é simples, admitindo toilettes ligeiras, e até costumes, êstes modelos servirão para esta ocasião. Em cima: vestido de duas peças em tafetá. O casaco tem o decote bem baixo e uma gola de sêda branca. Costume de linhas clássicas, casaco bem comprido e saia justa. Vestido de corte simples, em sêda, com a saia e o corpo plissados. Em baixo: modêlo confeccionado em cetim preto, com um grande laço na cintura e a saia bordada de lantejoulas. Vestido em lamé com decote e as mangas, uma tira de bordado de pedrarias.





NA viagem de núpcias são necessários vestidos e costumes práticos, que permitam plena liberdade de movimento. Nesta página, sugerimos às nossas leitoras alguns interessantes modelos que por certo agradarão bastante. Em cima, temos: conjunto prático de saia, blusa olímpica e casaco xadrez e costume de linhas clássicas, também em tecido xadrez. Costume em lã fina, sendo o casaco e a saia adornados com botões. Em baixo: casaco em lã cinza com a gola, bolsos e os punhos, bem amplos. Dois costumes elegantes e simples, o primeiro em sêda escura, pesada, e o segundo em tafetá quadriculado.

VIAGENS













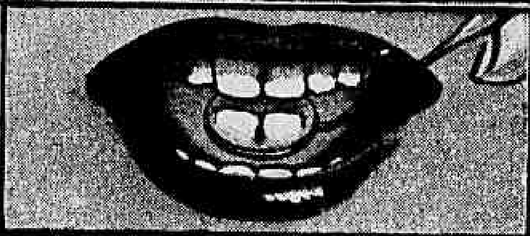
NO seu variado guarda-roupa de núpcias, não devem faltar os modelos simples, práticos, próprios para passeios ligeiros. Aqui temos algumas variadas sugestões. Em cima: para saídas pela manhã, vestido em algodão encrespado, saia franzida e corpo de mangas japonêsas. Para as tardes frias: vestido em lã escocesa, com um chale do mesmo tecido. Em baixo: costume de casemira, enfeitado com debruns em fazenda de côr diferente. Blusa de sêda com frente trabalhada em pequenas pregas.

VARIADOS

DENTES SADIOS E BRILHANTES, são os de todo KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE... olhe os dentes de outra boca... cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA

Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS

A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE

A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



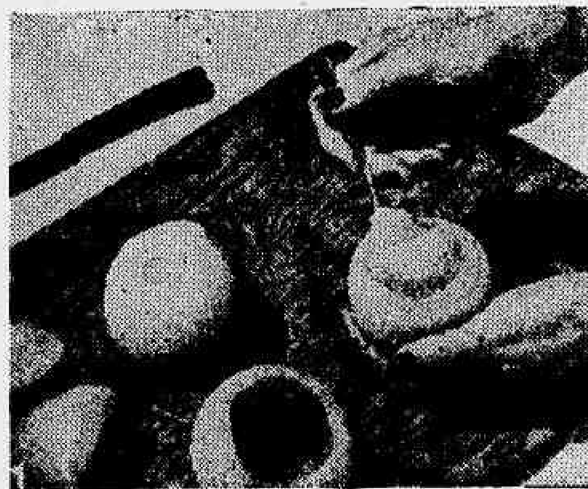
McCANN

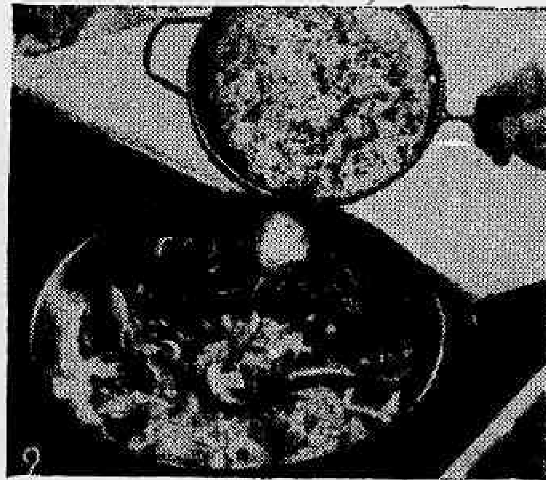
Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-307



WEEK-EN







PUDIM DE PÃO COM QUEIJO

4 pãezinhos, leite, 3 ovos, 1 xicara de queijo ralado, sal, cebolinha, salsa, 1 colher de manteiga. Despeja-se o leite quente sôbre os pãezinhos. Quando estiverem moles, mexe-se tudo muito bem com uma colher até formar um mingau. Em seguida, juntam-se as gemas, o queijo e as claras batidas em neve. Deita-se esta massa em uma fôrma untada com manteiga e leva-se ao fogo durante 40 minutos.

BANANAS COM CREME

Parta em rodelas 12 bananas bem maduras. Arrume num prato de cristal as camadas de bananas e açúcar. Bata 150 gr de creme de leiteria, incorpore ½ clara em neve e cubra as bananas. Enfeite com castanhas de caju torradas e partidas em tirinhas.

CARNE DE PANELA

Tempere 2 quilos de alcatra com vinagre ou vinho, ½ dente de alho socado, cheiro e 1 pedacinho de louro. Deite numa caçarola 1 colher de gordura com bastante rodelas de cebola, frite e depois deite a carne; refogue até corar, junte 2 cenouras, tomates e 2 xicaras de água, e deixe cozinhar coberta, em fogo fraco, até ficar bem tenra. Desengordure o môlho, côe e deite sôbre a carne partida em fatias.

BATATA DOCE RECHEADA

Tome 6 batatas de uns 10 cm de comprimento e leve a assar no forno. Corte ao meio sôbre o comprido e cave com uma colherzinha para formar como um barquinho. Amasse a polpa retirada com ½ colher de manteiga, 2 de leite, 2 de queijo ralado e 150 gr de presunto picadinho. Encha as batatas com o recheio, passe por cima ôvo batido, polvilhe ligeiramente de queijo e leve ao forno para tostar.

ANÉIS DE SEMOLINA

125 gr de açúcar, 150 gr de farinha, 4 ovos, casca ralada de limão e um môlho de vinho tinto.

Batem-se bem as gemas com o açúcar, mistura-se a farinha, a casca de limão e as claras batidas em neve.

Fritam-se às colheres em gordura quente, cobrem-se com uma calda de vinho tinto, à qual pode-se juntar algumas passas sem sementes, e servem-se quentes, polvilhadas com açúcar.

OVOS RUSSOS

Cozinham-se os ovos, cortam-se ao meio e tiram-se as gemas que se passam, juntamente com "filets" de sardinhas, por uma peneira bem fina, misturando-se em seguida com maionese. As claras se colocam, segundo o gôsto de cada um, sôbre salada russa, maionese, salada de alface ou môlho "remoulade". Em seguida, enchem-se as cavidades com a mistura das gemas, guarnecendo-se tudo com alcaparras, tiras de tomate, pepinos em conserva ou sardinhas.

PEIXE A LA RUSSE

Toma-se um peixe de 750 gr aproximadamente que se leva a cozinhar em um môlho qualquer. Estando cozido, retira-se do fogo e deixa-se esfriar no próprio môlho. Quando frio, retira-se com muito cuidado, deixando-se escorrer a água. Arruma-se uma camada de salada em um prato oval, sôbre a qual se coloca o peixe. Guarnece-se o prato com fôlhas de alface temperadas com môlho de maionese, 6 claras e gemas de ovos, guarnecidas com pepinos em conserva, alcaparras, tomates, rodelas de limão e flores.

PANQUECAS DE BANANA

Massa de panquecas, 4 a 6 bananas, açúcar, suco de limão, 1 gema, 2 colheres de nata. Amassam-se as bananas, que se misturam com uma colher de açúcar, 1 colher de suco de limão, 1 gema e nata. Frigem-se as panquecas bem finas em manteiga e se cobrem com a massa de bananas, enrolam-se e colocam-se em um prato que possa ir ao forno, pulverizam-se com açúcar e leva-se ao forno quente por alguns instantes.

PUDIM DE QUEIJO

100 gr de manteiga, 100 gr de farinha, um pouco de sal, 2½ xicaras de leite, 200 gr de queijo parmezão ralado, 7 ovos. Cozinha-se a manteiga, a farinha e o sal com o leite, mexendo bem. Quando a massa estiver despregando da panela, tira-se do fogo e deixa-se esfriar. Em seguida, juntam-se as gemas, o queijo e as claras batidas em neve. Deita-se esta massa em uma fôrma untada com manteiga e leva-se ao fogo durante 40 minutos.

BÔLO DE SÃO GALIER

3 ovos, 250 gr de açúcar, 500 gr de farinha de trigo, 100 gr de manteiga, 3/10 de litro de nata ou leite, 4 colheres de fermento em pó. Mistura-se o fermento com a farinha e peneira-se. Batem-se os ovos com o açúcar até ficar uma massa espumosa, junta-se a manteiga derretida, a farinha e o leite ou a nata; bate-se durante 1/4 de hora e leva-se ao forno em fôrma bem untada.

GELÉIA DE PONCHE

3/4 de litro de vinho, 1 copo de rhum, 2 colheres das de sopa de caldo de limão, 1 colherinha de fôlhas de chá, 250 gr de açúcar, 20 fôlhas de gelatina, 2 cla-

A COZINHA

ras. Mistura-se o vinho, o açúcar, as claras batidas, a gelatina amolecida, o caldo de limão e as fôlhas de chá; leva-se ao fogo e deixa-se cozinhar. Retira-se a caçarola do fogo e depois de uns 15 a 20 minutos, cõa-se em um pano e junta-se o rhum. Põe-se em taças e deixa-se gelar.

RECHEIO DE AMÊNDOAS

125 gr de amêndoas peladas e raladas, casca ralada de 1 limão, 125 gr de açúcar e 1 a 2 gemas. Misturam-se e batem-se bem as gemas com o açúcar e a casca de limão e juntam-se as amêndoas.

PICADINHO SIMPLES

Pique pedaços de carne com o balanço ou batendo com o facão. Faça um refogado com banha e cebola picadinha, e aí deite a carne para tostar. Junte bastante tomates sem peles, 1 galho de salsa, regue com 1 xícara de caldo ou de água, e deixe cozinhar em fogo lento até secar, mas não demais.

SANDUICHES DE CAMARÃO

Tome 1/2 quilo de camarões cozidos e 2 ovos duros, e parta aos pedacinhos. Junte 2 colheres de môlho de maionese, deite entre fatias de pão de fôrma, e corte sôbre a largura, em tiras de 3 cm. Pode juntar 1 pitada de mostarda.

PERFECT COCKTAIL

1/3 de Gin, 1/3 de Vermouth italiano, 1/2 de Vermouth francês. Sacuda e deite em cálices e esprema por cima um pouco de caldo de laranja.

DOCE DE MEL

Misture de vagar 6 gemas, 1½ xícaras de mel, 1 xícara de farinha de trigo peneirada e outra de avelãs socadas. Bata as 6 claras em neve, junte à massa e despeje em fôrma untada de manteiga. Leve a assar em forno brando durante ½ hora, pouco mais ou menos.

SINFONIA BANANESCA EM DÓ MAIOR

Tome um prato grande, côncavo, deite dentro uma camada de geléia de morangos, e sôbre ela, outra de rodelas finas de banana prata, bem maduras. Cubra tudo com creme Chantilly. Prepare 2 horas antes de servir e deixe na geladeira.

PUDIM DE BACALHAU

Toste 150 gramas de manteiga com 100 de farinha e dilua com 4 xícaras de leite. Retire do fogo, junte 250 gr de bacalhau grosso, sem peles nem espinhas, cozido e passado na máquina, 6 gemas, 50 gr de miolo de pão embebido no leite e peneirado, sal e 6 claras em neve. Misture tudo e deite numa fôrma de gomos, untada. Jogue por cima um punhado de passas sem caroços e leve a assar em banho-maria. Desenforme num prato redondo, e regue tudo com bastante manteiga derretida. Use uma fôrma furada e em gomos.

BISCOITOS DE MAIZENA

Misturam-se 2 colheres de sopa de manteiga com 1 pires de açúcar, depois juntam-se 3 gemas de ovos, 1 pacote de maizena (dos grandes) e ½ lata ou vidro de leite de côco. Fazem-se os biscoitos em forma de argolinhas que vão ao forno em temperatura branda.

BATATAS A MODA DE LYON

Cozinhe 1 quilo de batatas, depois pele, corte em fatias finas. Leve ao fogo numa caçarola com 2 colheres de manteiga, azeite ou banha bem quente. Junte 250 gramas de cebola picadinha. Toste um pouco, retire as cebolas com a espumadeira e aí deite as batatas para corarem; torne a juntar as cebolas, misture, passe um pouco e sirva.

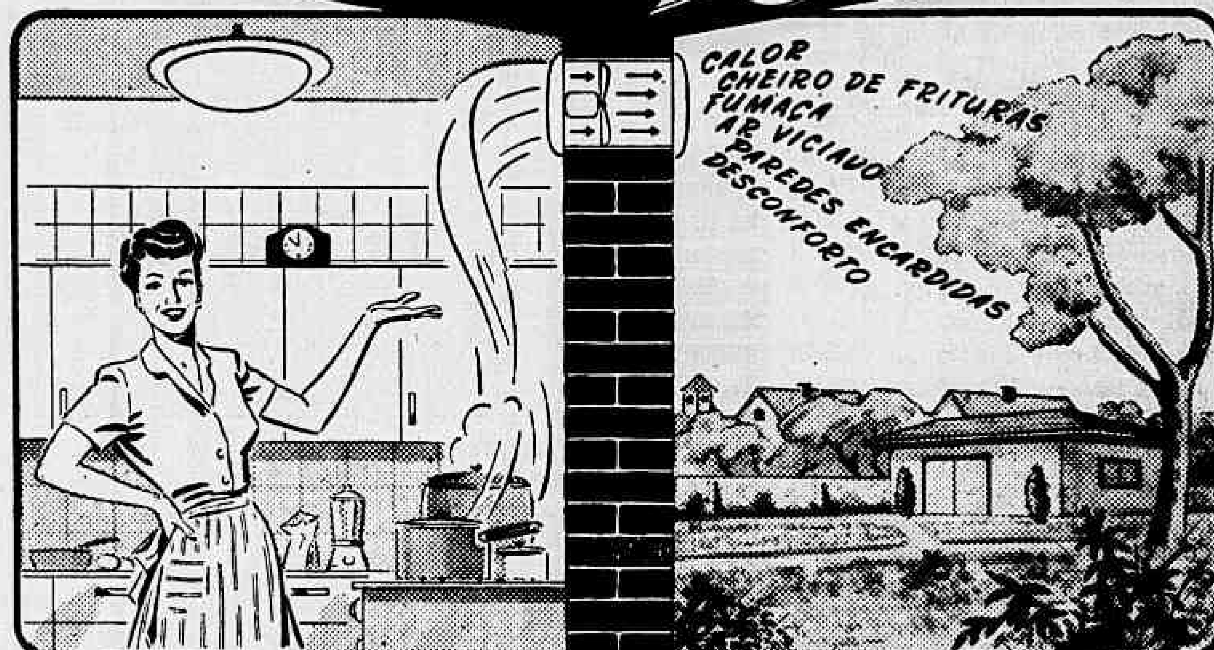
ALJAVAS DE AMOR

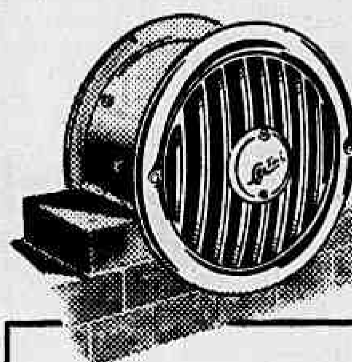
Tome fatias finas de presunto, corte em pedaços de 7x5 cm. e faça cartuchinhos com 2 dúzias de gemas faça fios de ovos, mas não muito soltos. Encha os cartuchos com os fios e deite em caixinhas de papel frizado. São um dos salgadinhos de mais efeito para chás e recepções e muito saborosos.

PÃO DE MINUTO COM QUEIJO

Misture 14 colheres de farinha, 1 de manteiga, 1 de açúcar, 1 de fermento em pó, sal, 2 ovos e leite até formar uma massa mole. Adicione 2 colheres de queijo aos pedacinhos e leve a assar no forno em forminhas untadas, ou frite às colheradas em banha quente.







Mantém a cozinha confortável e auxilia a higiêne. É fácil de instalar mesmo em construções já concluidas – funcionamento silencioso. Consumo de energia igual ao de uma pequena lâmpada. Preço acessível. Instale também na sua cozinha um Exaustor Contact.

F. R. MOREIRA & CIA. LTDA.
Av. Rio Branco, 107/9 - Tel. 23-4444





CORTA os RESFRIADOS

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rcugeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.
RIO DE JANEIRO

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.

PUBLICIDADE PARA ESTA REVISTA EM S. PAULO

Recebimento de faturas a cargo da "Agência Zambardino"

Rua Capitão Salomão, 67
Telefone: 4-1569

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

O INSTITUTO DOS BANCARIOS NO PARANÁ



Nas fotografias de cima e de baixo podemos apreciar o magnífico e bem localizado grupo residencial Santa Quitéria, onde estão sendo concluídas cinqüenta e cinco «vilas» destinadas aos bancários curitibanos. A iniciativa, que bem revela o grau de importância em que a direção central do Instituto coloca a cidade de Curitiba, e de modo geral o Estado do Paraná, além de representar uma realização de vulto no terreno da assistência social, vem coincidir com o surto de progresso que empolga a bela capital sulina, jamais registrado em seus anais. Essas casas são compostas de dois pavimentos. Custaram sessenta e seis mil cruzeiros, baixo custo, como se vê, nesta época de preços astronômicos, principalmente no setor das construções, o que evidencia a preocupação com que o Instituto dos Bancários defende a bolsa dos seus associados. Entretanto, foram elas convenientemente muradas, ficando independentes, fêz-se arruamento e estão sendo providenciados o calçamento a paralelepípedos e as indispensáveis instalações de luz, o que elevará o seu preço a setenta e cinco mil cruzeiros. Cumpre notar que as casas têm oitenta e quatro metros quadrados, o que ainda mais evidencia o seu baixo custo. Afora êsse núcleo residencial, a Carteira Imobiliária do Instituto dos Bancários está em pleno funcionamento no Paraná, realizando operação de compras de terreno e construções de casa, construções de casa em terreno de associados, compras de casa, encampação de dívidas hipotecárias para construção ou aquisição de moradia, com juros módicos (máximo de 9%), e em prazos dilatados. No momento existem vários processos imobiliários em andamento, muitos deles em vias de conclusão.



O "ADMIRADOR"...

(Cont. da pág. 24)

o estômago ia achar ruim; o pepino lhe fazia grande mal.

Resolveu. Mergulhou a colher nas fatias miúdas de pepinos e serviu-se. Desse no que desse.

— Temos que morrer um dia... — filosofou. O braço esbarrou nas dobras do jornal. — Tudo não passa de sugestão, sugestão (êle sabia bem que não). Vejam o caso de Stalin. Há muitos anos os jornais dizem que um câncer vem roendo as suas entranhas. E morreu? Qual! O homem vive sãozinho da silva a atrapalhar a marcha do mundo. Nessa terceira guerra que vem aí, vocês vão ver o homem ainda dirigindo o exército vermelho lá mesmo de Moscou. E olhe que êle já é bem maduro, hein! E por isso mostra-se mais esperto e sabido que os outros. Uma perfeita raposa velha. Vai papar a Turquia em dois bocados, vocês vão ver. Os "aliados" pensam que estão fazendo jôgo próprio, no caso grego e na Palestina — mas o que fazem é precipitar os acontecimentos a favor da Rússia. De acôrdo com as minhas previsões, o caso da Palestina se estenderá numa proporção tamanha que...

Mamãe solfejou, cortando propositadamente:

— O vigário vai fazer um sermão amanhã sôbre as três tentações e pediu-me para levar você. Parece que êle faz questão de que você ouça êsse sermão.

— Nunca! Jamais hei de ouvir as bobagens daquele homem! Que tentações são essas?

— Quanta injustiça, Quinzote! O vigário sempre tem elogiado você. Não sei quais as tentações que êle escolheu, mas na minha opinião devem ser a avareza, o orgulho e a política.

— A política não é pecado, mulher!

— Jesus não sofreu três tentações, quando foi jejuar no deserto?

— Sofreu, sim — lembrou-se meu pai. — Mas Jesus não tem nada a ver com estas coisas. Foi um sonhador muito puro e os homens não deviam manchar o seu nome, a cada passo. — e com grande menosprêzo por êsses assuntos triviais, papai agarrou novamente o jornal, abrindo-o ostensivamente.

— Você já leu êsse jornal três vêzes, Quinzote. O que procura agora? Vai ver que está decorando os anúncios. (Mamãe suspirou) Ah! se eu soubesse que ia me casar com um jornal!...

— E' verdade, já li. Mas há certos mistérios que precisam ser decifrados lentamente. Na primeira leitura, lemos para nos informar. Na segunda vez, lemos para catalogar os assuntos na mente. Na terceira vez, quase não lemos; meditamos nas entrelinhas. As coisas então vão-se aclarando. Acontecimentos

MÚSICA

Temporada de Arte Nacional
O TROVADOR

ROBERTO LYRA FILHO

DEPOIS de desaparecer do cartaz, durante alguns anos, ressurgiu, na Temporada de Arte Nacional, uma velha ópera — "O Trovador". Não é esta, certamente, a obra mais importante de Verdi, mas há, ali, o encanto das variadas e sugestivas melodias com as quais a rica inspiração do compositor foi tecendo a partitura. Se é verdade que só noutra fase de sua carreira, Verdi atingiria a eloquência sem o menor vestigio de vulgaridade — com "Otelo", por exemplo — já, no "Trovador", encontramos trechos em que a intuição do artista descobre e aplica a solução adequada para a fusão de texto e música, servindo-se, com discernimento, da sua fecunda facilidade para inventar melodias.

MANRICO E O SR. COLÓSIMO

Manrico, o "Trovador", é, no título e no enrêdo, o personagem principal. Musicalmente, entretanto, não foi generosamente aquinhoado. Sua intervenção na ópera culmina em trecho de uma vigorosa banalidade — o famoso "Di Quella Pira..." — que provocou certas pilhérias sôbre o convencionalismo da ópera: ali, o tenor berra durante alguns minutos — "Mãe infeliz, corro, para salvar-te" — mas só corre, mesmo, depois de terminar sua ária com uma "fermata" que, via de regra, é menos interpretação pura e simples do que exibição da fôrça de sua garganta...

Na versão do "Trovador" que ouvimos, no Teatro Municipal, estreava o sr. Alfredo Colósimo, encarnando o pugnaz Manrico. Desde a sua entrada em cena, verificamos que não está, ainda, preparado para exibir-se em espetáculo de responsabilidade. Sua mimica tem o exagêro do amador compenetrado. Movimenta-se desajeitadamente. Dir-se-á, porém, que há de se dar um desconto, em virtude da sua inexperiência: concedamo-lo de bom grado, ainda que logo nos ocorra a desenvoltura com que outros pisaram o palco pela primeira vez. Sugerimos ao sr. Colósimo que observe o desembaraço do "jeu de scène" de Nadir de Melo Couto, Maria Henriques e Paulo Fortes, para citarmos apenas seus companheiros no elenco do "Trovador".

Vocalmente, o sr. Colósimo é tenor dramático de extraordinário vigor, mas pouca sutileza. Falta maleabilidade, colorido, emoção à sua voz. E a prova de que são limitados os seus recursos técnicos foi a tentativa de traduzir com suavidade o "Ah! Si, ben mio...", do terceiro ato, o que o fêz engasgar, provocando um murmúrio desaprovador da platéia. Mais adiante, o sr. Colósimo, desistindo dessa tentativa, atacaria "Di Quella Pira" com tôda a fôrça de seus pulmões.

Essas observações, entretanto, não se destinam a desencorajar o sr. Colósimo; pelo contrário, êle poderá corrigir tôdas as imperfeições que registramos. Apresentou-se prematuramente, é verdade, mas nada o impede de perseverar, voltando em melhores condições.

Encarnando a devotada Leonora, a sra. Nadir de Melo Couto acrescentou mais uma vitória à sua carreira. Representou e cantou com emoção comunicativa, vencendo, ágilmente, as dificuldades do papel. Desde o "Tacca La Notte Placida" — exteriorizado com encantadora delicadeza — até o "Miserere" e a Cena da Morte — trechos em que soube transmitir tôda a fôrça dramática da música — mostrou que trazia o papel estudado, com fina sensibilidade, e trabalhado, com afinco.

Se a admirável correção da sra. Nadir de Melo Couto, figura destacada em temporadas anteriores, não constituiu surprêsa, a sra. Maria Henriques, apesar de já ter merecido a atenção da critica, só agora teve, porém, oportunidade melhor, na Azucena, para uma extraordinária criação. Foi uma Azucena violenta e trágica, como exigem o libreto e a música. Atriz, movimentou-se no palco com a graça rude de uma verdadeira cigana; cantora, traduziu, com extraordinária vibração dramática, a música apaixonada de Verdi. Tem voz extensa, aveludada, emitida com segurança.

Nos primeiros instantes, revelou um certo nervosismo, logo dominado, no arrebata-

(Continua na página seguinte)

diversos vão-se pondo em ordem e os mistérios vão tendo solução. Você devia ler jornais, mulher. Instrui, educa, satisfaz e preenche o vazio de nossa vida interior...

— Vida interior... — admirou-se mamãe. Os olhos com que ela fitava o espôso eram doces e piedosos. — Você tem vida interior, Quinzote?

Parece que papai se encabulou. Pôs-se a pigarrear. Levantou-se, gritando comigo, que procurava agarrar no armário o vidro de licor de laranja:

— Chega de conhaque!

— Não é conhaque, papai...

— Eu sei, mas chega! Bonito, aparecer bêbedo na escola. Depois vem dizer que o prof. Zacarias é rabugento.

Tal coisa nunca acontecera, mas ficava bem a êle dizer isso naquela emergência. Despistava. Foi nesse momento que surgiu na sala, quase de repente, d. Ementaria com o seu par de filhas sardentas e feias. Via-se fàcilmente que elas eram portadoras de grandes notícias, pois todos conheciam em Rio Pequeno o faro de repórter dessas solertes mulheres.

— Descobrimos! — metralhou d. Ementária, à queima-roupa.

— Hein?!

Papai, antevendo mexericos, escondeu o bocêjo e quis enterrar a cabeça no jornal, mas a notícia chegou-lhe aos ouvidos antes que seu espírito pudesse descer na Palestina ou demais teatros da guerra.

— Descobrimos a pessoa que andou votando na senhora, d. Elisabet!

Mamãe levantou-se, num arranco, derrubando o tricô e até papai mostrou a cabeça fora do jornal.

— Sabe quem foi? — gozou ainda mais um pouco o demônio de d. Ementária.

— Quem?

— Adivinhe...

Mamãe não suportava tanto:

— Fale duma vez, d. Ementária!

— Pois se quer mesmo saber, aí vai: quem andou depositando aquêles votos na senhora foi êsse cavalheiro que está aí, escondido atrás do jornal. Foi o seu Joaquim...

Pela primeira vez na vida, papai perdeu a calma. O jornal voou longe e êle, de pé, olhos chamejando, a gritar, possesso...

— Mentira! Mentira de vocês, suas mexeriqueiras! Infâmia! Infâmia de meus inimigos! Saiam! Saiam desta casa, suas atrevidas! Saiam! Vamos! Que esperam? Saiam! Não suporto a presença de impostores! — e foi avançando, avançando, diante das pobres mulheres. Ante o inevitável, d. Ementária e as filhas retiraramse impertigadas, briosas.

Quando êle bateu a porta e voltou, mamãe chorava em soluços quase inaudíveis. Papai abraçou-a carinhosamente:

— Que é isso "Bet"! Não é preciso chorar... Essas mulheres são maldosas... Não faça conta...

Mamãe enxugou os olhos:

— Mas foi você mesmo?

— Bem...

— Confessa?

— Escute, foi uma infantilidade, mas é que eu a vejo sempre como no tempo do nosso noivado. Você não era a mais bela entre as mais belas? Eu...

— Mas por que foi fazer isso, Quinzote?

— Bem, eu... você compreende...

— Você vive enterrado nos jornais. Nunca eu haveria de supor que tivesse tais gestos. E' verdade então que se lembra de nossos bons tempos? Do "meu" tempo?

— Claro! A Romilda nunca chegará a seus pés!

— Você tem cada uma, Quinzote...

— Verdade sim, meu bem. Pelo menos para mim não há, em Rio Pequeno, "moça" mais admirável do que a minha querida "Bet". Não a trocaria nem por um milhão de Romildas!

E ficaram longos minutos abraçados, esquecidos de tudo, mergulhados nos dias gloriosos da juventude. Até que o canário na varanda trinou, saudando, encarcerado, mais outro crepúsculo. Isso fêz mamãe voltar repentinamente ao presente:

— Não te esqueças de comprar alpiste para o canário, Quinzote...

MÚSICA

(Cont da pág. 48)

mento da interpretação que atingiu intensidade máxima no final da ópera. O impressionante vigor com que exclamou — "Mãe, estás vingada!" — entusiasmou o público, provocando uma verdadeira tempestade de aplausos.

E' desnecessário repetir, aqui, os elogios que tem merecido o jovem baritono Paulo Fortes, uma das figuras de maior destaque de nosso teatro lírico. Artista de largos recursos vocais e cênicos, o papel do Conde de Luna não apresenta maiores dificuldades para êle. Um ligeiro deslize na ária — "Il Balen Del Tuo Sorriso" — não bastou para comprometer sua interpretação. Isso tem acontecido, uma vez ou outra, com alguns dos maiores cantores — com Leonard Warren, por exemplo, aqui no Rio, não há muito tempo. O sr. Paulo Fortes já tem autoridade suficiente, como artista, para que um pequeno acidente como êsse seja desprezado: de resto, a melhor confirmação do que dizemos está no êxito que, poucos dias depois, obtinha, na repetição do "Fausto", mostrando-se em plena forma.

Falta ao sr. Carlos Walter, por enquanto, a agilidade vocal necessária para vencer as dificuldades do Prólogo. Como dispõe, entretanto, de uma bela voz que exibiu, aliás, com maior vantagem, no "Fausto", não é difícil prever-lhe um futuro auspicioso.

A orquestra, regida por Santiago Guerra, não estêve à altura de suas responsabilidades. Revelou, mesmo, um lanmentável desleixo.



REALIZOU-SE a 16 de março último o enlace matrimonial do Sr. José Antonio Granado Paranhos, filho do Dr. Mario da Rocha Paranhos e D. Maria Judith Granado Paranhos, com a Srta. Maria de Lourdes Perez Fernandes, filha do Cr. Manoel Perez Fernandez e D. Leonor Perez Fernandez. O ato civil foi paraninfado, por parte da noiva, pelo Ministro Jorge Latour e D. Nilza Fernandez Zacconi e por parte do noivo, pelo Cônsul Gil Guilherme Mendes de Moraes e Senhora D. Maria Alice Paranhos Mendes de Moraes. A cerimônia religiosa que foi oficiada na Matriz do Sagrado Coração de Jesus, serviram de padrinhos o Sr. Paulo Perez Fernandez e Senhora D. Odette Fonseca Fernandez, por parte da noiva, e o Sr. Otto Serpa Granado e D. Alice Serpa Granado, por parte da noiva.

O SEGRÊDO DE SUA BELEZA...

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS, TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARA O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

(Exigir a embalagem verde)

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00



A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.



A SAÚDE DO BEBÊ

RESFRIADOS DO LACTENTE

DR. SABOIA RIBEIRO

O temor das oscilações do ambiente e das correntes de ar faz com que não poucas crianças, e máxime na idade dos primeiros meses, sejam privadas do contacto do grande ar exterior, em passeios aos parques, às praias, aos recantos poéticos e de ar puro.

Se a criança se resfriou uma vez, ou se voltam com pertinácia as repetidas crises catarrais, redobram os cuidados de proteção excessiva e a criança, cada vez mais segregada do ar, da luz e do vento, leva uma vida de prisioneiro, metida eternamente dentro de casa e uso de xaropes.

Não são, porém, as condições ambientais exteriores o responsável por semelhantes crises de repetição catarrais da criança, senão condições exclusivamente constitucionais de seu organismo, ou o contágio estabelecido por outras pessoa da sua convivência, também portadores, e muita vez crônicamente, de processos catarrais das vias áereas.

E' certo que muitas crianças são mais suscetíveis de resfriar do que outras, crianças essas nas quais a mucosa de revestimento das fossas nasais posteriores e região correspondente do faringe (nasofaringe) reage com grande intensidade às mudanças de temperatura, segregando abundante muco e entupindo o nariz. E' uma tendência, porém, que com a idade se vai corrigindo, contanto que não se venha a ela agregar o contágio infectuoso que, mal tratado, poderá criar o estado de resfriado crônico. Isso acontece, principalmente, porque em semelhantes crianças, ao mesmo tempo que a tendência a reagir pela secreção abundante, uma *terceira amidala* se desenvolve justamente ao nível das fossas nasais posteriores, e que se inflama e fàcilmente se infecta.

As rinofaringites do lactente, estabelecendo-se sob forma crônica, podem ter êsse mecanismo, e o têm realmente quando a criança se situa nessas condições de especial forma de reagir em face às mudanças de temperatura.

E' claro, igualmente, que uma criança exposta ao contágio de pessoas portadoras de afecções catarrais não precisará das referidas condições para *gripar*, o que, de um lado, poderá ser favorecido pelas suas más condições gerais (estado nutritivo, baixa da imunidade) e de outro lado pelo próprio grau de virulência da infecção da pessoa infectante, ou contagiante.

Como se vê, o que há é receptividade individual da criança aos resfriados, entretida por defeitos que a boa puericultura corrige, ou agravada pela quebra de certos cuidados de ordem higiênica da intimidade domiciliar do bebê.

Por outras palavras, os resfriados residem na criança, ou são a elas levados por uma convivência infectante.

As tendências de receptividade da criança, porém, não se corrigem pela proibição de uma vida em contacto com o ar, a luz, o sol, o vento; mas, fortalecendo-a pela sua criação alicerçada num regime alimentar correto, rico em vitaminas e em sais minerais, além dos outros componentes de alimento completo e correto.

Deve-se temer muito menos o "resfriado" do que o contágio dos adultos, sentencia com imensa autoridade o grande pediatra Czerny. E prossegue:

— Fôsse bem conhecido êste fato, poupar-se-iam, à criança o defluxo e a tosse, proporcionando-lhe o gôzo e a vantagem da estadia em plena natureza.

Tôda pessoa adulta, portadora da mais leve afecção da mucosa rinofaringea ou dos brônquios se deve conservar bem afastada das crianças de peito. Não sendo possivel alcançar êsse ideal, como, por exemplo, no caso das mães ou amas, deve-se pelo menos procurar diminuir a possibilidade da transmissão de germes infecciosos.

Já não é de hoje que os médicos acentuam estar absolutamente condenado o hábito de beijar a bôca das crianças.

Importa evitar também sejam os micróbios transmitidos ao bebê pela fala ou pela tosse.

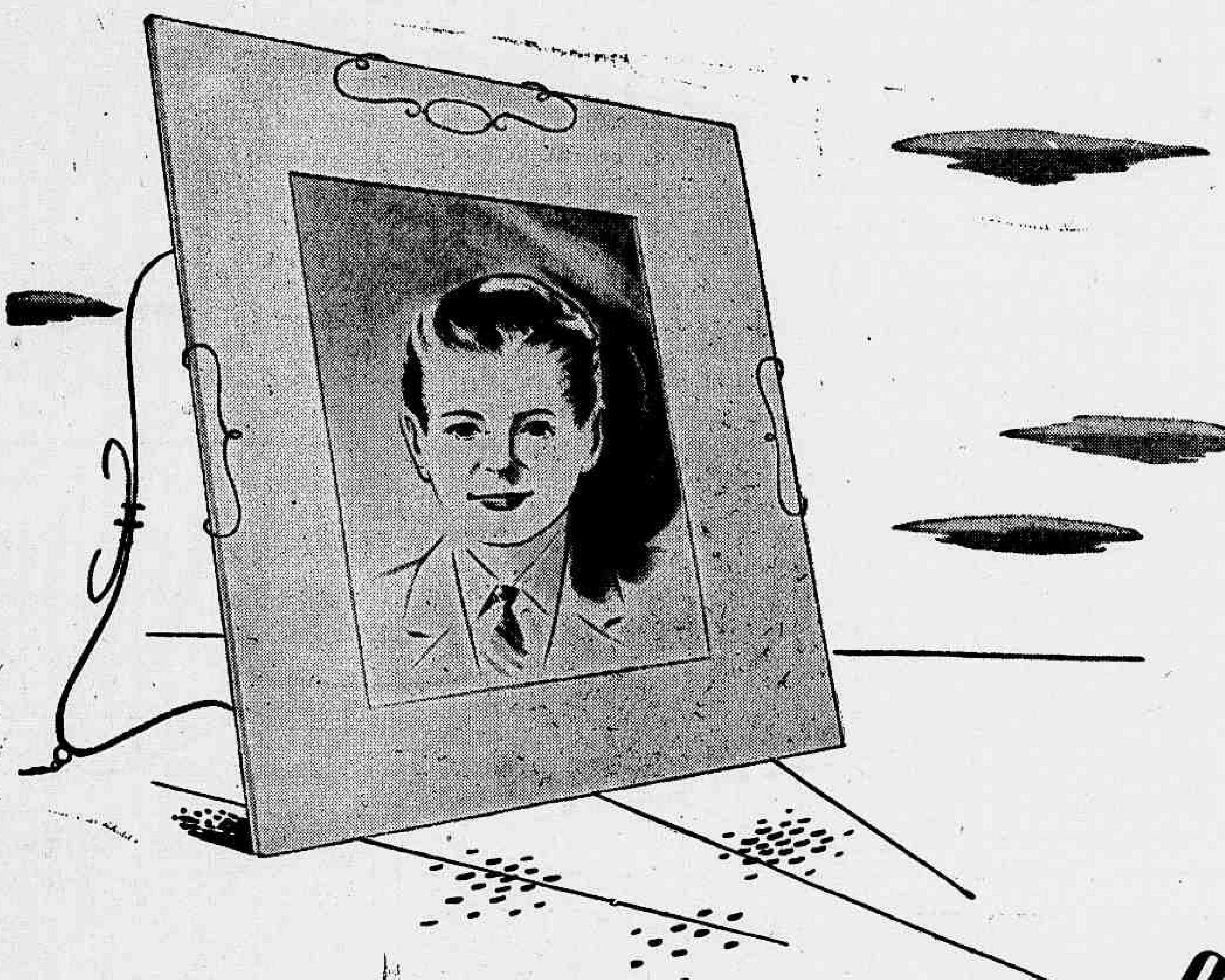
Cada qual se esforçará por evitar transmitir infecções catarrais ao bebê, uma vez conhecido que, na maioria das vêzes, não é o "resfriado" mas o contágio que representa a causa mais frequente.

No lactente os resfriados obstruem desde o primeiro momento a passagem do ar inspirado, isto pelo entumescimento fácil da mucosa que tapeta o nasofaringe.

Aí, quase que por completo se localizam os fenômenos congestivos da mesma, e se há, ao mesmo tempo, infecção, reagem os gânglios do pescoço, tornando-se palpáveis ao exame.

O corrimento nasal, o defluxo, sòmente mais tarde exterioriza-se em tôda a sua intensidade, com o amolecimento e fluidez da secreção.

Com a obstrução do nariz, a criança passa a respirar pela bôca, e como isso não é possivel durante as mamadas, eis que a criança repele as mamadeiras, há um estado de subnutrição em marcha, agravado de resto pela diminuição do apetite que, geralmente, acompanha essas rinofaringites. Como porém êsse estado de coisas deve ser vencido, há recorrer aos descongestionantes e modificadores da mucosa nasal, sejam os balsâmicos e os sais de prata, de preferência.



Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

APARECIDA

(Cont. da pág. 24)

costumes severos de d. Jacinta proibiram-na de me visitar. As limpezas do cômodo, as arrumações, tudo a própria d. Jacinta fazia. Às vêzes, só de quando em quando, ouvia a voz exaltada de Aparecida. Tinha a impressão de que aquela menina era mal-educada, grosseira, estúpida, para a criatura boa e dedicada que me servia.

Uma noite as minhas impressões ainda mais se confirmaram. Estava em meu sono, gozando o acolhedor repouso daquela noite, quando em dado momento os gritos de Aparecida vieram arrancar-me a paz de espírito. E eu acordei tonto de sono, zonzo, com o coração aos pulos, sem saber no primeiro instante o que estava acontecendo e quem gritava alucinadamente. Mas aos poucos, com o passar dos minutos, pude compreender tôda triste situação. Aparecida gritava com d. Jacinta, desobedecendo-a. A menina dizia que não tolerava aquela escravidão, as torturas impostas pela crueldade de d. Jacinta. D. Jacinta, para ela, era uma criatura má, perversa, indgna de qualquer amizade. A velha, furiosa, falando ràspidamente, dava-lhe pancadas. Do meu quarto, encolhido na cama, estremunhado, ouvia atentamente o desenrolar da história. Aí, mais furiosa do que nunca, colérica, d. Jacinta bradava:

— Você é uma menina ingrata, Aparecida, uma ingrata. Eu tenho feito tanto por você. E você não reconhece, sua ingrata.

(Continua no próximo número)

JOE PUNHOS DE AÇO

(Cont. da pág. 3)

A propósito ainda dessa luta, declarou-nos que dias antes, quando estava em Washington, participando de uma convenção de negros, recebeu a visita de um emissário do presidente Roosevelt, que pedia comparecesse à sua casa. Foi. O grande americano, pedindo-lhe que abaixasse um pouco (Roosevelt, paralítico, tinha que permanecer sentado numa cadeira especial), apertou-lhe o braço e disse: "Joe, nós precisamos de gente forte como você para vencer os alemães. Ficarei aqui torcendo por você!".

Assim que os Estados Unidos entraram na guerra, Joe apresentou-se ao Exército. Como outros lutadores e desportistas famosos do seu país, envergou o uniforme. Êle, como simples soldado; "raso" permaneceu durante muito tempo porque assim queria. Diversas vêzes recusou promoção e sòmente quando o conflito se aproximava do fim fêz-se sargento. Recusou as estrêlas de oficial.

"— Sempre quis ser um americano igual aos outros."

Entrou para o Exército três dias após a luta com Buddy Baer, em maio de 1941. Durante a guerra fêz muitas exibições especiais para os soldados americanos, não só nos Estados Unidos como nas Aleutas, França, norte da África e Inglaterra.

★

Foi êle o responsável pela derrocada de alguns preconceitos contra os negros, que imperavam nas fôrças armadas americanas, embora brancos e pretos estivessem ombreados na defesa da mesma causa. Diz Joe Louis que hoje, porém, o racismo está muito decaído, "no box, assim como há de ir por água abaixo, afogando-se na própria lama, em tôdas as demais atividades humanas".

★

Joe contou-nos alguns dos mais variados aspectos de sua vida de pugilista. A luta mais dura que até hoje teve foi a primeira contra Billy Conn, em junho de 1941. Por estar com alguns quilos de excesso de pêso, contrariando a vontade de seu treinador (então Chappie Black burn), resolveu passar dois dias antes sem beber coisa alguma — até água! — para emagrecer. No sexto round estava perdendo a luta por pontos e se continuasse naquele ritmo ia perder o título. Percebeu então que só o "knock-out" do adversário o salvaria, e êsse foi o fim de Billy Conn, no 13º round, nessa noite. O sôco mais violento que recebeu até hoje foi um de Lou Nova, em setembro de 1941, luta que venceu no 6º round.

Disse que quase perdeu para Godoy, em 1940: com muito esfôrço ganhou por pontos. Fôra para o "ring" sentindo-se mal, indisposto para a luta. Venceu a segunda por "knock-out". Joe também não se esquece da luta com Buddy Baer, que por três vêzes o jogou ao chão, até o 6º round da luta. No 7º Buddy beijou a lona, isso em maio de 1941. Na outra luta com Buddy Baer, em janeiro de 1942, não o deixou passar do 1º round. A segunda luta com Joe Louis é sempre pior que a primeira...

★

O "Demolidor de Detroit" nasceu em Alabama a 14 de maio de 1914. Pais pobres e família grande, desde cedo enfrentou o "batente". Era empregado de uma oficina da Ford quando começou a lutar, primeiramente como amador. Nessa categoria perdeu uma luta. Como profissional também sofreu apenas uma derrota: a que lhe impôs Schmelling, em 19 de junho de 1936, por "knock-out", no 12º round. Na sua primeira luta como profissional, num circo, ganhou dez dólares. O primeiro adversário sério que lhe apareceu na carreira foi Jack Kraken, em julho de 1934, em Chicago, que derrotou no primeiro round. Por esta luta ganhou 50 dólares.

Joe já lutou 62 vêzes, contando-se a apresentação no Rio, contra Walter Hafer. Foi o lutador que por mais tempo conservou o título — de junho de 1937 (luta com Braddock) até junho de 1948, quando, após vencer Joe Walcot pela segunda vez, abandonou o título. Foi, pois, durante 12 anos o rei dos "rings", e, segundo afirmam os técnicos, ainda é o mais completo lutador da atualidade. Quando conquistou o título tinha apenas 22 anos, sendo portanto o mais jovem lutador a atingir tal pôsto. Suas características são das mais perfeitas, tirando-se uma média de todos os "boxers" que até hoje se fizeram campeões do mundo. Tem 1m88 de altura e pesa atualmente 107 quilos (quando conquistou o título pesava apenas 89). Não há grande lutador de box de 1934 para cá que êle não tenha enfrentado, inclusive o gigante Primo Carnera (2 metros de altura e 120 quilos de pêso, campeão do mundo em 1933), o qual não aguentou os seus punhos, caindo à lona no 6º round, numa luta realizada em 1935, em Nova York.

Depois do longo "reinado" de 12 anos de Joe Louis, com a sua renúncia ao título, o atual campeão é Ezzard Charles, outro negro, apontado por Joe Louis como o maior lutador da atualidade. Até quando?...

★

Essa pergunta nós a fizemos a Joe, a caminho do Teatro Carlos Gomes. O campeão não resistiu ao convite de Adir Vieira, que de todo jeito queria fotografá-lo no meio das "girls" americanas, conforme nos mostram as fotografias que ilustram esta reportagem. E Joe nos respondeu apenas que Ezzard Charles é mesmo o melhor. Ezzard, no entanto, quando lutou com o mesmo Walter Hafer que Joe derrubou no 2º round aqui no Rio, foi duas vêzes a "knock-down" antes que o juiz lhe desse a vitória. Perguntamos ainda a Joe se era verdade que seu sôco equivale a um pêso de 120 quilos caindo sôbre o adversário, conforme tem sido apregoado, e êle respondeu que não é a pessoa indicada para dizer sim ou não... Indagamos ainda qual foi a luta que lhe rendeu mais dinheiro. Foi a segunda contra Schmelling, pela qual recebeu a bolsa de 350.000 dólares. Que fêz com tanto dinheiro? Gastou-o sensata e extravagantemente... Comprou um "Buick" para sua genitora, um "Studbaker" para sua irmã e outro ainda para sua espôsa, Marva, da qual está hoje divorciado. Adquiriu várias casas em Detroit e Chicago, para si e os parentes, e não se esqueceu dos amigos dos tempos obscuros, a todos auxiliando. Passou também a contribuir para o Asilo de Velhinhas Desamparadas de Detroit de cuja amizade muito se orgulha. Todos os anos êle vai lhes fazer pelo menos uma visita e elas o chamam de "filho". Disse-nos Joe que as suas visitas às velhinhas que ajuda a amparar são das melhores recordações que tem de sua vida. Mas não é só. Tendo ganhado muito dinheiro não só nessa famosa luta como nas anteriores e demais que se foram sucedendo na sua extraordinária carreira de pugilista, sensatamente vai empregando o seu capital, prevendo o futuro. Johnson, o outro grande lutador negro, apesar de rico na sua pujança de campeão, acabou quase na miséria, tristemente olvidado. Joe mantém vários negócios e é, inclusive, vice-presidente de uma companhia de seguros de vida em Detroit. Mantém ainda várias academias de box em Nova York, Chicago, Detroit e outras cidades americanas. Dedica especial atenção aos clubes da "Juventude Joe Louis", onde se congrega uma boa parte da mocidade dos bairros negros de algumas cidades americanas. Joe mantém ainda uma escola para aprendizes mecânicos em Chicago. "Quando um homem tem de mais é seu dever olhar para os outros", essa a filosofia sadia do famoso rei dos "rings". E assim se vê como Joe, o maior esmurrador de todos os tempos, é um homem bom, de concepções as mais humanas, um homem que tem coração e sangue de campeão.

★

"— Não voltarei mais a disputar o título — diz-nos êle. — Todo lutador tem, forçosamente, que um dia cair sob os golpes do adversário. Essa a lei da vida. Já ganhei muito dinheiro, minha família tôda está em boa situação.

Distinsan

A ESCÔVA DE DENTES TÉCNICAMENTE PERFEITA!





1 A curvatura do cabo facilita a missão da escôva, sem forçar os lábios.

2 A superfície dos tufos em corte convexo garante perfeita higiene bucal.

3 Os tufos implantados em base côncava resistem à ação da pasta sempre com a mesma rigidez.

4 Os tufos são pontiagudos, assegurando a perfeita limpeza externa dos dentes e simultâneamente a dos interstícios, ponto inicial das cáries.

DISTINSAN

FÁBRICA DE ESCÔVAS DISTINTA E SANIS LTDA.

"Êle" depende da Sra...

e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes





Realizou-se no dia 15 de abril próximo passado, às 18 horas, na Igreja de Santo Antonio, o enlace matrimonial do Sr. José Taciano da Trindade, com a Srta. Virginia de Magalhães, filha da Viuva D. Hercilia Imbú de Magalhães

Notícias do SAPS

Remetido pelo Serviço de Alimentação da Previdência Social, acabamos de receber o folheto intitulado «O SAPS em 1949», contendo o relatório apresentado pelo seu diretor-geral, major Umberto Peregrino, ao ministro do Trabalho, sôbre as atividades dêsse importante órgão da administração pública no ano findo. O referido trabalho expõe minuciosamente a marcha dos múltiplos e complexos serviços desenvolvidos durante aquêle exercício pelo SAPS em todo o Brasil, mostrando um acervo de realizações bastante animador, e deixando patente o rápido crescimento dessa utilíssima dependência do nosso aparelhamento de assistência social. A obra de amparo ao trabalhador brasileiro, realizada através do SAPS, é realmente notável, contendo aspectos inteiramente desconhecidos do grande público como, por exemplo, o setor de atividades educacionais, compreendendo conselhos alimentares, boletins, cartazes, instituição de prêmios para trabalhos sôbre alimentação, bibliotecas, publicação de livros, exposições, comemorações de datas e vultos nacionais, teatro, cinema, tudo visando à melhoria do nível intelectual e moral do nosso trabalhador. O relatório do major Umberto Peregrino, que agora vem de completar três anos de administração à frente do SAPS, é minucioso e rico em pormenores, dando uma idéia bastante clara do vulto e projeção dos serviços da autarquia que dirige, hoje disseminados por quase todos os Estados do Brasil. E' um relato que tem substância, no qual a literatice balofa é substituída pelos fatos e pelas cifras, expostos e alinhados de maneira a tornar até agradável a leitura de um documento que, em geral, é monótono e enfadonho no seu gênero. Gratos pela remessa.

CORREIO DA REVISTA

W. B. M. — Pôrto Alegre — Escreva coisa mais alegre e aproveitável. Não se esqueça de repassar o português. Por tudo isto «Remorsos» não foi publicado.

G. de C. F. — Rio — Seu canto «Reportagem inesperada» possui algum mérito; mas está prejudicado pela linguagem empoiada e numerosos lapsos de português. Evite descrições bombásticas sôbre a natureza.

P. H. R. — S. Luís do Maranhão — Seu «Argila» não foi aproveitado. Procure refazê-lo tirando-lhe certos erros de linguagem e corrigindo incongruências como esta: «André montado no seu cavalo vinha numa disparada louca pelo caminho cheio de lama. O animal mal podia andar, pois as patas constantemente enterravam-se na argila mole». Como é? Vinha em disparada, mas o **animal mal** podia andar?...

Domiciana — Rio — «Pronto!» não deu resultado. Mande-nos outro e não se esqueça de indicar nome completo e respectivo enderêço, embora se mantenha sob pseudônimo.

A. B. M. — Rio — Não foi aprovado o seu conto «Golpes do Coração». O tema se afasta de nossos propósitos. Achamos que o amigo poderá aproveitá-lo dando um outro desfecho mais construtivo e adequado à idéia da criança. Além disso, com um final diferente do que o curso da narrativa faz prever, seria de real sucesso. Tente e nos remeta.

H. F. — Rio — Muito curto o seu «Dois Mendigos». E não é conto e sim crônica, aliás, interessante.

R. Q. P. — Rio — «Conto Póstumo» não deu certo. O gênero é difícil e só tem graça com muito sal. Mande-nos outro com base mesmo entre os vivos.

Edson Kneipp — Rio — «O Arraial» foi aprovado.

Erasmo — Rio — Queira ter a bondade de indicar os nomes dos seus contos, a fim de podermos dar-lhes as necessárias informações.

L. N. — João Pessoa — Seu conto «O rio não corre mais» não foi aceito conforme saiu publicado em número anterior. Quanto ao «Água a Tostão», vamos julgá-lo brevemente. Aguarde.

*

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no *CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS* por correspondência, sob a direção de *RENATO DE ALENCAR*. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 - sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



Não pretendo, pois, desperdiçar num dia a alegria que hoje tenho, mas que me custou não sei quantos sacrifícios."

E quando Antônio Rocha, nosso companheiro de "A Cena Muda" e intérprete, lhe perguntou: "Como é, Joe, você não está avançando o sinal?" — êle compreendeu. Olhou para o relógio. Era 1 hora da madrugada. Despediu-se das jovens artistas brasileiras e americanas que o rodeavam nos camarins do teatro e, pegando-nos pelo braço:

"— Let's go, kids! I'll have to tip-toe into my apartment, for I don't want Seamon to see me"...

Traduzindo: "Vamos embora, rapazes! Terei que entrar no apartamento na ponta dos pés, para que Seamon não me veja"...

Mr. Seamon é o atual treinador de Joe e êle dali a dois dias ia lutar em S. Paulo, com Tommy Giorgio, na sua segunda exibição no Brasil.

EU AMAVA OUTRO HOMEM

— Disseram-me os meus advogados, ontem, que os meus investimentos sofreram grande prejuízo, resultando disso enorme baixa em minhas rendas. Por isso estou vendendo esta casa e mandando embora todos os criados. Felizmente tenho uma pequena casa, mas somente poderei viver se um casal amigo proteger-me.

— Oh, não! A senhora não deve pensar nisso!

— A senhora sempre teve tudo! Nunca foi uma miserável! Não pode fazer isso! Poderá morar com Sydney. Êle tem uma grande casa cheia de criados!

— Não se aflija por mim, Sharon! Preciso estar só. Quero ir para o campo e viver em companhia de um casal que me dê paz. A mulher a tomar conta da casa e o homem a cuidar da terra e do carro. Só desejo encontrar um casal assim.

— Oh! Preciso agir junto a Sydney para fazer alguma coisa por ela.

Mas no dia seguinte, quando disse a Sydney...

— E' horrível para ela ter que passar por tantos dissabores! Sydney, pode fazer alguma coisa?

— A culpa é dela! Se houvesse colocado melhor o seu dinheiro, não estaria agora em tal situação. Mas é uma velha teimosa. Portanto, que se arranje!

— Antes de tudo, querida, não deixemos que outras pessoas venham prejudicar nossa felicidade. Pense em sua ventura! Terá tudo o que seu coração desejar. Casaremos na próxima semana e seguiremos em meu iate para uma lua de mel em Cuba! Já mandei abrir crédito para você nas melhores lojas. Seu enxoval já está pronto, minha pequena Cinderela!

— Não quero casar-me na semana próxima! Preciso ficar aqui para ajudar Mrs. Southworth e ampará-la no que estiver ao meu alcance. E se você vai dar-me algum presente de casamento, quero fazer alguma coisa, ajudando-a!

— Mas querida! Não crie dificuldades!

SERÁ TUDO ISSO UM ESTRATAGEMA PARA POR Á PROVA A INGENUA SHARON?

Nos dias que se seguiram os negócios de Mrs. Southworth me preocupavam mais do que os meus próprios, sem que eu desse por isso.

— Você está-se preocupando muito comigo, Sharon; mais do que eu mesma.

— A senhora não pode imaginar como é duro o ser-se pobre! Já arranjou o casal para viver com a senhora?

— Não, ainda não. Pedem muito dinheiro e o que possô oferecer é coisa pouca e uma boa casa.

— Que tristeza, depois de possuir criados, chofer, ser dona de seu lar!

Eu estava preocupada por não ter mais tempo de cuidar de mim. Tim perderia seu emprêgo e eu mesma não sabia o que iria fazer. Êle nunca mais me olhou. Faz que não sabe da minha existência. Procuro odiá-lo, mas não posso. Não poderei deixar de amá-lo sempre!

Subitamente percebi que não devia casar-me com Sydney e precisava comunicar-lhe imediatamente!

— Mrs. Southworth, eu... eu resolvi fazer uma coisa. Preciso resolver!

continua

Desci. Sydney estava na biblioteca.

— Não, sem dúvida ela não deve saber que empreguei seu dinheiro naquele negócio. Seus advogados pensam que eu coloquei o dinheiro como a velha me recomendou e, por isso, perdeu-o. Separei 250 mil dólares da bolada e ela se arruinou. Na idade dela não é necessária tanta coisa...

— Vou casar-me, como sabe. Sim... com a secretária de minha tia. Ela gosta de dinheiro tanto quanto eu e saberemos como gastá-lo. Mas bico calado, Perkins, e eu o gratificarei!



SILVANA MANGANO e Amedeo Nazzari, dois dos principais intérpretes do filme «Il lupo della Sila», numa cena dessa nova produção

MAIS DUAS PRODUÇÕES NEO-REALISTAS

"GENTE COSI" E "IL LUPO DELLA SILA" — ADRIANO RIMOLDI, VIVI GIOI, AMEDEO NAZZARI, SARO URZI, LUIZA ROSSI E SILVANA MANGANO, OS ARTISTAS DESSES DOIS NOVOS FILMES

APARECEU um dia no "Cândido" uma crônica de Nino Guareschi, o sutil e polêmico humorista. Tratava-se do caso de um jovem contrabandista, revolucionário e exquisito, sempre seguido pelo fiel amigo, que respondia ao apelido de "Lourinho". Certa noite Gian, o contrabandista, foi ferido mortalmente pelos guardas de fronteira e do fundo do precipício, onde havia caído, mandou chamar, pelo fiel amigo, um padre e Teresa, a professôra de quem estava apaixonado. Queria êle, antes de morrer, fazer as pazes com Deus e com os homens. A cena do casamento "in extremis", lá em cima, entre as montanhas cobertas de neve e debaixo de um céu coberto de estrêlas, entre o fora-da-lei moribundo no precipício e a professôra ajoelhada no alto da rocha, a fórmula ritual lançada a plenos pulmões pelo sacerdote (o eco repete várias vêzes as palavras), tudo contado de maneira simples e humana, como só Guareschi o poderia fazer, impressionou agradàvelmente a I.C.E.T., que assinou um contrato com o autor da crônica para fazer um filme.



LUISA ROSSI, outra intérprete do filme, sorri para os fãs

Guareschi escreveu outras crônicas, para trás, contando assim uma história romântica, com um pouco de aventura e polêmica. Da história passou-se fàcilmente ao "script" cinematográfico, de autoria do próprio Guareschi.

Trebilie, a pequena aldeia de duzentas almas, onde se desenvolvem os fatos, fica perto da fronteira. Os habitantes exercem a agricultura e só os jovens "comerciam" em exportações e importações com o estrangeiro, arriscando, a maioria das vêzes, a própria pele. Na aldeia não se cuida de política: as únicas autoridades são o cura, Don Cândido, e o prefeito-barbeiro. Mas a paz que reinava no lugar, é um dia perturbada pela chegada — em motocicleta — da jovem professôra. Muito graciosa, mas fanática pela política. E com suas palavras consegue introduzir a confusão em tôda a aldeia, dividindo seus habitantes em dois partidos. A professôra encontra em Gian um perfeito executor de seus planos. Êste, durante uma refrega com os guardas, fere um dêles, e é obrigado a fugir para uma grande cidade. Teresa, a professôra que havia lhe ensinado a ler e a escrever, compreende o mal que havia feito e, enamorada sem o saber, alcança o fugitivo Gian. Após inúmeras e diferentes peripécias, o aluno e a professôra casam-se da maneira trágica que vimos, entre as estrêlas e as montanhas.

A conhecida artista Vivi Gioi, interpretou, com muito sentimento, a parte de Teresa, a jovem professôra que abandona para sempre a vida política para continuar simplesmente u'a mulher apaixonada. Adriano Rimoldi apresenta-se como um Gian teimoso, impulsivo, mas com um grande coração. Dom Cândido, o cura, foi personificado à perfeição por Camillo Pilotto, que há longo tempo estava ausente do cinema italiano Saro Urzi (o admirável sargento de "Em nome da lei"), é o prefeito-barbeiro, que administra o municipio entre um corte de cabelos e outro de barba. Os exteriores e grande parte dos interiores foram filmados em Pianazzo do vale Spluga, na fronteira com a



DIANTE do casebre Silvana conversa com Coletti

…iça. Verdadeira, portanto, a aldeia habitada por pas…res, "gente cosi", gente simples, enfim, tipos originais …conservadores; verdadeira a escola de montanha e a …ja do barbeiro, com o espêlho emoldurado por rosas …intadas. Outros interiores foram filmados nos estabeleci…entos da I.C.E.T. de Milão. A filmagem durou cêrca …e setenta dias, devido também ao mau tempo que, na …aioria das vêzes, não permitia o trabalho. O diretor de …rodução é Vieri Bigazzi. O trabalho de regista foi con…iado a Fernando Cerchio, que já se fêz notar por haver …irigido "Cenerentola" (Gata Borralheira).

"IL LUPO DELLA SILA"

Já faz tempo que está pronto o filme "O lôbo da Sila". …rama original, humano, que se desenvolve numa atmos…era de paixões contrárias. Durante todo um inverno, nos …speros montes cheios de neve da Calábria, a "troupe"



A CONHECIDA artista Vivi Gioi, uma das revelações do cinema italiano, intérprete de «Teresa», em «Gente Cosi»

dos cinematografistas havia filmado as cenas mais emocionantes do filme que depois, em sua última fase, foi concluído num casebre da campanha romana, nos arredores de Rocca di Papa. E' aí mesmo que vamos nos encontrar com Rocco Barra, rico latifundiário, na vida real... Amedeo Nazzari.

Não vamos naturalmente contar-vos por extenso sua história, mesmo porque já é sabido há muito tempo de que maneira êste popular artista iniciou sua carreira sôbre as poeirentas tábuas do palco, que deveria, em seguida, abrir-lhe as portas do cinema. Debutou em 1935 em "Ginevra degli Almieri" e, desde então, fêz uma sequência de filmes, cêrca de quarenta, entre os quais devem ser lembrados: "Scarpe grosse", "La cena delle beffe" (Farsa trágica), "Il bandito" (O bandido), "Un giorno nella vita" (Um dia na vida) e "Caravaggio", uma de suas mais pessoais interpretações. Alguns dêsses filmes já foram vistos aqui no Rio, sendo que o último não teve a acolhida que merecia.

Nos últimos anos Nazzari tomou parte em três filmes na Espanha e, segundo sua própria opinião, o melhor é "Calle arriba". Em seguida foi para a Argentina, onde lhe foi proposto interpretar a parte de um italiano patife. Como era de se prever, para quem conhece o patriotismo dêsse ator, a proposta teve uma enérgica recusa, que não passou despercebida nos meios jornalísticos contrários.

"O Lôbo da Sila" assinalou, portanto, a volta de Nazzari ao cinema de sua pátria, o que não durou muito tempo, pois, após haver terminado em Nápoles sua produção imediata "Verdadeiro amor", com a belíssima Yvonne Sanson, prepara-se para novo período no cinema espanhol e no México, para novos filmes, de que já tem nos bolsos os respectivos contratos.

Para as admiradoras de Nazzari, diremos que é um ator simpaticíssimo, amável com todos, alegre companheiro de trabalho. Sincero por natureza, tem sempre pronta a resposta adequada e humorística, mesmo nos instantes de maior atrapalhação. Durante uma prova de uma cena com Silvana Mangano, esta, sem querer, jogou-lhe nas mãos água fervente, obrigando-o a dizer: "Silvana, isto não está escrito no original". Amedeo Nazzari tem verdadeira paixão pelas viagens: — "Se eu pudesse — costuma dizer — daria a volta ao mundo; porém voltaria sempre para a Itália; só aqui me sinto em "minha casa". Para interpretar Rocco Barra, foi preciso "envelhecer" um pouco por meio da maquilagem, que lhe fêz nascer num só dia muitos cabelos brancos. "Na realidade — confessou — eu já tenho meus cabelos grisalhos e êsses não são postiços."

Outra personagem do filme, que, pelas exigências artísticas, foi obrigada a aumentar os anos, é a jovem Luisa Rossi, um nome novo que deve ser lembrado, e que pertence a uma deliciosa figurinha de mulher fresca e luminosa. Luisa nasceu em Milão, estudou na Suiça, fugiu duas vêzes do colégio, bateu com os pés como qualquer menina voluntariosa tôda vez que seu pai se opunha ao seu desejo de se dar ao teatro. Enfim, um dia conseguiu a permissão suspirada e iniciou a não fácil carreira teatral. Os sucessos foram imediatos e o contrato cinematográfico inevitável. No filme "O Lôbo da Sila" pela primeira vez enfrentou uma parte de realce, dramática, que certamente servirá para confirmar seus inegáveis dotes artísticos. Durante a filmagem, entrevistada, disse: — "Não podem imaginar como eu seja entusiasta desta minha nova parte, que, ao contrário de tôdas as outras que interpretei até agora no palco, permite-me criar uma personagem viva, palpitante, dramática. E' o meu sonho desde muitos anos. Vão me ver daqui a pouco disfarçada de velha..." — e seu adorável rostinho de menina sorriu maliciosamente. Quando se tem dezoito anos, bem se pode sorrir à perspectiva de envelhecer por brincadeira.

Silvana Mangano é, no filme, Rosária, a mulher que desencadeia tôda a tragédia na casa de Rocco. Nasceu em Roma e deve ter herdado da mãe, que é inglêsa, aquêle temperamento frio, esquivo, que a torna calada e melancólica. Tem os cabelos vermelhos e as inevitáveis sardas, sorri raramente e quase a contragosto, talvez porque lhe disseram que seu sorriso não é fotogênico. Estudou bailado com Jia Ruskaia e em 1946 foi proclamada Miss Roma, obtendo por isso u'a modesta ponta no filme "L'Elisir d'amore", onde passou despercebida. Em seguida foi modêlo na casa de modas Mascetti, até que o regista De Santis lhe confiou um papel mais importante no filme "Riso amaro", que a tornou famosa. Agora é a vez de Coletti que a escolheu para "O Lôbo da Sila".



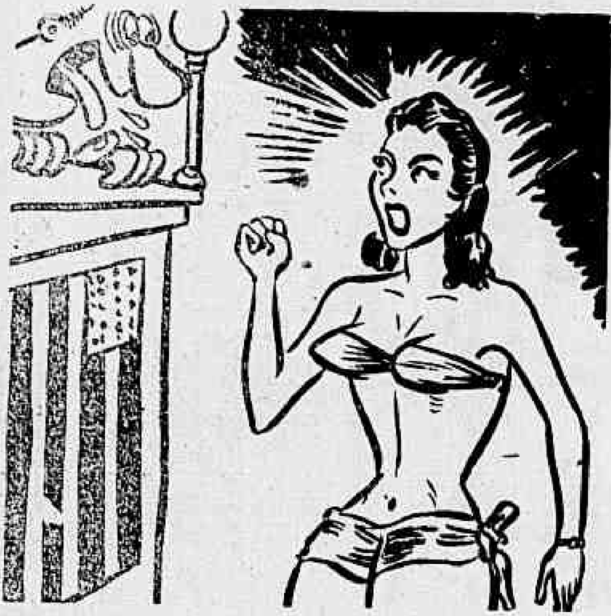
GIAN — Adriano Rimoldi na vida real — é o contrabandista reacionário que, seduzido pela professora Teresa, aprende a ler e a escrever, para melhor cuidar da política. A chegada da jovem professora na aldeia dividiu os



pacatos habitantes em dois campos opostos. Dessa situação nasce a briga com a guarda de fronteira, a fuga para um grade centro, a morte e o casamento «in extremis»...



TUDO ISTO ACONTECEU

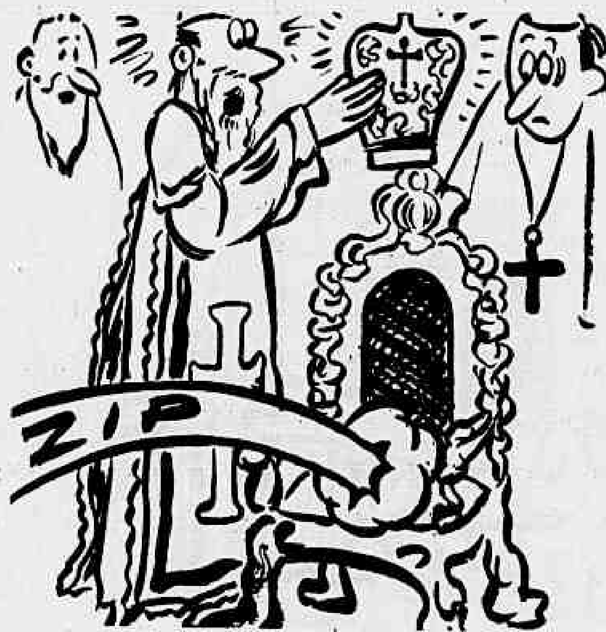


PROVA DECISIVA

DIZER e não provar não é dizer. Isto é um aforisma latino muito usado entre os senhores advogados e juízes. Não basta acusar. E' preciso provar. Mas, como é natural, há certos meios de prova que exigem dos visados algum sacrifício moral que faz corar os mais pudicos. Um episódio bastante comentado e que encheu o noticiário da imprensa de Los Angeles foi aquêle de Miss Billie June Palinkas. Essa jovem de peregrina beleza, possuidora de escultural corpo, teve sua fotografia publicada numa revista daquela cidade, em trajes de banhos de mar, porém encimada por uma legenda que muito a indignou. Que dizia a revista? Apenas isto: Billie tinha uma cicatriz que a escondia com maiô. Muita gente procurava por todos os meios descobrir o lugar da cicatriz da formosa Palinkas; mas, apesar da exiguidade do "bikini", uma tanguinha de poucos centímetros, muito mais revolucionária do que a que usa por aqui a paganíssima Elvira, não houve quem encontrasse vestígios da tal cicatriz. A injuriada, porém, não deu por encerrado o caso e moveu uma ação contra a revista. Ou provava, ou pagaria uma indenização de mil e quinhentos dólares. Mas como provar-se? Aí é que estava o negócio encrencado. Teríamos no "Forum" de Los Angeles uma nova edição de Friné no Areópago? Teria Miss Billie June Palinkas bastante coragem para provar, diante de juízes, jurados, assistência, acusador e advogados, que estava sendo vítima de leviandades e calúnias da revista? Teve. Foi ao tribunal com seus diminutos vestuários de banho e ali provou que não tinha nenhuma cicatriz. E ganhou 1.500 dólares...

NÃO QUIS SER BISPO

CASO raro, raríssimo ou mesmo inédito na história da Igreja Católica, acaba de verificar-se no templo de Santo Estêvão, na capital de Viena. Vejamos o ocorrido através de um telegrama da United Press para a imprensa do Rio: — VIENA, 23 — Um padre católico teve hoje uma atitude destinada a tornar-se histórica para a Igreja de Roma. Envergando as vestes da liturgia na famosa igreja de Santo Estêvão, nesta capital, o sacerdote Franz Jachyn retirou-se do altar-mor e do próprio templo, quando ia ser sagrado bispo pelo cardeal Theodor Innitzer, chefe da Igreja Católica na Áustria. Dirigindo-se ao cardeal, primeiro em latim e depois em alemão, o padre Jachyn disse que não se sentia digno da honra de ser elevado ao Bispado. Em seguida, ergueu-se, deixou o altar e encaminhou-se para fora da igreja, onde tomou seu automóvel, regressando à sua residência sem atender aos pedidos de amigos e de outros sacerdotes que queriam dissuadi-lo dêsse ato. O padre Jachyn havia sido recentemente designado pelo Papa Pio XII para coordenador arquiepiscopal e fôra acompanhado até ao altar pelo arcebispo Manratn e pelo bispo Seidl, os quais ficaram estupefatos com sua súbita atitude. Nenhuma autoridade eclesiástica deu ainda qualquer explicação ou fêz qualquer comentário sôbre o acontecimento". Eis o que nos transmite o telegrama da U.P. de Viena e que constitui, evidentemente, um fato inédito nos anais multi-seculares da Igreja Católica. A escala hierárquica é, em tôdas as associações humanas, um sonho dos que às mesmas pertencem, e quando um padre chega a bispo, já realizou o seu sonho.



PELOS OLHOS DA CARA

O dr. Yasushi Nakamura, professor da Universidade Médica Nipônica de Tóquio, está obtendo enorme sucesso na sua clínica oculista, fazendo que seus clientes cegos reconquistem a luz do dia mediante enxêrto de córneas de mortos em órbita ocular de gente viva. Embora o processo e a técnica não sejam novidades, êsse professor tem feito a felicidade de muito cego que agora está vendo como via antes de perder a vista.

Diz o médico japonês que cêrca de setenta por cento dos pacientes de sua clínica ficaram vendo tão bem como dantes. Mas o que atrapalha o serviço é a carência de córneas frescas. Por isso sugeriu a fundação do Banco de Olhos, coisa semelhante aos Bancos de Sangue. Se conseguisse fundar êsse estabelecimento, poderia restituir a visão a mais de dez mil dos cegos de Tóquio. Para obter os meios necessários a tão importante empreendimento, o dr. Nakamura aproveitou uma das sessões da Associação Médica Japonêsa, onde proferiu uma conferência documentada por filmes projetados numa tela, mostrando seu processo. A Associação, reconhecendo o valor do velho professor de Tóquio, ofereceu-lhe um rico presente como homenagem ao mestre que conseguiu no país passo tão transcendental na luta contra a cegueira. Mas o que deseja o médico oculista não é palavrório nem honrarias e sim o Banco de Olhos. Basta que os donos de cadáveres doem os olhos dos seus mortos. Contudo, um fato inesperado sucedeu: logo que se divulgou a notícia de que êle estava interessado em olhos, choveram as pessoas que desejavam vender os olhos da cara! Mesmo antes de ser defuntos...

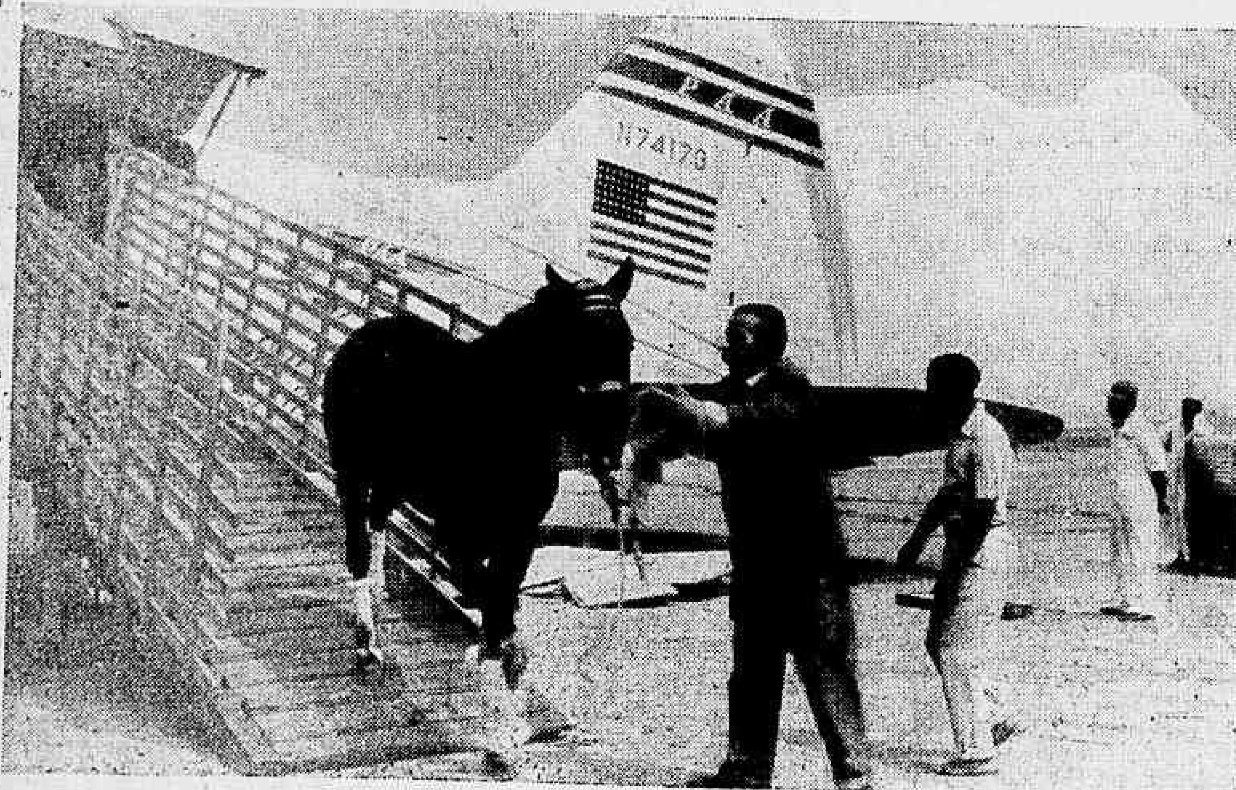


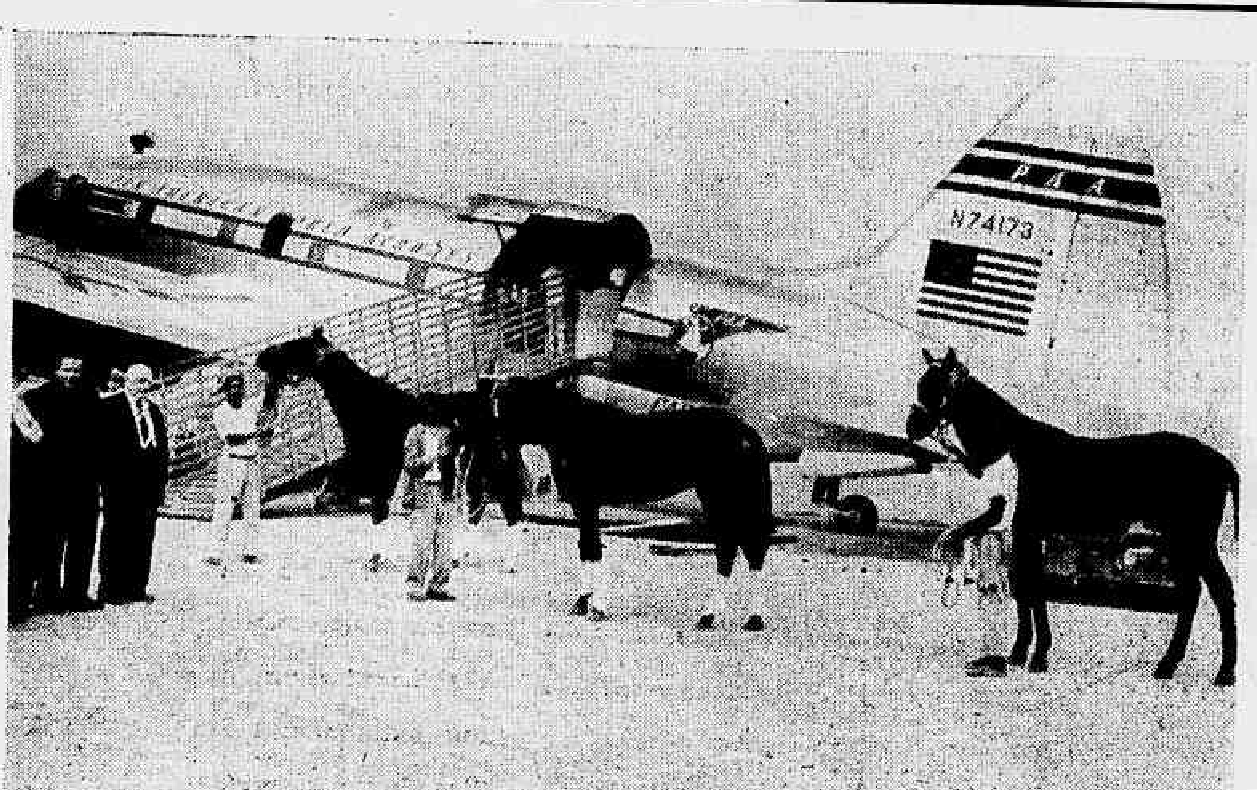
MATOU-SE POR FALTA DE CASA



O problema da moradia já tem provocado diversos suicídios entre a população do Rio; mas nenhum deles se revestiu de tanta emotividade como êsse que vitimou o quase setuagenário Antônio Santos Canavezas, português, viuvo e operário. Canavezas residia há 42 anos numa casa do bairro das Laranjeiras, com sua família. Habituara-se ao ambiente. Aquelas montanhas, o Corcovado, o ar bucólico do agradável recanto do Rio, tudo contribuía para que Canavezas gostasse dali e por ali fôsse ficando

Na casinha das Laranjeiras nasceram-lhe os filhos e ali se criaram. O velho português tinha um amor imenso ao bairro. Mas como tudo o que é ruim pode acontecer a um homem desiludido e já com uma coroa de cabelos brancos, um dia Canavezas foi procurado por um cidadão que exigiu a entrega da casa. Para onde ir, meu Deus? — exclamou o velho operário olhando para o Cristo do Corcovado. Numa época em que um simples buraco trepado aí pelos morros custa uma fortuna apesar de estar sempre sujeito a ser demolido, como poderia êle saír daquela casa onde morava há quase meio século? Mas Canavezas era obediente e disciplinado. Se o dono da casa precisava dela, nada mais lhe restava do que desocupá-la o mais depressa possível. E abandonou a casa, indo morar em companhia de um filho em Catumbi. Isso se passou no ano recém-findo. O operário nunca pôde ocultar seu desgôsto. Vivia acabrunhado, triste, desolado. Por mais que os filhos procurassem distraí-lo, êle estava sempre pesaroso. Era a saudade do antigo lar, da casa das Laranjeiras onde nasceram os filhos e se criaram... E não suportando mais a melancolia, envenenou-se, deixando êste bilhete: «Procurando casa e não encontrando, só na morte encontrei. E' um sem-vergonha de menos no mundo...».

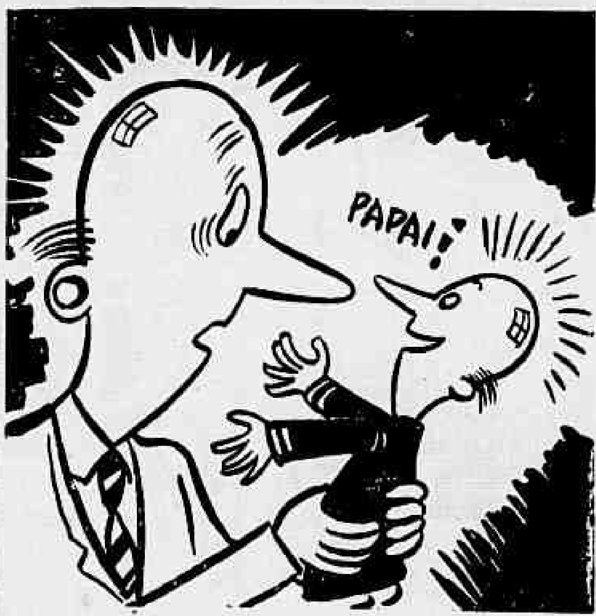




OS PURO-SANGUE VIAJAM DE AVIÃO

A iniciativa da Pan-American World Airways adaptando cargueiros especialmente para o transporte de animais de grande porte, mormente no que diz respeito a exemplares de raça equina, está promovendo um apreciável intercâmbio entre os países do continente, assim como o fomento da exportação de puro-sangue. É que as viagens por via aérea proporcionam para os animais a rapidez e o confôrto dos clippers cargueiros, animando os exportadores e os importadores a atividades mais amplas, visto que o transporte se processa com a presteza e as garantias iguais às que se empregam na execução das negociações. Foi o que se deu dias atrás quando chegou ao Rio mais um lote de puro-sangue argentinos, importados por «turfmen» cariocas para disputarem no Hipódromo da Gávea. Vêem-se, nas gravuras, dois flagrantes da chegada. Um dos puro-sangue descendo o plano inclinado da carlinga do avião até o solo, e no centro, os três animais que viajaram de Buenos Aires até o Galeão.

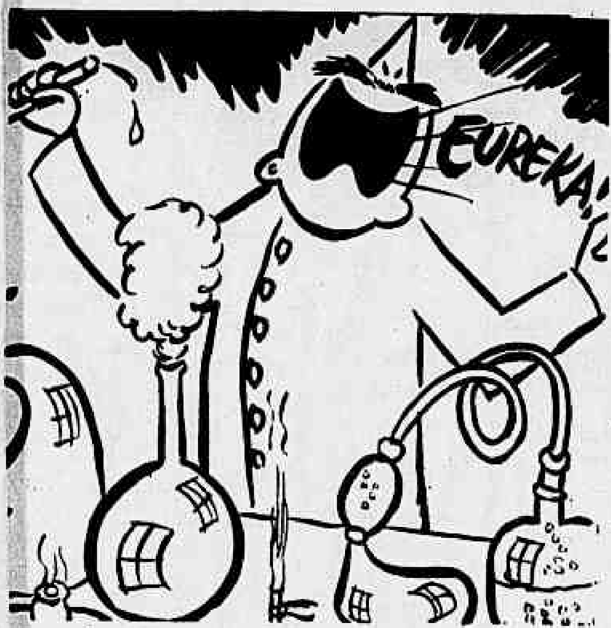
MÁ NOTÍCIA PARA OS CARECAS



LOGO que começaram a surgir carecas em quantidade mais ou menos alarmante... para os fabricantes de pentes e brilhantinas, houve reuniões de técnicos em ciência capilar, com o fim explícito de encontrar-se um meio que detivesse a avassaladora queda dos cabelos do crânio dos homens. Essa luta de laboratórios vem sendo mantida com a maior vivacidade em tôdas as partes do mundo civilizado. Embora a careca seja até um tanto respeitável por dar ao seu portador uns ares de distinção intelectual, não há careca neste mundo que não deseje ficar "cabeleira", mesmo que não seja dêstes que "elas gostem mais"... Infelizmente, até hoje, apesar dos anúncios promissores de tônicos e cosméticos, a pandemia do carequismo continua a avançar nos altos da cabeça dos senhores homens já havendo mesmo casos de carecas no mundo feminino.

Diante dessa situação aflitiva, houve em Nova York uma reunião dos mais famosos médicos nos salões do Museu de Ciências Naturais, para o fim exclusivo de estudarem as causas da crescente queda do cabelo na cabeça dos homens, convertendo-os em carecas. Todos os convencionais apareceram com suas teses, memórias e sugestões, travando-se acesos debates, contribuindo ainda mais para a queda de muitos cabelos das cabeças daqueles sábios. Por fim o professor Marion Sulyberger, da Universidade de Nova York, expôs a opinião desanimadora de que a queda do cabelo, bem como o desaparecimento das caudas de certos animais, é uma função da evolução da espécie e que, por isso mesmo, todos os homens acabarão carecas! Outros colegas professôres de outras universidades concordaram com êle e ficou provado que a careca é hereditária!

FABRICAÇÃO DE OURO



PODE-SE fabricar ouro? Desde os mais remotos tempos que o homem vem procurando realizar êste sonho: misturar certos minerais baratos, levá-los a alta temperatura, misturando tudo em soluções químicas e daí... obter ouro puro, de lei!

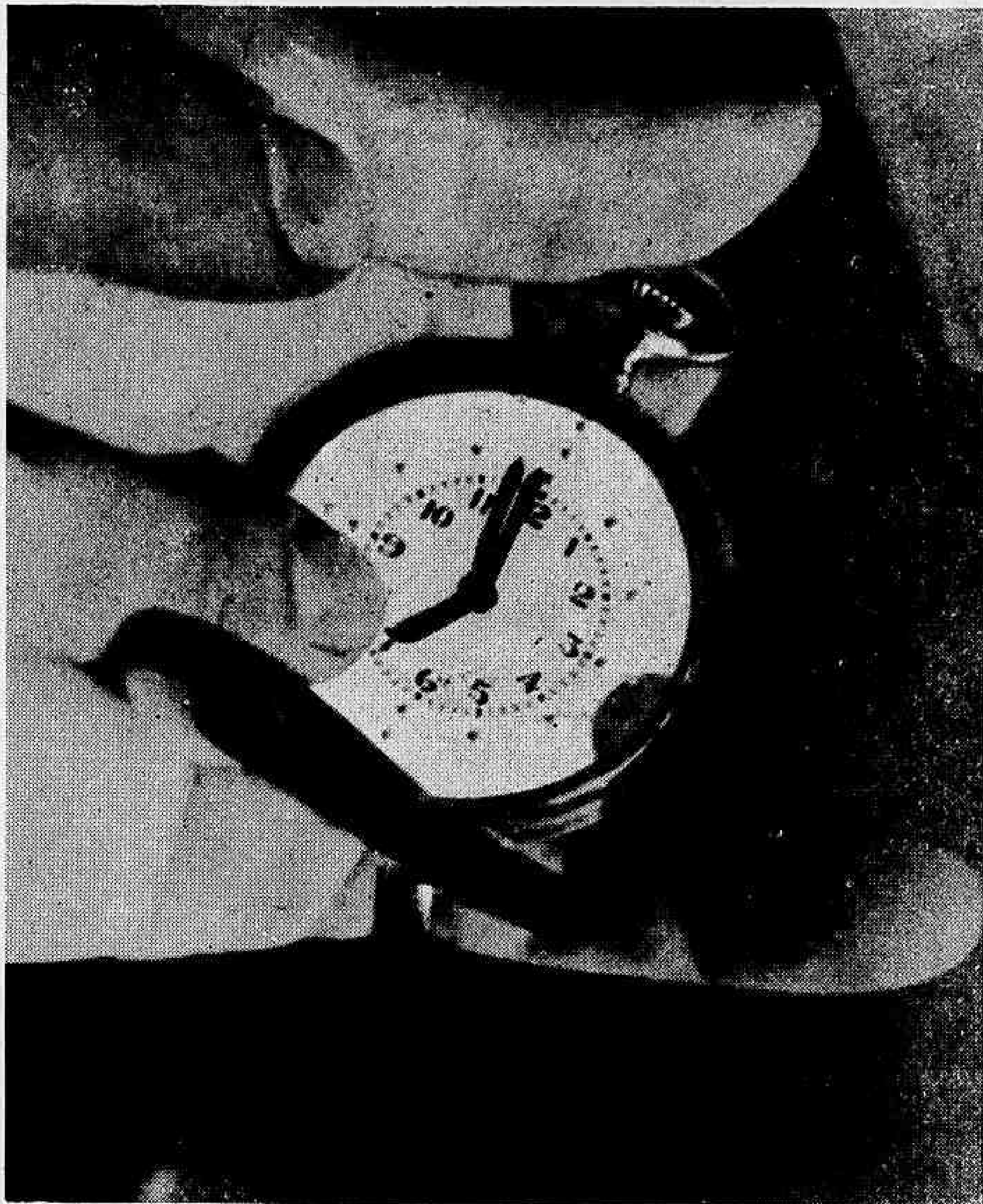
Sôbre isso já diziam os latinos: "Auri sacra fames", que, em linguagem nossa, quer dizer: a louca sêde do ouro. Na verdade, todos nós andamos loucos por ouro. Ouro em barras, ouro em moedas, ouro em dólares, ouro como crédito, como conversibilidade, como saldo de trocas comerciais entre nações, ouro, ouro e ouro. Mas, infelizmente, até agora só se consegue ouro cavando as grupiaras, bateando em rios insalubres, perfurando montanhas até profundidades incríveis. E isso dá muito trabalho... O ideal, isto sim, era que os sábios descobrissem um meio químico de fabricar ouro tão bom como o que os mistérios da Natureza nos oferecem. O sonho dos alquimistas! Contudo, se chegássemos a êsse resultado, o valor do ouro desaparecia, cedendo lugar a um dos ingredientes ou a vários de que viesse a ser feito artificialmente. E caímos nesta nova dificuldade, neste outro ensejo: arranjar os elementos com que fabricar ouro... A humanidade nunca está satisfeita com o que tem. Sua condenação é a de viver sempre em buscas e ânsias, atrás de coisas de que não pode lançar mão com facilidade. E' a lei do progresso, dizem os senhores sociólogos. Pois agora mesmo uns cientistas norte-americanos declararam ter descoberto o processo de fazer ouro de lei. Mas, antes que alguns "trusts" lhes fizessem propostas mirabolantes, declararam que o assunto não interessa, pois o ouro artificial que conseguiram fabricar é mistura de platina e mercúrio... Nada feito!

PROVA PRÁTICA



AS faíscas elétricas provocadas pelas tempestades sempre causaram acidentes, mortes, destruição no patrimônio do homem, quando os raios e coriscos nos atingem em cheio. Faz poucos dias uma senhora foi fulminada quando amamentava o filhinho de pouco mais de um ano, pela faísca de um raio que lhe acertou a casa humilde num dos subúrbios de Niterói. Ela morreu e a criancinha escapou bastante queimada.

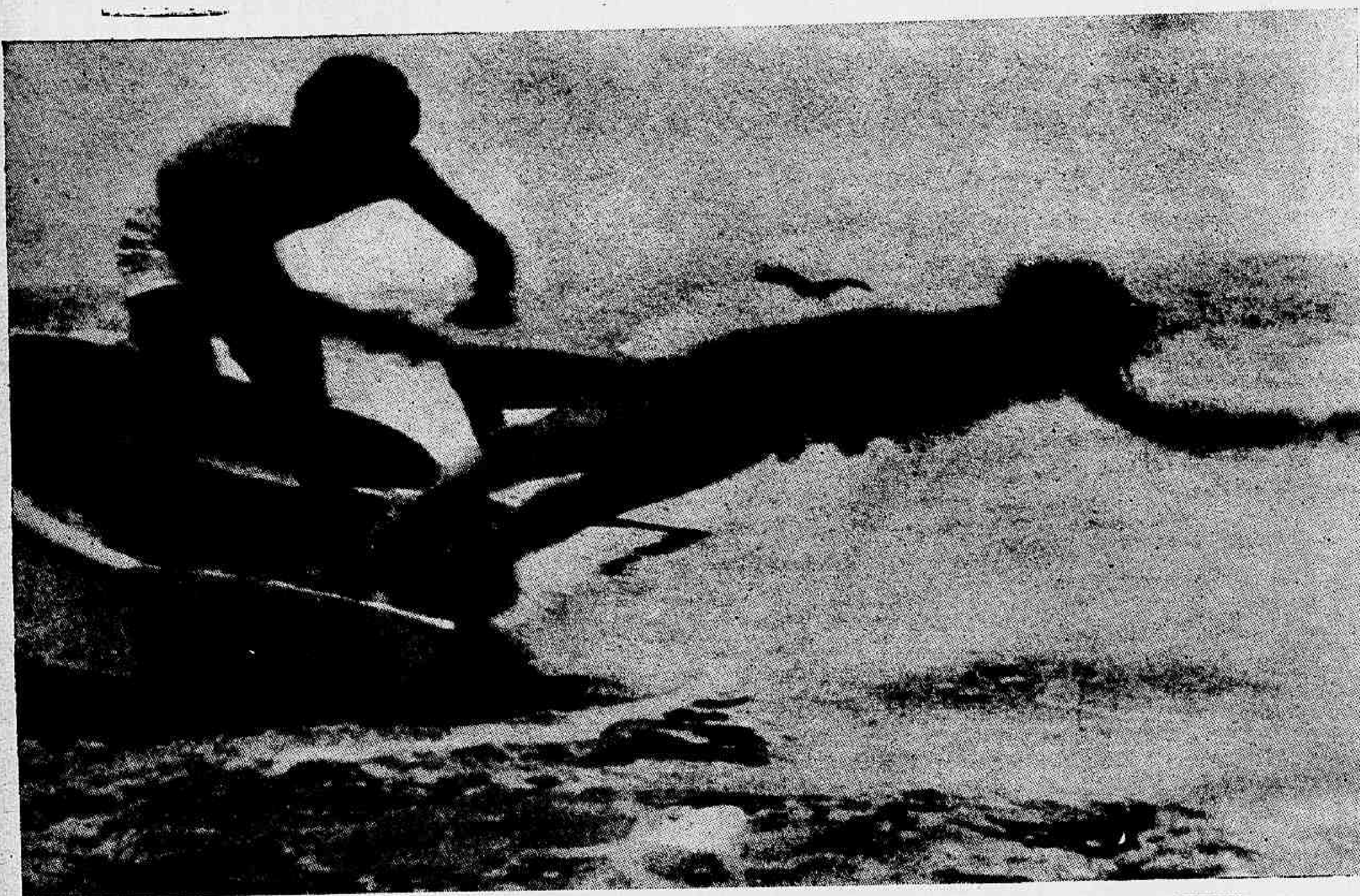
Nos tempos antigos, quando Roma e Atenas, com suas civilizações abarcavam o mundo ocidental, essas explosões da Natureza em fúria eram manifestações de deuses vingadores... Júpiter se zangava e ordenava a Vulcano a expedição de raios violentos sôbre a Terra. Na Grécia era a mesma coisa, mudando-se apenas o nome aos deuses... Entre os selvagens de todo o mundo imperava a mesma idéia, e entre egípcios e africanos se dava o mesmo. Felizmente surgiu um dos maiores gênios da humanidade, Benjamin Franklin, que, com seu engenhoso papagaio conduzindo uma chave de ferro, descobriu a natureza do raio e o dominou, inventando o pára-raios. Mas, por incrível que pareça, ainda há muita gente que não acredita no poder do pára-raios e acha que quando o raio vem à terra é mesmo para matar e queimar. Para convencer tais pessoas há um meio: uma prova real. Foi o que fizeram diretores das usinas "Westinghouse Electric", de Sunnyvale, na California, Estados Unidos. Montaram um equipamento especial de transformadores e fabricaram raios artificiais com o potencial de 2.400.000 volts. Ao lado havia um grande depósito de materiais diversos e no oposto uma escola, com um pára-raios. Quando o raio foi desferido sôbre o depósito, êste se incendiou; mas o pára-raios da escola anulou raios idênticos.



O RELÓGIO BRAILLE E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS CEGOS

Entre os problemas surgidos logo em seguida à Primeira Guerra Mundial, figurou a reabilitação dos incapacitados Não pode deixar de ser parte dêsse louvável esfôrço de reabilitação a preocupação de facilitar o conhecimento das horas aos que ficaram impossibilitados de ver. Encorajada pela Cruz Vermelha, a neutra Suíça acrescentou mais essa vitória humanitária ao seu grande acervo. Inicialmente, decidiu-se que o relógio devia ser da mesma qualidade dos que há séculos vêm mantendo a fama da principal indústria suíça. Com a Segunda Guerra Mundial, essa necessidade tornou-se mais aguda. Os engenheiros criaram uma caixa e um mostrador braille para um relógio padrão de 17 rubis. Hoje, de 30 a 40.000 relógios são produzidos anualmente. Por cima de cada número há no mostrador um sinal em relêvo, semelhante aos usados nos livros braille. O mostrador é feito de esmalte branco e lavável. Não há vidro, de modo que a pessoa pode sentir diretamente o mostrador, que é protegido por uma tampa de metal, que se abre quando se comprime a corôa. Os ponteiros, feitos de aço especial, podem voltar à posição normal tôda vez que um impulso acidental das mãos os encurve. Nas fotos, vêem-se dois exemplares dos modernos relógios braille.





SEMPRE HA' UMA TESTEMUNHA

O fato aconteceu em frente a Malibu Beach, na California. A «estrêla» Gina Carr passeava de barco com o ator Richard Tide. Na praia, uma senhora de nome Dorothy Gunn, estava tirando fotografias com sua máquina ultrarápida provida de teleobjetiva. E aí está o que a senhora viu e o seu aparelho registrou. Na foto de cima: Gina Carr cai dentro dágua. Richard tenta segurá-la pelo maillot de corpo inteiro. O maillot rasga-se e Gina, caindo, bate numa pedra que se achava escondida pelas águas. Na foto inferior: Richard jogou-se logo ao mar para salvar a companheira e de fato consegue pescá-la. Arrasta-a até à arrebentação das ondas na praia e depois crrega-a nos braços, desmaiada e nua, depositando-a na areia. Teve ocsião de declarar depois: «O salvamento foi fácil, mas nunca eu estive tão atrapalhado». Pudera!



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Joe «Punhos de Aço» (Carlos Duarte) ....
A festa da melancia (Carlos Galvão Krebs) ....
«Boa-vizinhança» nos teatros (Sabino Canalini) ....
Coisas típicas do Maranhão: «O Bumba - meu - boi» (Barnabé de Campos) ....
Londres e suas estátuas (Chris Wake) ....

LITERATURA

Um chôro em três continentes (Celestino Silveira) ....
Aparecida (Gipson de Freitas) ....
O admirador misterioso (G. Gastão Bussamara) ....

HUMORISMO

Sete dias em revista (Théo) ......
Pergunta (Nicodemus) ....

FEMININAS

Noivas de maio — «Os mistérios do amor» ....
Em cetim e tafetá ....
Sugestões interessantes ....
Para as noivas e as damas ....
Em nylon ....
Modelos em organza ....
Para as acompanhantes ....
Para as madrinhas ....
Intimidade ....
Civil ....
Viagem ....
Variadas ....
Week-end na cozinha 46

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista — Personagem da semana ....
Puxe pelo cérebro ....
A saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) ....
Música (Roberto Lyra Filho) ....
Tudo isto aconteceu 56

CINEMA

Dois filmes neo-realistas italianos 54

FOLHETIM

Eu amava outro homem ....

FOTOS

Arnaldo Vieira
Carlos G. Krebs
Adir Vieira
Keystone
Avulsas

BONECOS

Rafael

ILUSTRAÇAO

Armando Pacheco

★

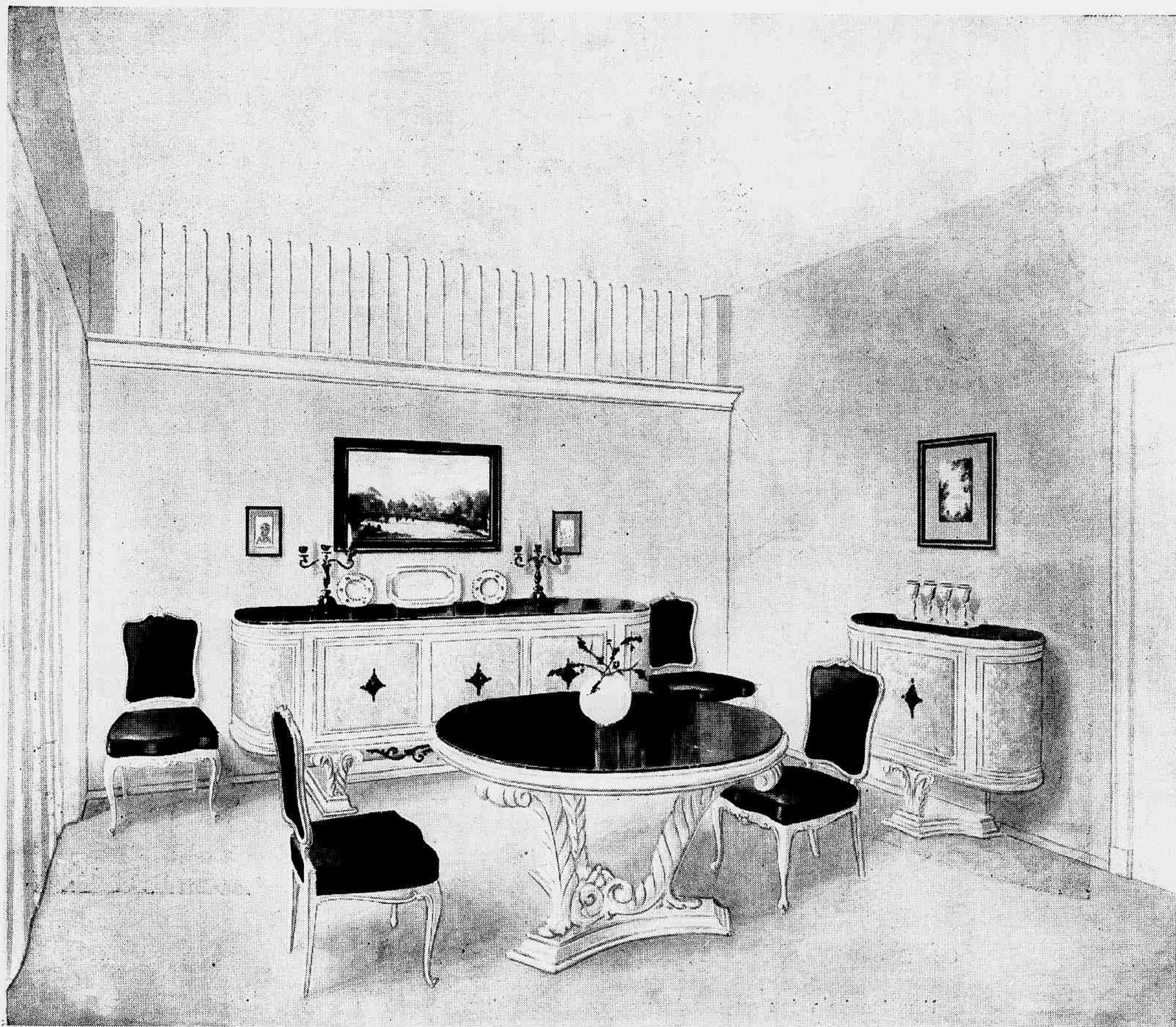
NOSSA CAPA

Ingrid Bergman — (RKO)

Puxe pelo cérebro

RESPOSTAS AO TESTE

1 — O lema Ordem e Progresso.
2 — 1742 (30 de março).
3 — O Conde de Rezende.
4 — Por suas composições de músicas sacras.
5 — José Mauricio Nunes Garcia.
6 — No Pará (em 1727).
7 — Da Guiana Francesa.
8 — Francisco de Melo Palheta.
9 — 21 anos.
10 — Dificuldade em pronunciar as palavras.
11 — Próximo à ilha de Malta (2 ... metros).
12 — Antes do nascimento (... meses).
13 — Cento e oito.
14 — Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero.
15 — Os dois versos de seis sílabas formam um alexandrino.
16 — Do Maranhão.
17 — Hifen.
18 — Semântica.
19 — Na extremidade da cauda.
20 — Grafia certa.



Projeto e execução da
CASA NUNES

Mobiliários e Decorações

Orçamentos executados por técnicos-decoradores

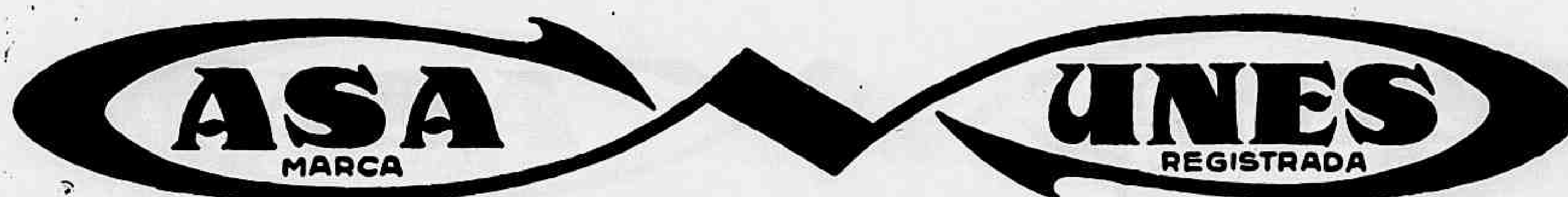
ESPECIALIDADE EM

Grupos Estofados

PARA ENTREGA IMEDIATA

Tapetes e Passadeiras

de todo o mundo fabricados especialmente para a



65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca.

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

88.049 H